



O Segredo de Sarah

Cláudia Sátiro

PERIGOSAS NACIONAIS

CLÁUDIA SÁTIRO



Publicação Independente
Brasil
2018

PERIGOSAS ACHERON

*“Faça com que minha solidão me sirva de
companhia.
Faça com que eu tenha a coragem de me enfrentar.
Faça com que eu saiba ficar com o nada
E mesmo assim me sentir
Como se estivesse plena de tudo.”*

Clarice Lispector

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

O SEGREDO DE SARAH

© 2018 Cláudia Sátiro

Arte da capa:

Revisão: Betti Pellizzer

Diagramação de e-book: Raredes Serviços Editoriais

SÁTIRO, Cláudia.

O segredo de Sarah/Cláudia Sátiro; 2018.

1 – Romance; 2 – Literatura brasileira

Publicação independente

Esta é uma obra de ficção. Qualquer semelhança com acontecimentos reais, nomes de pessoas ou lugares terá sido mera coincidência.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Esta é uma obra protegida pela Lei de Direitos Autorais, sendo proibida sua reprodução total ou parcial, por qualquer meio, sem expressa autorização da autora.

PERIGOSAS ACHERON

Índice

[Índice](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo Um](#)

[Capítulo Dois](#)

[Capítulo Três](#)

[Capítulo Quatro](#)

[Capítulo Cinco](#)

[Capítulo Seis](#)

[Capítulo Sete](#)

[Capítulo Oito](#)

[Capítulo Nove](#)

[Capítulo Dez](#)

[Capítulo Onze](#)

[Capítulo Doze](#)

[Capítulo Treze](#)

[Epílogo](#)

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Prólogo

A dor não vai mais me alcançar, o medo nunca mais me deterá, eu serei forte por você e por tudo o que você é em minha vida.

Um dia ouvi dizer que a música encontra as pessoas, que basta fechar os olhos e escutar os milhares de sons que existem por aí. Posso dizer que a dança faz a mesma coisa acontecer comigo. Eu nunca quis dançar, mas ela me quis dançando. Foi dançando que aprendi a lutar, lutar mais que minhas forças, ser grande, correr atrás do que realmente é importante e isso me fez melhor, me fez ter fé. Foi dançando que aprendi a amar, amar mais que minha vida, porque, de repente, a vida começou a fazer sentido.

Não sou o melhor exemplo a ser seguindo, mas posso garantir que fui uma boa filha, uma boa aluna, uma boa amiga, e vivi um grande amor. As mentiras que cultivei em minha vida foram frutos

PERIGOSAS NACIONAIS

de mentiras da vida de outras pessoas, todo ser humano nasce com o direito de ser feliz, de escolher seus caminhos. Meus pais trancaram as minhas portas, e isso me transformou no que sou, uma guerreira.

Eu criei minhas oportunidades e abri minhas próprias portas, fui feliz, sou feliz. Mas tudo tem consequência. Toda glória tem seu preço.

Inocente, eu pensava que meus pais fossem o meu maior problema. Eu estava enganada.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo Um

Eu precisava encontrar um ponto inicial para começar a contar minha história, não posso contar do dia que nasci, porque não são minhas as lembranças, mesmo sabendo que todas as coisas começam no ventre, mas para mim começou naquela noite, e é por ela que vou começar.

Meu nome é Sarah Barelli Delgado, tenho vinte e um anos de idade, mas naquela noite, eu estava completando dezoito. Hoje eu consigo entender melhor por que meu coração batia tão acelerado naquela noite: ele já sabia tudo o que estava por vir.

Eu olhei mais uma vez para o relógio na parede. A cada segundo que passava, eu ficava mais atrasada. Meus pais mudaram, pela primeira vez em anos, a rotina da casa, e minha mãe resolveu cantar às nove da noite. Para dor e desespero do meu coração que se encontrava aflito, a casa não estava em silêncio, mesmo assim eu o

ouvira, eu ouvia meu coração me dizer que aquele seria o dia de mudanças em minha vida; ou melhor, à noite. Eu conseguia até sentir a onda de adrenalina entrar no meu quarto passando pelos conhecidos móveis cor-de-rosa, e levando para longe aquelas fortes lembranças infantis.

Eu nem me dei conta de que estava sentada no chão do meu quarto havia quase uma hora. Eu tentava odiar aquele quarto, mas no fundo eu o amava. Foi lá que passei dezoito anos de minha vida, alguns dias tristes ou dolorosos, porque a dor e a tristeza são coisas diferentes; já me senti completamente feliz ainda que uma dor cortante machucasse meu corpo, mas já deixei a tristeza entrar em mim, mesmo não sentindo nenhum tipo de dor.

Eu não escolhi a vida que eu tinha, muito mesmo a decoração do quarto. A cama cor-de-rosa com dossel de princesa, a penteadeira rosa-pink com flores coloridas, o tapete branco felpudo que me impedia de sentir o chão, assim como todo o resto, as cortinas, o closet, o banheiro. Tudo incrivelmente diferente de mim e tão meu, a infância cuidadosa que meus bons pais me haviam dado, a infância sufocante que eles me haviam

obrigado a ter.

Aquela noite não deveria ser tão diferente das outras. Como sempre, meus pais serviriam o jantar às sete horas pontualmente. A mesa estaria, como sempre, impecável; a conversa se resumiria a assuntos da igreja; e minha mãe seria a mais falante, ela falaria das honras que a igreja lhe concedia por ser tão generosa para com pessoas menos favorecidas. Após o jantar, em nossos quartos, às nove horas, o murmúrio das orações deveria selar o silêncio da noite, e era esse o silêncio que eu tanto esperava para começar a dar asas ao meu sofrido coração, mas naquela importante noite, talvez por graça do destino, minha mãe serviu o jantar mais tarde e, após o jantar, quis a família reunida na sala para celebrar o fato de estarmos juntos e, somente às dez horas da noite, recebi permissão para subir para meu quarto. Ainda assim, minha mãe continuou a cantar no cômodo ao lado, dificultando o meu silencioso grito de liberdade, se isso é possível.

Por fim, às dez e quarenta, o silêncio tomou conta da casa, então, como sempre, corri para minha cama e esperei a visita da minha mãe, que beijou meu o rosto e me desejou boa noite,

deixando-me sozinha no escuro do quarto. A parte mais difícil da minha rotina noturna era conter a euforia. Então, tentando me manter calma, eu descia da cama e abria a janela, descia com cuidado pelo canto do telhado até chegar na árvore do jardim; lá, eu subia na árvore e descia para o chão. Lidia quase sempre já me esperava do outro lado da rua no carro verde do seu pai. Você pode perguntar: “Por que tudo isso para sair de casa?”. Eu vou contar, antes, porém, vou falar sobre Lidia e sobre o motivo de toda euforia

Mesmo contra a vontade dos meus pais, Lidia, a loira curiosa da escola, insistiu tanto, que conseguiu criar comigo uma grande amizade. Conheci Lidia na terceira série do Ensino Fundamental, quando ela ainda usava chuquinhas e brilho com glitter; hoje ela tem seios fartos e para o trânsito com o tamanho de sua beleza; e continuo sem entender por que ela quis tanto ser minha amiga. Mas eu não reclamo, só agradeço a Deus aquele anjo em minha vida. Como em toda cidade pequena, estudávamos na mesma escola. Ela, como já mencionei, é loira, bonita, tem cabelos longos e rosto bem desenhado, além de uma boa educação. Em minha escola não tinha essa coisa de popular ou

não popular, mas se tivesse, ela seria uma popular. Quem não conhecia Lidia Ferraz, ou quem não queria ser amiga dela? Diferente dela, eu não tinha permissão para ter amigos. Meus pais diziam que crianças tinham péssimos hábitos e muitas bactérias, e eu jamais vou esquecer a cara de bactéria da minha mãe, então eu ficava longe daquelas crianças e suas bactérias, e elas ficavam longe de mim e dos meus T.O.C.s. Não me importava muito, eu tinha tudo que o dinheiro podia comprar, era a mais rica da escola. No entanto, aquela menina desbotada de cabelos escorridos e boca cor-de-rosa insistia em passar suas bactérias para mim. Ela insistia em dividir seu lanche, em me convidar para estudarmos juntas, ela me seguia na biblioteca, e se sentava perto de mim nas aulas. Eu não lhe dava a mínima, ignorar era algo que eu amava fazer. Mas na quarta série, eu me vi obrigada a falar com ela. Era quase o final do ano letivo, e havia uma coisa que queria muito e o meu dinheiro não podia comprar, nem minha mania de ignorar. Mas a Lidia, como líder da sala e representante escolar, podia, então eu a procurei e, sem rodeios, falei:

— Quero fazer parte da peça de fim de ano da

escola, posso?

Lidia conseguiu um papel importante para mim. Como? Não sei. Ela me ajudou nos ensaios e nas fantasias, foi a primeira vez que pude contar com alguém que não fossem meus pais ou as empregadas de casa, e foi muito bom. A menina era demais: alegre e divertida. Mais uma vez, quero explicar que, para mim, essas duas palavras têm diferenças. Uma pessoa alegre está sempre de bem com a vida e vive feliz; uma pessoa divertida nem sempre é feliz, mas sempre consegue fazer as outras pessoas felizes. Lidia me fazia feliz. Ela conseguia fazer mil coisas, e sempre ser gentil com as pessoas. No começo, eu até pensei que ela era retardada, mas não, ela só era uma garota legal.

Ela, assim como eu, não havia nascido em Realengo. Seus pais se mudaram para lá quando ela era pequena, e se tornaram donos do mais popular mercado da cidade, o que não queria dizer muito, porque mercado de cidade pequena nunca chega a ser um Wal-Mart da vida, mas era útil. A mãe dela, não sei por quê, me lembrava uma joaninha verde e desengonçada; e seu pai parecia um naturalista louco, barbudo, magro e de incríveis olhos verdes, um bom homem. Ela tinha a família que eu sempre

quis.

A Lidia tinha uma criação diferente da minha, ela podia ir onde quisesse, ter amigos, frequentar suas casas, ir em passeios. Ela tinha a infância que eu tinha nos meus sonhos, e era incrível. Quando ela chegava de um passeio, da praia por exemplo, ela perdia todo o intervalo da aula me contando como tinha sido, e eu conseguia, através de seus olhos, saber como era estar lá. Era assim quando éramos crianças, é assim até hoje.

Mas nossa amizade mal havia se formado, e já começava a passar por situações complicadas a primeira delas foi no grande dia, o dia da peça.

Eu era a bailarina do soldadinho de chumbo, vestia uma linda roupa de balé cor-de-rosa. Eu estava radiante, havia tempos não sentia dor, a não ser pelos ensaios da peça nos intervalos. Eu aprendi um pouco sobre balé e me apaixonei por aquela dança, então, às escondidas, eu comecei a comprar fitas cassetes de aulas de dança e, toda noite, após meus pais irem dormir, eu ensaiava por horas, e aqueles ensaios me deram muitas roxas e calos em meus pés, o que me fazia sentir dor quando eu ficava nas pontas dos pés, mas era uma dor incrivelmente bem-vinda, era a dor da minha

primeira paixão, simples assim.

Bem, como eu já sabia o que meus pais pensavam sobre grupo, projeto de escola e todas essas baboseiras, eu resolvi não contar sobre minha participação na peça, e muito menos sobre minha paixão por dança. Enfim, foi uma surpresa para eles, e todos souberam disso quando meu pai subiu no palco e me puxou pelo braço dizendo palavras ofensivas para a professora e para a Lidia que chorou no canto do palco. Um verdadeiro show. Chorei tanto aquele dia... Foi a primeira vez que eu quis morrer.

Enfim, depois daquele episódio fatídico, a Lidia se superou e me encantou quando me procurou.

— Você ainda quer ser minha amiga?

— Você tem problemas, Lidia. — Rimos muito

Ela conseguiu aulas escondidas durante a noite para mim. Eu, ela e João fazíamos balé às dez horas da noite, três vezes por semana. Eu, por não ter permissão; a Lidia para me acompanhar; e o João por vergonha dos amigos. Nossa professora era a mesma que havia nos ajudado nos ensaios. Foram anos aprendendo com ela, não só aprendemos a dançar, como amadurecemos e nos tornamos fortes,

e com o término das aulas, havia chegado a hora de cada um seguir um destino. E esse destino seria decidido naquela noite, a noite que mudou minha vida.

A Lidia me olhou de dentro do carro, estava estranha, como se eu estivesse vestindo algo que ela nunca tinha visto. Eu sempre vestia vestidos longos, meus pais gostavam. Eu também gostava e, além do mais, eu parecia mais alta com eles. Já a Lidia sempre estava impecável. Parecia uma das minhas bonecas Barbie. Às vezes eu sentia um pouco de inveja dela, não por eu ser feia, porque nunca fui feia. Desde meus doze anos tenho cabelos longos, são pretos e lisos, eu sou magra e meus olhos são negros, minha pele é clara, sou alta — não como uma modelo. Tudo bem! Sou bem mais baixa do que eu gostaria, mas sou bonita. A inveja que eu tinha dela era do seu jeito “a vida sempre vai dar certo”, e acho que, por ela pensar assim, a vida sempre dava certo pra ela.

— Você está atrasada, Sarah — disse ela baixinho, como se meus pais pudessem escutá-la do

outro lado da rua no andar de cima da casa.

— Meus pais demoraram no jantar hoje, desculpa

Entrei no carro e partimos para a rua da praça onde ficava a casa onde a professora Linda nos dava aula. No caminho, conversei pouco com Lidia. Estávamos preocupadas e sem saber o que seria da gente dali para frente. Paramos nos fundos da prefeitura como de costume; João nos esperava com sua calça costumeira jeans desbotada. Acho que ele devia ter centenas de calças jeans desbotadas, mas, lindo como ele era, com aquele corpo magro e aqueles cabelos loiro-avermelhados, até um uniforme de gari lhe cairia bem.

Por ser uma cidade pequena, e a prefeitura ser mais afastada do centro, a rua estava deserta, a não ser pelo grupo de rapazes que andava de *skate* na calçada branca da prefeitura. Mas eles não me importavam. Andamos apressadamente até o João. Ele sorriu o sorriso mais lindo que alguém poderia dar. Acho que aquela noite também foi de realizações para o João, e só bem mais tarde eu fui descobrir isso. É uma pena! Eu poderia ter devolvido o sorriso lindo que ele me havia dado aquela noite, mas ao contrário disso, eu apenas

passei por ele rapidamente com Lidia no meu calcanhar, e gritamos seu nome.

— Vamos, João, não fique aí parado igual um bobão — falamos em uníssono.

Linda estava sentada à mesa com alguns papéis nas mãos. O rosto sereno parecia preocupado. Linda tinha os cabelos lisos e curtos acima dos ombros, era alta e magra, os olhos eram verde-esmeralda. Ela sempre estava de roupas de balé, acho que a única vez que a vi de jeans e camiseta foi no mercado, de longe, e ela continuava perfeita. Era viúva e não tinha filhos. Sempre dançou. Era bailarina profissional, mas se machucou e resolveu ensinar o que sabia, ela não só nos ensinava balé, ela ensinava tudo. Eu sabia que não iríamos dançar naquela noite, então nos sentamos à mesa juntamente com Linda, e esperamos paciente — ou melhor, impacientemente — ela nos dizer como seria dali para frente.

A casa dela era bonita e grande demais para uma pessoa sozinha, o piso de madeira brilhava refletindo as cortinas brancas e os enormes sofás brancos com almofadas bordadas. Ela tinha uma academia perto da escola em que dava aulas havia anos, mas em minha condição, não haveria a

mínima chance de ter aulas lá. Mas hoje posso dizer que divino ela ter aceitado abrir a porta de sua casa para nos dar aulas porque, com isso, criou um laço muito forte entre a gente.

— Vocês foram aceitos — disse ela, assim mesmo, sem meias palavras.

— Eu não sei o que eu faço com tanto orgulho, a Instituição Lambertini a melhor escola que existe no Brasil, ela aceitou vocês três.

Sua voz ficou trêmula por alguns instantes, então percebemos que ela chorava. Foram aquelas lágrimas que quebraram o clima ruim da noite, trouxeram a alegria de volta. Eram lágrimas de felicidade pelo dever cumprido. Estávamos felizes, ainda que um pouco perdidas e preocupadas. Abraçamo-nos todos. Ela chorava e sorria, nós também, então Lidia começou a falar:

— Bem, o ano letivo lá começa em dois meses, está quase tudo pronto, falta apenas você confirmar, Sarah.

De certa forma, eu sabia que a pressão maior estava em cima de mim, porque Lidia e João eram livres, eu era a presa da história, eu tinha problemas. Bem, o plano em prática seria bem fácil.

Havia alguns dias que tínhamos decidido entrar na Instituição Lambertini. Ela ficava a uma distância razoável de Realengo e era bem conceituada. De lá, já havia saído uma primeira bailarina, além de corpo de balé para companhias famosas ou grandes cantores em suas turnês; enfim, um sonho que eu queria, a Lidia queria e o João queria, além de a Linda querer por nós três.

Eu queria, mesmo sabendo o quanto meus pais me prendiam e tendo certeza de que eles nunca me deixariam fazer um ato tão insano como ir para uma outra cidade e dançar. Lógico que você se pergunta, “mas sendo você maior de dezoito, por que apenas não pega suas coisas e vai?”. Por três simples motivos: o primeiro, porque sem a ajuda de custo dos meus pais, eu não teria como pagar as aulas, nem uniformes ou material escolar; segundo motivo, meu pai era muito influente, um médico cirurgião famoso na região e, com certeza, se ele pedisse, o dono da escola não me aceitaria; e o terceiro, porém mais importante, eu amava meus pais, o carinho com o qual eles cuidavam de mim, o amor em me criar, me darem tudo e sempre procurarem me ver bem, por esse motivo eu não aceitaria dar um desgosto tão grande para eles e

correr o risco de perder aquele amor. Não sei bem como me sentia na época, mas aquilo parecia ser o certo a se fazer.

Então pedi para minha mãe me pôr em um convento, eu e a Lidia pesquisamos e descobrimos que existia um convento a cinquenta quilômetros da escola de dança, ficava afastado da cidade como se fosse em uma fazenda. Eu sabia que a vida no convento não seria fácil, eu não teria as coisas boas que tinha em minha casa, eu também sabia das intenções de meus pais, ele nunca me deixaria sair de casa, ele dizia que eu tinha dinheiro suficiente para viver a vida sem fazer nada para sempre. Não foi surpresa quando meus pais permitiram a minha partida para o convento senhorinhas. Nunca conheci pessoas tão religiosas como meus pais, eles pareciam ter uma dívida grande com Deus, mas a verdade é que todos nós temos, não é mesmo?

Meu pai providenciou tudo e, sem muito trabalho, minha aceitação no convento foi total. Eles souberam disso naquela noite também, mas resolveram me contar só pela manhã, quando uma das freiras foi me visitar. A freira em questão se chamava Shirley, ou Irmã Graça, ela era pequena e atarracada, tinha os olhos acinzentados e grandes, a

pele pálida, e o resto era pano da longa túnica preta que ela usava, ela tinha uma ar gentil e meigo, suas mãos macias seguraram as minha com firmeza, e o toque foi muito suave. Naquele dia, em minha casa, ela me disse:

— É uma decisão muito importante essa que você tomou, você terá mais responsabilidade que as jovens de sua idade, você passará a ser um exemplo, o seu isolamento do mundo será revertido em orações para a sociedade, você não saberá, mas suas noites de oração e jejum em um convento salvarão muitas vidas, minha moça, você está a serviço de Deus.

E ela continuou a falar, confesso que me desliguei do mundo, eu nunca quis brincar com Deus, na verdade, eu tenho muita fé Nele para fazer isso, confesso que naquele momento eu pensei em jogar tudo para o ar e dizer a verdade para minha mãe, ou simplesmente desistir do convento e do sonho de ser uma primeira bailarina. Eu acho que foi só naquele momento que me dei conta da gravidade do que eu estava prestes a fazer, mas algo em mim não queria parar, eu não podia desistir de tudo, então decidi levar as duas coisas a sério. Eu iria me esforçar para ser uma ótima bailarina, a

melhor, e eu também iria dar o melhor de mim para ser uma ótima freira. Eu me dedicaria, seguiria todas as regras, ou quase todas, e seria pura, uma moça pura de corpo e alma. Dançar não seria um pecado se meu corpo fosse puro. Voltei à realidade a tempo de ouvir a Irmã Graça dizer algo sobre o dia de ir.

— Você deve partir o mais breve possível, não espere mais que duas semanas para se apresentar para a Madre Superiora no convento. Estamos ansiosas para ter você como uma de nossas irmãs.

Assim, dando mais alguns conselhos e deixando algumas coisas para serem feitas, a Irmã Graça deixou minha casa. Às vezes você conhece pessoas e, pelo pouco que se identifica com elas, não imagina o quanto podem influenciar positivamente ou negativamente sua vida. Foi o que aconteceu com Irmã Graça, quando eu a conheci, não imaginei que ela seria uma peça tão importante do jogo que estava se tornando a minha vida, talvez naquele momento eu só tivesse sentido medo das coisas que ela falava, porque parecia ser tudo tão errado.

Duas semanas se passaram, eu não vi a Lidia nesse tempo, tudo o que tínhamos para fazer já

havia sido combinado, então, o que eu fiz foi imaginar como seria minha vida dali para frente. Eu não sabia que teria que enfrentar as coisas que hoje enfrento, eu apenas imaginei que viveria duas vidas, sendo uma delas uma mentira para agradar meus pais, e a outra uma mentira para agradar a mim mesma, nenhuma dessas vidas era real.

Eu poderia escolher uma delas. Em uma, eu passaria a viver o que eu poderia sentir se fosse livre, que seria ir para uma boa escola de dança, me aperfeiçoar, ter amigos, namorar e quem sabe, até me casar e ter filhos, ou seguir o mundo dançando e espalhando alegria com a arte. Na outra, eu saberia o que seria viver se fosse a filha obediente e certinha que meus pais imaginavam, passando toda a vida fazendo caridades e me doando para um convento, fazendo curtíssimas visitas a eles e propagando a felicidade através da religião. No entanto, eu escolhi viver metade das duas, e eu nunca vou me arrepender disso.

A saída de casa foi silenciosa, cheguei a pensar que ela já era esperada. Minha mãe havia acordado ainda mais cedo naquele domingo, era por volta das cinco, e eu já conseguia ouvir o barulho da sua voz vindo da cozinha. Quando descii para tomar café,

ela estava sentada em um dos bancos perto do gigantesco balcão de Corian branco. Minha mãe adorava aquela cozinha, uma enorme cozinha nas cores branco e preto, eletrodomésticos de última geração, sem dúvida uma elegante cozinha, mas cozinhar que é bom nunca foi seu forte, a generosa Maria se encarregava disso. Minha mãe passava muito do seu tempo ali com seus elegantes terninhos claros, ela nunca perdeu o hábito de usar roupas claras, mesmo tendo trabalhado poucas vezes em sua função, era médica como o meu pai. Nunca vi minha mãe com outro corte de cabelo que não fosse o Chanel curto e escuro perto do pescoço. Na verdade, tudo em minha mãe era igual havia muito tempo: o mesmo tipo de roupa, as mesmas unhas nude, o rosto pálido carregado de maquiagem, e o ar de uma fina dama da sociedade. Eu não havia herdado isso. Pensando bem, quando me olho no espelho, percebo que não herdei nada dela, o que é uma pena, eu tenho muito do meu pai, às vezes tento encontrar traços da personalidade dela em mim, mas para isso que teria que admitir o quanto sou teimosa, irritante, metódica, fria e exageradamente ciumenta, traços marcantes da personalidade dela. Mas eu nunca vou admitir isso.

Helena Barelli Delgado, minha mãe, nasceu em São Paulo, filha de italianos, ela sempre teve tudo, formou-se em medicina aos vinte e dois anos; aos vinte e três, se casou com meu pai; aos vinte e seis, engravidou; uma vida nada emocionante, pelo menos era nisso que eu acreditava.

Entrei na cozinha cantarolando uma canção de roda que estava encravada em minha mente. Não que eu estivesse feliz a ponto de ficar cantarolando pelos cantos da casa, mas não me sentia triste o suficiente para ficar em silêncio lamentando a vida. Dei um bom dia para minha mãe e um leve beijo na sua face, ela retribuiu com um sorriso doce e terno, fui até Maria que, rechonchuda, ocupava quase toda a pia; dei-lhe um beijo no rosto flácido e senti aquele conhecido cheiro de bolo de cenoura. Aquela mulher havia estado presente em todos os momentos da minha vida. Sentei-me de frente para minha mãe e comecei a me servir do café que, por sinal, estava muito bom naquela manhã. Eu esperava que tudo continuasse em silêncio, mas minha mãe começou uma conversa que só hoje consigo compreender com exatidão.

— Sabe, filha, eu não queria ter sido tão fria e distante de você. Se eu soubesse o que sei hoje, não

teria tanto medo, eu vou sentir sua falta, mas eu já ensaiei tanto sua partida, que hoje não dói tanto, eu deixei de viver...

Minha mãe se levantou rapidamente e saiu da cozinha, ela não terminou a frase, a Maria ficou me olhando do canto sem muita surpresa, levei um tempo para assimilar tudo aquilo e entender que ela estava sofrendo muito.

— Sua mãe ama muito você, garotinha — disse Maria com meio sorriso

“Também amo muito ela, Maria”, pensei em dizer, mas permaneci em silêncio. O silêncio não é algo ruim, sabe? O problema do silêncio é que há um limite de tempo aceitável para se permanecer dentro dele, antes que ele comece a sufocar. Mas não é um perigo mortal. Quando ele te sufoca, é quando você grita tudo que está dentro de você, coisas com ou sem sentido. Já tive crises assim algumas vezes, eu chamo de crise do silêncio contido.

Terminei meu café e saí da cozinha sem pressa, minha coisas já estavam prontas, não era muita coisa o que se podia levar para o convento, “nada do mundo lá fora”, havia dito a irmã, e eu já sabia que meus poucos e pessoais pertences, como uma

fotografia dos meus pais, documentos, coisas de higiene pessoal, passariam pela inspeção da Madre.

Mas eu tinha uma outra mala que estava com a Lidia, e nela estava toda a minha vida, todas minhas coisas de balé, meus livros da Sabrina e Bianca que, lógico, nunca levei para casa, meus CDs, meu único salto alto, minhas camisetas desbotadas com dizeres trágico sobre homens e gatos. Enquanto na mala de casa eu levava o silêncio, na outra mala estava todo o barulho do mundo.

Meu pai iria me levar ao meio-dia, e ainda não era nem sete da manhã. Resolvi dar uma caminhada pelo jardim, e essa caminhada se estendeu por toda a casa. O jardim de casa era enorme, com plantas, árvores e gramas, tinha uma piscina gigantesca que eu odiava, porque estava sempre vazia; a do meu vizinho, apesar de ser de lona e ter pés de metal, era cheia de felicidade e de pessoas. Eu me sentia tão presa e sufocada naquela mansão; tudo era tão regrado, que nem na casa dos fundos eu tinha permissão para ir. É claro que eu ia do mesmo jeito, eu brincava com a terra do gramado e caçava formigas nas árvores; minha mãe gritava, e minha doce Maria me limpava para que meus pais não

descobrissem minhas traquinagens. Talvez um dia eu conte isso para meu pai, talvez não.

Encontrei seu Eraldo, o marido da Maria, um simpático senhor, perto ao canteiro de margaridas, ele sorriu para mim, eu acenei de volta. Eles moravam ali desde que me entendo como gente. Cultuavam um filho que morava na cidade grande havia muitos anos e que não dava a mínima pra eles; acho que o garoto tinha quase a idade do meu pai. Durante os meus dezoito anos eu o vi uma vez, uma visita em dezoito anos. Ele se arrependeria disso em algum momento, até por que, a Maria e Seu Eraldo já tinham uma boa idade. É uma pena quando os filhos abandonam os pais.

Além deles, na minha casa haviam mais duas moças, a Rute e a Angélica. Elas cuidavam da casa e, uma vez ou outra, vinha uma outra moça cuidar das roupas.

Olhando o tamanho daquela casa e daquele jardim, sem muros ou grades, ninguém poderia imaginar que uma pessoa poderia viver presa ali. Eu me lembro pouco de quando começou essa prisão, até por que, eu me acostumei rápido com ela; não sou o tipo de garota revoltada com a vida, apesar de tudo, nunca me voltei contra meus pais,

pelo contrário, eu sempre fui grata por tudo, e *tudo* era muita coisa, pode acreditar. Eu não podia ter amigos, mas eu tinha um quarto enorme com todos os brinquedos que o dinheiro poderia comprar, o meu quarto de dormir, parecia ter saído de uma revista de arquitetura moderna, o mais lindo do mundo, meu *closet* era maior do que o quarto de muitas garotas, eu tinha todas as roupas que eu poderia vestir e todos os sapatos que conseguisse calçar à minha disposição e da minha mãe; haviam também dois carros e um motorista, o Carlos, tudo bem que eu não saía muito, além da escola e da igreja, não ia a outros lugares, mas eu sabia que estava à minha disposição. O que meu pai diria se soubesse que eu já sabia dirigir? Como? A Lidia, é claro!

Enfim, a minha vida era a que muitos queriam ter, menos eu, assim eu pensava. A mansão que eu chamava de casa era tão grande que eu nunca consegui ir em todos os cômodos, e acho que nem meus pais. Eram dois andares, as cores branca e verde-limão pintavam as elegantes paredes, havia longos sofás brancos na sala, e inúmeros quadros com desenhos diferentes, havia lustres de cristais e esculturas de mármore; em um canto mais

reservado, havia uma mesa com retratos da família, fotos minhas de bebê, dos meus pais abraçados perto ao mar, dos meus avós, aquelas fotografias sempre me pareceram tão distantes da nossa realidade, até por que ninguém nunca nos visitava, o que era confortante quando você se acostuma com a solidão de uma família de três pessoas.

Lembro-me da minha avó materna ter ido em minha casa uma vez, ela teve uma briga tão feia com meus pais — com meu pai principalmente —, que eu imaginei que nunca mais ela voltaria a nos visitar. Eu estava certa. Aquela foi a última vez em que ela esteve na mansão. Eu devia ter seis anos na época. Ela se revoltou porque eu ainda não estava na escola. Lembro de ela dizer aos meus pais que aquele tipo de proteção era um absurdo, que eles não conseguiriam me esconder do mundo e dos perigos dele, meu pai ainda tentou argumentar dizendo que ele me ensinava tudo que eu precisava aprender, mas minha avó foi categórica em dizer que se eles não comesçassem a me tratar como uma criança de carne e osso e não de porcelana, ela iria me tomar deles. Bem, meu pai me levou para o quarto e continuou a conversa em particular com minha avó. No outro dia, ela me pediu desculpas e

PERIGOSAS NACIONAIS

me falou sobre minha mãe não poder ter mais filhos e toda essa superproteção. Depois que ela se foi, meu pai me colocou na escola da cidade. Ele estabeleceu muitas regras para eu cumprir se eu quisesse continuar lá. Eu fiquei tão feliz com aquela ideia, que obedeci a todas, ou quase todas. Tirando a escola, o resto continuou do mesmo jeito.

Meu pai era bem mais rígido com as regras que minha mãe, ele queria obediência, sem mais palavras, ele nunca gritou comigo, mas as longas conversas sobre o que ele esperava de mim na biblioteca eram bem piores que qualquer surra. Quando pequena, ele brincava comigo e me dava apertados abraços, mas depois de uma certa idade, ele começou a se permitir apenas a me dar um beijo pela manhã e outro pela noite. Com o tempo, o mesmo aconteceu com minha mãe. Acho que com toda aquela vida de reclusão, meus pais se tornaram frios e antissociais.

Já era quase onze quando ouvi a voz do meu pai na porta da frente da casa, eu estava na inútil sala de visitas, nem me dei conta de como havia chegado ali. A voz do meu pai estava tensa, ele não parecia estar tendo um bom dia. Subi da sala para o meu quarto, achei melhor não o encontrá-lo antes

PERIGOSAS ACHERON

de ir. Tomei um longo banho de banheira e coloquei um alegre vestido amarelo que descia até meus pés, eu estava me sentindo bem naquela manhã, minha pele estava com uma aparência saudável. Olhei-me no espelho eu me senti linda como havia muito tempo eu não me sentia. Desci levando uma pequena mochila, não havia ninguém na sala, fui para o jardim e meus pais estavam lá, perto ao carro, eles já me esperavam para partir. Como eu já disse, quem tanto me havia me privado do mundo, agora parecia não estar surpreso com minha partida.

Meu pai pegou minha mochila e colocou no banco de trás do carro, minha mãe correu em minha direção e me abraçou apertado, foi tudo tão rápido, que nem me dei conta quando meu pai ligou o motor e começou a se afastar da casa. Minha mãe havia dito que não poderia me acompanhar pois não gostava de despedidas e entrou em casa escondendo o rosto. Acho que ela chorou, mas como falei, foi tão rápido que não tenho certeza. Os duzentos e cinquenta quilômetros até o convento foram os mais longos da minha vida, meu pai não disse uma palavra, não olhou para mim uma única vez, teria sido melhor se o motorista tivesse me

levado.

Ele sempre foi muito bom, generoso, gentil e solícito a todos que precisavam dele, mas mantinha uma certa distância de mim. Talvez eu tivesse adoecido minha mãe, sempre a achei com cara de depressiva; talvez ele tivesse raiva de mim, e eu o entendo por isso.

Gean Barreli estava com quarenta e cinco anos, era o homem mais bonito que eu já tinha visto na vida, era alto como eu sempre quis ser, tinha os olhos escuros como os meus, e seus cabelos lisos em alguma outra época já tinham sido escuros como os meus. Eu me parecia muito com ele, eu gostava de tanta coisa em meu pai, que até me esquecia que era dele que partia quase todas as privações. Aquele jeitão duro de ser, aquela pose de alta sociedade que eu tentava imitar na escola para minhas colegas de classe, mas eu era tão apagada na escola que, com o passar do tempo, ninguém, exceto a Lidia, me notava, por isso digo que, na personalidade, me pareço muito com minha mãe, mas eu ficava feliz em me parecer com ele fisicamente. Meu pai trabalhava em uma clínica particular realizando cirurgias plásticas. Vinha gente de muitos lugares para ser atendida por ele, e

seu serviço era muito caro. Nos finais de semana e feriados, ele atendia voluntariamente no hospital da cidade. Ele fazia cirurgias de reparação e era muito requisitado. Passava muito pouco tempo em casa, eu e minha mãe já estávamos acostumadas a vê-lo apenas no jantar, e nisso ele era pontual, era raro ele se ausentar e, se isso acontecesse, ele ligava e explicava o motivo. Só uma emergência poderia fazê-lo não estar em casa durante a noite.

O relacionamento dele com minha mãe era como os livros de romance que eu lia escondido. Ele a idolatrava, tratava-a com muito amor, beijava suas mãos e acariciava seu rosto sempre que podia; minha mãe vivia uma solitária tristeza que só podia ser notada por quem enxergasse dentro dos seus olhos, e meu pai, de alguma forma, se culpava por isso. Foram muitas as vezes que ele a beijou e disse “me desculpa por não poder te amar mais, eu queria...”, minha mãe o interrompia quando percebia que eu estava olhando. Eu queria entendê-los, mas a minha vida já era triste demais para que eu me ocupasse com a tristeza da minha mãe.

Entramos na cidade de Vila Velha pouco depois das três horas da tarde. Aquela seria a cidade onde eu teria minha segunda vida. O lugar

PERIGOSAS NACIONAIS

era muito charmoso, tinha muitas praças verdes com gigantescas fontes coloridas e casas pequenas de cores fortes. Assim como em Realengo, não tinha grandes construções, a não ser pelo grande prédio colorido de vidraças negras e um imenso campo verde que fez meus olhos arderem por não conseguir piscar. Era ela, a minha escola, a escola de dança. Foi amor à primeira vista, ou eu não sei bem descrever o que senti, só sei que foi muito bom. Tinha jovens saindo de lá, outros entrando, outros sentados no gramado, jovens pela praça, nos bares e restaurantes, havia muitos jovens nas ruas, parecia que a cidade havia parado no tempo e ninguém envelhecia mais, porque a cidade parecia velha e ultrapassada, mas as pessoas pareciam jovens e felizes. Eu fiquei deslumbrada, e então me dei conta que ainda estava no carro com meu pai, ele me olhava estranho, e eu tentava disfarçar a emoção, foi impossível, então eu chorei.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo Dois

Chegamos bem atrasados ao convento. Antes de descer do carro, meu pai ainda me olhou com piedade, ele não perguntou por que eu chorava, ele simplesmente me ouviu chorar, segurou por dois minutos ou menos a minha mão, e se trancou no seu mundo sereno e frio. Seguimos viagem assim, querendo dizer algo um para outro, mas não existia nada para falar, então respeitamos o silêncio.

A Madre nos esperava na entrada e, pelo seu olhar, ela não havia gostado nem um pouco do nosso pequeno atraso, eu escolhi ignorá-la, e fingi não perceber. Ela e meu pai se envolveram em uma conversa, porém eu não me concentrei no assunto, eu tinha mais o que ver. O lugar era lindo, havia grama a perder de vista, como o mar que a Lidia me dizia. Se algum dia eu fosse desenhar o paraíso, seria aquela a imagem em que eu me basearia. Havia árvores frutíferas e muitas flores, canteiros gigantescos de rosas de cores chamativas e vivas

que iam até os imensos portões que o separavam do mundo. Era lindo como os portões do céu, a única coisa que faltava ali eram pessoas. Senti alguém segurar em minhas mãos, era meu pai; seu olhar estava triste, ele parecia que havia desistido de algo. Chamou-me a um canto e, numa voz baixa e rouca, disse sem rodeios:

— Você tem certeza que quer ficar? Posso levar você pra casa agora, não vou ficar bravo e nem decepcionado, só quero que você saiba que não precisa ficar aqui.

Eu confesso que até hoje ainda me sinto surpresa com aquelas palavras. Não esperava ouvi-las, nem ver a tristeza nos olhos do meu pai, eu quis voltar com ele, ficar em casa; eu tinha tudo, não precisava lutar por nada, duas pessoas já haviam lutado por mim, eu apenas precisava relaxar e ter o que o dinheiro poderia comprar, mas para dividir com quem? Eu não estava certa de tudo o que eu iria fazer, mas eu estava certa que deveria ser feito, então eu iria fazer. Abracei meu pai — o que o pegou de surpresa —, fiquei o máximo que pude abraçada a ele, pois eu não sabia quando o veria de novo, ele correspondeu ao meu abraço, mas não por muito tempo. Respirei fundo antes de olhar para ele

de novo, e lhe disse com a voz mais firme que consegui:

— É meu destino, pai, e eu vou segui-lo, eu tenho medo, mas o senhor me ensinou a ser forte, eu vou ficar porque quero algo que, ficando em casa, eu nunca poderei ter. Uma vida. Vá em paz, meu pai, em breve nos veremos.

Assim, sem mais, eu segui rumo às escuras portas do lugar que passaria a ser minha casa

A Madre estava parada a poucos metros da porta, acho que ela havia escutado o que eu disse ao meu pai, porque ela estava sorrindo como quem havia vencido uma dura batalha, eu fiquei com medo dela; sem dizer nada, ela seguiu corredor adentro, e eu fui logo atrás. Eu admito que a ideia do convento, no início, não me assustou, no entanto, quando entrei naquele imenso lugar, senti um calafrio percorrer meu corpo, o gelo daquele corredor conseguiu esfriar meu espírito. Acho que, no mundo, não deve existir outro lugar tão vazio de pessoas e tão cheio de sensações. Apelidei de castelo, e nunca chamei de outro nome.

O castelo era enorme, tinha vários quartos, salas e capelas, e mais uma vez, só não tinha vida. A Irmã Gloria me disse que tinha que ser solitário

mesmo, porque quando você está sozinha, é quando você consegue encontrar a sua alma, e elas queriam a minha alma. Os inúmeros corredores daquele lugar, além de frios eram escuros. As imagens pareciam me acompanhar com os olhos, me olhavam fixamente, me analisando, me julgando, me culpando.

Não avistei nenhuma freira quando cheguei, éramos somente eu e a Madre. Eu nunca soube o nome da Madre, sempre foi Madre. Às vezes, quando penso nela, fico imaginado o que leva uma pessoa a ter uma vida vazia, solitária e esquecida, escuto ela me dizer que é isso que Deus quer de nós, e me pergunto se isso é verdade. Qual a verdade de todas essas religiões e crenças, qual a certa? Qual a errada? O que Deus quer de nós? Acredito que não terei essas respostas agora e, para falar a verdade, espero não ter tão cedo, espero.

Mas voltando ao castelo, andamos bastante até chegar ao que parecia ser um escritório. A porta, como todas as outras daquele lugar, era de um marrom-escuro sujo, de madeira, grande, e quando a Madre a abriu, ela rangeu como um porco ferido no matadouro; a sala era grande e fria como os demais lugares, os poucos quadros na parede eram

de santos, todos muito bem emoldurados e pendurados, a mesa era da cor das portas e sobre ela, havia uma grande bíblia, alguns livros e um jarro com margaridas amarelas. O que mais chamou minha atenção naquela sala, foi a imensa janela de vidro atrás da velha mesa. Da janela, era possível ver o imenso jardim, os muros e um bom pedaço da estrada, era um lugar para se passar horas.

A Madre apontou uma cadeira para que eu me sentasse, eu a obedeci imediatamente, e me dei conta, naquele momento, que dali por diante, obedecê-la seria uma das minhas obrigações.

— Bem, menina, a vida aqui é mais exclusiva mesmo, mas pelo o que seu pai me contou ao seu respeito, não será muito diferente da vida que você leva em sua casa. Você terá obrigações e regras como em todos os lugares, nosso regime aqui não é uns dos mais fechados, mas fazemos certas exigências, como, por exemplo, você só terá permissão para ter visitas uma vez a cada quatro meses. Pode ser aqui ou você pode ir até seus pais, um dia apenas. Temos um correio que funciona todos os dias, mas suas correspondências passarão por mim antes de ir ou vir; dentro do convento, as

PERIGOSAS NACIONAIS

freiras falam umas com as outras apenas o necessário; não existem amizades aqui, somos irmãs que necessitam do silêncio para cumprir nossas tarefas. O dia aqui começa às cinco horas da manhã, o café será servido às seis, depois terá tarefas a realizar. Meio-dia, pontualmente, o almoço será servido, depois mais tarefas; a janta é servida às seis, e às sete horas você se recolhe em seu quarto. Haverá noites que passaremos em claro rezando e jejuando, mas isso não é sempre. As irmãs aqui fazem a limpeza, a comida, lavam e passam as roupas, cuidam do jardim e, durante as tardes, fazemos artesanato para vender na cidade. Esse dinheiro, usamos para pagar contas do convento e em obras de caridade. O mais difícil aqui é o começo, mas com o tempo, você vai se acostumar, e então tudo se tornará mais fácil. A igreja do convento tem missas abertas ao público todo domingo, você poderá participar, mas não poderá falar com as pessoas. Com o tempo você poderá interagir com elas, ir pra cidade vender artesanato com as demais freiras e participar de obras de caridade, só mais tarde, quando seus sentimentos estiverem claros sobre suas escolhas, quando não se ouvir lamúrias de sua boca, quando

PERIGOSAS ACHERON

você só tiver paz a transmitir. Você agora é uma noviça, vestirá um hábito branco e participará de algumas iniciações. Lembre-se, isso não é uma prisão, você não é obrigada a ficar aqui, é?

—Não, madre, eu quero muito estar aqui — respondi aérea

—Quero que você lembre todos os dias que tem o direito de escolher se quer ficar aqui ou não, ser uma esposa de Deus é algo que você tem que querer, pois ninguém pode escolher isso por você.

Eu ouvi tudo que a Madre disse e, naquele momento, tive vontade de sair correndo gritando “pai, me espera por favor”, mas eu sabia que seria a escolha errada, então continuei a ouvir e me desliguei do medo. Ela ainda falou muito sobre escolhas, levou mais uma hora para ela acabar de falar; segundo ela, não seria falando que eu aprenderia, e sim, vendo, então ela pediu para que eu a seguisse para aquele que seria meu quarto. Passamos pelo o que parecia ser os mesmos corredores. Com o tempo eu descobri que todos os corredores pareciam iguais, assim como todos os quartos e todas as capelas e todos os banheiros enfim, quase tudo ali era igual, a Madre abriu a porta dos meus aposentos, como ela disse, e ela foi

a primeira a entrar. O quarto era pequeno, tinha tons de cinza e branco, havia uma cama de solteiro de ferro gradeada que mais parecia um catre de penitenciária, uma pequena cômoda cor de madeira, uma mesa pequena com uma Santa Maria, algumas flores e umas velas acesas. O lugar, assim como todo o castelo, cheirava a velas. Havia uma janela também, bem pequena, no alto da parede, inatingível, (não, mãe, eu não vou fugir por ali), enfim, um quarto simples.

— Você vai passar o resto da tarde rezando o terço. Reze ele inteiro por dez vezes. Ao término, você descera para se banhar e jantar — disse, e saiu do quarto

Ajoelhei-me perto da santa e, de todo meu coração, rezei com fé e, durante aquela tarde, nada mais havia em minha mente, que não minha própria voz falando com Deus.

Como se pode imaginar, não havia relógios lá, eu soube que era noite apenas pelo escuro que entrava pela janela do quarto. Quando terminei minha reza, eu me levantei do meu canto de orações e só então me dei conta da dor insuportável dos meus joelhos e costas. Quando me virei, quase morri do coração, a Irmã Gloria estava sentada,

serena, em minha cama, ela olhava fixamente para mim, parecia uma aparição. Dei dois passos para trás e ela sorriu. Não fazia ideia de quanto tempo aquela mulher estava ali, ela permaneceu serena e falou suavemente:

— Não se assuste, menina, vim buscá-la para um banho, e para você fazer seu desjejum.

Eu a segui pelos corredores, entramos em um lugar grande, branco com inúmeros chuveiros e pias. Um gigantesco banheiro comunitário cujos sanitários estavam separados por portas de plástico. Assim como os demais lugares, estava vazio. A irmã deixou sobre uma mesa as roupas que passariam a cobrir meu corpo dali por diante, e saiu. Junto com a roupa tinha um pedaço de sabão, uma toalha fina e uma touca para os cabelos, havia também uma escova e creme dental, nada ali era meu. Retirei minhas roupas e deixei na sacola que a irmã havia deixado para mim. Entrei no banho e, qual não foi nenhuma surpresa ao descobrir que a água era fria, ainda bem que o clima era quente. Demorei mais que o necessário, vesti a túnica e arrumei meus cabelos, não havia espelhos para olhar minha imagem e ver como o hábito me caía, então desisti de tentar ficar bela e resolvi procurar a

Irmã Gloria.

Pela primeira vez, desde que havia chegado, eu estava tentando me achar naquele lugar. O refeitório era dois quartos depois do banheiro, e para minha surpresa, havia muitas freiras ali se alimentando, elas não falavam, mas sorriam generosamente umas para as outras. Quando me viram, direcionaram-me um bonito sorriso, Irmã Gloria surgiu do nada de novo — aquela mulher tinha o hábito de aparecer do nada parecendo uma assombração —, pegou a sacola das minhas mãos e sumiu nos corredores. Fiquei por um tempo tentando visualizar todo o lugar para me sentir um pouco em casa, não demorou muito para uma outra irmã ir até onde eu estava e me entregar uma bandeja grande de metal, ela me conduziu até uma fila onde fui servida com arroz branco, verduras cozidas no vapor, feijão e meio pedaço de bife de frango. Antes de chegar na mesa, ganhei um copo de suco quente e aguado, mas para minha surpresa, descobri-me com fome e não demorei para limpar todo o meu prato, em silêncio, como todas ali.

Entreguei minha bandeja na cantina, então percebi que as freiras começaram a desaparecer no escuro dos corredores, e eu ali sem saber para que

PERIGOSAS ACHERON

rumo seguir, em segundos a sala havia ficado vazia, e eu me vi sozinha imaginando o que fazer. A Irmã Gloria foi ao meu socorro segundo depois, ela sorria, eu acho que ainda não havia visto aquela mulher sem um sorriso no rosto bochechudo. Era confortante, tenho que admitir. Ela me levou até meu quarto e, antes que eu entrasse, ela falou:

— A partir de amanhã, você fará esse e todos os outros trajetos sozinha.

E assim foi todos os dias seguintes.

Um mês se arrastou naquele lugar. Se não fosse a outra vida que me esperava, eu teria enlouquecido. Tudo ali era de uma pontualidade inacreditável, parecia que o relógio trabalha para elas, não havia atrasos em nada, banhos e refeições tinham hora pra começar e hora pra terminar. A refeição não variava muito, ou era um pequeno bife de frango ou de carne, as verduras era plantadas no jardim, assim como as raras frutas que comíamos no café, pois geralmente era um pão e café com leite, o almoço era a mesma coisa do jantar, não tínhamos permissão para comer fora isso, mesmo com árvores de frutas no jardim, se comêssemos seríamos castigadas. As tarefas eram bem divididas, em alguns dias trabalhávamos na

PERIGOSAS NACIONAIS

cozinha, não cozinávamos pois tinha uma freira só para isso, mas limpávamos o chão e lavávamos os pratos; em outros dias limpávamos os banheiros ou os enormes corredores, cada freira, sendo noviça ou não, tinha que manter seu quarto limpo; capinávamos a grama e plantávamos na horta; durante as tardes, fazíamos artesanato de palha de coqueiro ou gesso. No começo, sofri bastante, mas me acostumei rápido, e as tarefas de chatas passaram a ser as únicas coisas capazes de matar o tempo naquele lugar.

O que mais senti foram os jejuns. eram dias complicados. Nas semanas de jejum, as noviças, por falta de experiência, desmaiavam em cantos dos corredores e nos banheiros, e isso deixava aquele lugar ainda mais sombrio. Os longos períodos começaram sendo um dia, depois dois, assim, cada nova semana aumentava um dia. A Madre dizia que era para nos tornar fortes, no entanto, eu me sentia muito fraca com aqueles longos períodos sem comer. Aos domingos, podíamos assistir à missa à distância dos fiéis, por dois domingos, vi meus pais, Minha mãe olhava para mim por toda a missa, estava ainda mais triste; meu pai evitava olhar, porém foi no último

PERIGOSAS ACHERON

domingo que completava um mês que me surpreendi com a Lidia sentada no último banco da igreja. Antes do final da missa, ela conseguiu se aproximar de mim. Não demonstrou me conhecer, apenas ficou perto. Uma grade de ferro nos separava, ela chegava cada vez mais perto, eu sentia tanta vontade de gritar, de abraçá-la, eu sentia falta dela. As outras feiras não se importaram com a aproximação, afinal, quase todo domingo uma ou duas moças ficavam a nos observar, geralmente eram aquelas que tinham interesse de seguir o caminho que seguíamos. Lidia estendeu as mãos tão rapidamente que a freira que nos vigiava não foi capaz de ver o bilhete que ela pôs em minhas mãos junto a um pequeno anel com um minúsculo relógio fixo nele. Fiquei assustada, imóvel, com medo do que poderia acontecer se a Madre descobrisse tal desobediência.

Naquela noite, na luz da vela no meu quarto, eu li o bilhete.

Existe um muro nos fundos, logo após as hortas, por trás de todas aquelas macieiras, o muro ali é mais baixo, terá uma cadeira de montar perto, seu trabalho será pular, vou te esperar do outro

lado na segunda...

P.S.: Uma das freiras fica acordada até mais tarde, tipo meia hora, uma irmã rebelde, saia as sete e trinta e cinco, aguardo você.

Lidia

Eu comi o bilhete depois de ler e reler.

Aquela noite de domingo eu não dormi. Sentia-me ansiosa e tinha medo ao mesmo tempo. Vi o dia amanhecer e me levantei antes das irmãs, caminhei até a capela e me ajoelhei, eu sabia que teria que conversar seriamente com Deus em algum momento, mas não sabia bem como começar, eu não sabia bem o que falar. Como pedir perdão por algo que não pretendemos parar de fazer? E como seguir sem a proteção dele? Sem querer, passei as mãos na pequena cicatriz no canto do meu dedo mindinho e as lembranças me levaram de volta àquele dia.

Era tardinha de sábado, um sábado qualquer, em que não se faz nada, apenas se fica em casa. Lá em casa tinha muitos desses sábados. Minha mãe estava fazendo panquecas, e ela sabia que cozinhar não havia sido seu forte (nem o fraco, cozinhar nem

deveria existir no vocabulário da minha mãe), ela fez aquela massa grudenta e jogou para cima, foi uma catástrofe.

Ela brigou, gritou, jogou tudo na pia e saiu chorando para o quarto, minha mãe sempre foi muito dramática.

Peguei o livro de receitas e fiz as panquecas, não ficou a melhor do mundo, mas dava para comer e estava no prato e não grudada no teto da cozinha — Maria levou três dias para arrancar aquilo. Levei para minha mãe no quarto, ela sorriu, feliz e preocupada ao mesmo tempo, segurou a minha mão e viu o corte pequeno feito por um prato que eu havia quebrado durante o processo. — Mamãe, eu fiz as panquecas, você não briga comigo, eu quebrei seu prato mais bonito, mas eu fiz, olha.

Ela me abraçou.

— O que mais imposta disso tudo, não são os pratos quebrados, ou as panquecas feitas, ou mesmo o motivo. Por falar nisso, obrigada pelas panquecas, filha, o que importa para mim é o quanto você se machucou. — Ela beijou o machucado. — Eu não quero que você se machuque.

Então eu soube o que conversar com Deus.

“Pai, me ilumina para que eu não me perca na escuridão, nessa jornada que eu vou fazer, independentemente dos pratos que eu possa quebrar ao longo do caminho, peço que o Senhor não permita que eu machuque as pessoas que amo, e que se, por acaso, eu não Lhe der orgulho, que meu fracasso seja digno de Seu perdão, e como eu sei que o Senhor me ama, prometo não me ferir, mas se acontecer, prometo aguentar firme sem chorar. Amém”.

Me levantei e comecei meu dia, mais forte.

As meninas já estavam no refeitório, e eu estava atrasada, portanto, eu não iria comer. Nem uma delas se compadeceu da minha fome, continuaram a comer enquanto Irmã Graça me colocava na fila que se formava para ir trabalhar no jardim. No começo, quando eu imaginei ir para aquele lugar, eu li muito sobre conventos, então eu já sabia o que me esperava, mas eu sempre imaginei que, de tantas mulheres ali enclausuradas, pelo menos uma delas seria minha amiga, mas eu havia me enganado drasticamente. As moças ali presentes não queriam amizades, mesmo que fosse

PERIGOSAS NACIONAIS

permitido. Elas eram frias e duras, algumas tinham a minha idade, outras já estavam bem velhas. Mesmo quando ninguém as olhava, elas continuavam automaticamente a fazer as mesmas coisas, elas pareciam muito mais sofridas que eu, estavam presas dentro delas mesmo e ninguém poderia mudar isso.

“De longe é ruim, de perto é pior”, deveriam escrever isso na frente de todos os conventos. Eu estava exausta e com fome e o tempo não passava, cada passo que eu dava embaixo daquele sol escaldante me matava um pouco, já era quase a hora do almoço e havia muita grama para arrancar, eu me concentrava muito para continuar em pé. Eu já estava acostumada com jejuns, mas talvez a noite sem sono ou a adrenalina pelo o que estava por vir estivessem fazendo aquelas horas muito difíceis.

— Almoço, menos você, irmã — disse apontando para mim.

Aquela foi a segunda vez que eu quis morrer.

Terminei meus afazeres às cinco da tarde, só então elas me permitiram tomar banho e comer. Foi um castigo doloroso e severo, mas eu aguentei, sem cair, sem reclamar, sem chorar.

PERIGOSAS ACHERON

Senti meu estômago revirar o pequeno pão que eu havia comido na janta. Era a terceira vez que eu abria e fechava a porta do meu quarto, pelo anel-relógio eram sete e trinta e três, faltava pouco para eu pôr em risco toda a minha credibilidade com meus pais, com as freiras e, mais importante, com Deus. Eu sabia que ele estava vendo o que eu estava fazendo, mas tinha certeza que ele queria que eu fizesse direito. Mesmo com toda aquela náusea, eu resolvi tentar. Se desse certo, seria Deus dando seu okay para aquele sonho maluco; caso alguém me apanhasse, seria um sonoro não para toda aquela loucura, e eu ficaria no convento e seguiria a vida que estava predestinada a viver, sem grandes aventuras.

Sentei um pouco na cama e me vi rezando baixinho para que tudo corresse bem, eu não me via fazendo outra coisa a não ser dançar. Por noites, no quarto mal iluminado do convento, eu dançava como se eu tivesse em um palco, como se aquilo fosse a minha fonte de vida, meu caminho. Aquele sonho estava dentro de mim, e eu me alimentava dele, eu estava disposta a ir atrás dele, e que Deus

tivesse piedade da minha alma e perdoasse os erros que seriam cometidos para alcançá-lo.

Abri a porta do quarto mais uma vez. Dessa vez eu saí, segui o corredor que levava para o jardim, minhas pernas tremiam e minhas mãos suavam frio, a náusea aumentou consideravelmente, precisei parar e respirar e o cheiro de velas não ajudou muito, mas consegui seguir o caminho. A noite e o dia naqueles corredores não faziam muita diferença, eles sempre seriam frios e mal iluminados, não importava a hora do dia ou a estação do ano.

O caminho até a saída para o jardim não foi rápido, primeiro porque o lugar era enorme e escuro (velas? Fala sério!); segundo, porque eu andava muito devagar; e terceiro, porque o medo parecia que puxava minhas pernas me fazendo tropeçar, mas eu consegui chegar aos fundos do convento e, sem nenhum problema, passei pelas portas que davam acesso ao jardim. Como a Madre havia dito, ali não era uma prisão, não haviam portas trancadas ou guardas vigiando.

A noite estava clareada pela lua, o ar era leve e fresco, a noite estava espetacular.

Caminhei sorrateiramente até as macieiras, a

impressão que eu tinha era de que a Irmã Gloria iria se materializar de algum buraco a qualquer momento. Acho que foi isso que fez minhas pernas tremerem, encontrei uma cadeira dobrável jogada de qualquer jeito perto do muro. Não foi difícil subir, e a Lidia me esperava do outro lado com um sorriso lindo que hoje eu sei que era de deboche. Ela vestia preto como uma ladra, tinha os cabelos presos em um rabo de cavalo e olhava desconfiada para os lados a todo segundo.

O muro não era tão baixo quando eu desejaria, e eu quase morri de medo, mas ela já tinha colocado o carro perto, então eu só passei a perna e descii. Sei que, assim, descrevendo, parece que foi fácil, mas não foi. A primeira vez foi aterrorizante, mas da segunda em diante, foi moleza.

Abracei Lidia com saudades, parecia que fazia um século que eu não abraçava ninguém, era bom sentir o calor humano de novo.

Saímos correndo de perto dos muros do convento, entrei no carro tão rápido que nem notei a velharia que a Lidia tinha comprado com todas as minha economias, um opala branco-encardido tão velho que deve ter sido o primeiro feito pela Chevrolet, e fazia um barulho estranho, tipo pou-

PERIGOSAS NACIONAIS

pou-pou-pou, olhei para o carro e olhei para a Lidia, ela levantou as mãos e em forma de desaprovação e reclamou:

— Foi o que deu pra comprar com o dinheiro que tínhamos, ainda tive que comprar roupas e sapatos para você, além de material para as aulas, então contente-se com o opalão.

Não falamos mais sobre o carro, eu não me importava nem um pouco com aquilo, mas achei interessante a escolha; também fiquei com medo que as freiras ouvissem aquele barulho todo, mas isso nunca aconteceu, e o opalão superou todas as expectativas.

Lidia estava diferente. Da última vez que havíamos nos encontrado, ela estava ansiosa e preocupada e não parava de roer aqueles cotocos que ela chamava de unhas; daquela vez ela estava feliz e falante, uma onda de adrenalina e felicidade emanava dela, os olhos brilhavam, eu sabia que assim como eu, a Lidia sonhava com tudo aquilo, estávamos dividindo um sonho juntas, e isso era tudo que eu poderia pedir em uma amiga.

Por toda a minha vida, eu tive uma única amiga, e ela me bastou.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo Três

Instintivamente, eu não conseguia parar de olhar para trás. A cada centímetro que me distanciava do castelo, eu me sentia mais feliz, mais livre. De repente, tudo o que eu tinha vivido naqueles dias parecia ter acontecido em uma outra vida, com uma outra pessoa, eu era aquilo ali, a Sarah, com alegria e falante, eu era vida e eu amava ser aquilo. Aquela primeira fuga teve muitas revelações, a primeira, foi descobrir o que, de fato, eu queria; a segunda, foi o quanto eu era forte, ou pensava que era; a terceira, foi saber o quanto eu sentia saudade da Lidia.

Do momento que entramos no carro, ela não parou de falar. Tinha necessidade de falar e falar, acho que ela sentia falta de mim também, e um pouco de medo. Lidia sempre dedicou muito tempo a mim, ela sempre foi capaz de compreender todas as minhas fraquezas, ela sabia das minhas necessidades e, mesmo sendo tudo muito

complicado, nunca deixou que aquilo nos atrapalhasse.

— Para de olhar pra trás, está me deixando nervosa — disse ela apertando o acelerador

— Desculpa, eu tô com muito medo Lidia.

— Medo? Você está no opalão, aqui é fuga garantida.

Às vezes a felicidade vem em forma de pessoa, e a minha era a Lidia.

O caminho até o *campus* não era dos mais longos. Quando o nervosismo inicial passou, Lidia quis escutar minha história, uma novidade para mim, pois era ela a cheia de histórias. Tenho que confessar, somente ao contar para ela foi que me dei conta de como estava fazendo minha vida ser emocionante, claro, ainda estava começando, muita coisa estava por vir, mas foi escutando a mim mesma naquela noite que pude acreditar que valeria a pena e que eu poderia ter as melhores duas vida do mundo.

Quando chegamos, de dentro do carro eu consegui ver o clarão dos refletores, havia pessoas por toda a parte. Abri a minha janela e senti leveza, foi a sensação mais descontrolada que já havia sentido, minha boca sorria sem meu consentimento,

o coração batia tão rápido que eu tive que respirar fundo umas duas vezes para me controlar; naquele momento, nada mais importava, estar ali era uma vitória grandiosa, eu era aprendiz em uma das melhores escolas de dança do Brasil, eu, uma menina sem graça, presa em um mundo de dinheiro e proteção, estava ali, por mim mesma. E de repente, do nada, me lembrei da minha mãe.

Era uma manhã de terça-feira, feriado, eu sempre odiei os feriados, eles me impediam de ir à escola, em casa nenhum brinquedo tinha graça, mas eu tentava, e naquele dia eu estava brincando com um daqueles legos coloridos no canto do quarto da minha mãe. Ela ainda não tinha me encontrado ali. Eu gostava de me esconder em cantos da casa, sentia-me livre quando eles não sabiam onde eu estava; no entanto, eles me achavam tão rápido que me frustrava, e eu sempre tentava encontrar um lugar melhor. Ouvi a voz da minha mãe pelo corredor, e soube que ela estava se aproximando. Amontoei meus legos em minha blusa e me agachei para que a cortina me cobrisse. Ela entrou seguida por Maria, ela estava brava, e isso me assustou. Me encolhi ainda mais. Engraçado, ao lembrar da minha mãe, não consigo pensar nela jovem e

diferente, seja qual for o pensamento que tenho, ela sempre está cansada e deprimida, sem falar daquela fragilidade toda que sempre a acompanhou.

— (...) Tá errado isso, Maria, ela não pode sumir assim! Eu quero que você a encontre agora! Ela não sabe se cuidar, ela é muito frágil, o mundo é ruim pra ela.

Minha mãe estava brava, e Maria estava assustada. Eu era criança, e despertar algum sentimento em minha mãe era algo emocionante, mesmo não sendo um sentimento bom, porque criança não sabe dessas coisas de sentimentos bons e ruins. Continuei ali quietinha, imóvel, respirando devagar.

Elas rodearam a casa, gritaram, fizeram ligações e perturbaram os vizinhos, foi um reboliço. Maria, vez ou outra entrava no quarto chamando meu nome, mas eu não me movia. Para mim, estava tudo muito emocionante e engraçado. Mas de repente, a voz grave do meu pai soou na casa, ele estava bravo, muito bravo, ele berrou com os empregados, me chamou algumas vezes, e como se ele tivesse dado conta das coisas, tudo silenciou. Foi quando ele entrou no quarto levando minha mãe em seus braços, falava coisas difíceis de se

entender em seu ouvido, coisas gentis, então ele a deitou na cama gentilmente.

— Vai ficar tudo bem, minha querida, não tenha medo, você só não pode me deixar sozinho, nós superamos o primeiro momento porque estávamos juntos. Aconteça o que acontecer, não me deixe sozinho, eu não suportaria ficar sem as duas mulheres da minha vida.

Senti tanto medo que sai correndo do meu super esconderijo e me joguei sobre meus pais.

Meu pai se livrou de mim e segurou meu braço com força. Ele estava com raiva, minha mãe se pôs a chorar desesperadamente — parecia que tudo naquela casa era um eterno drama —, ele me olhou e falou: — Você não pode se esconder, você não pode fazer essas coisas! — Ele estava sofrendo

— A mamãe vai morrer, papai? Me desculpa...

Então ele percebeu que eu estava com medo, me abraçou e falou:

— Não, filha, estamos aqui firmes e fortes por você sempre, a mamãe não vai morrer, não importa o que você faça, estaremos aqui, só não deixa a gente.

Me coloquei a chorar dentro do carro, senti medo, muito medo, será que eu não estava sendo

egoísta? Era o único pensamento que vinha em minha mente. Talvez se minha mãe soubesse onde eu estava, ela não tivesse mergulhado na depressão. Tranquei as portas do carro e fechei os vidros, Lidia já estava lá fora. Hoje, quando me lembro daquele dia, consigo sorrir, mas foi aterrorizante.

Lidia gritava do lado de fora e, quanto mais ela gritava, mas forte eu fechava os olhos; eu respirava baixinho ou nem respirava, eu estava me escondendo da Lidia, na verdade, eu estava escondendo de tudo aquilo, eu queria abrir os olhos e pular nos braços do meu pai de novo, ouvir ele dizendo que tudo estava bem, que eles estavam ali para mim sempre, talvez eu não estivesse preparada para o mundo. Me agachei no canto do banco e nem notei que estava tendo minha primeira crise de pânico. Ouvi ao longe um barulho de vidro se quebrando, a porta do carro se abriu, e mãos firmes seguraram minhas mãos.

— Respira devagar, pode ficar quietinha aí se quiser, mas respira, segura forte minhas mãos, e deixe o medo sair, se acalme.

Senti um corpo forte se juntar ao meu, e quando dei por mim estava abraçando um desconhecido. Ele era forte e alto, me abraçava

PERIGOSAS NACIONAIS

com força, o cheiro dele era tão bom, que me acalmou instantaneamente. Em um momento eu estava tendo uma crise de pânico dentro de um carro velho no estacionamento da escola, no outro, eu estava agarrada a um cara com meu rosto escondido no peitoral dele com medo de abrir os olhos e ver o que de fato estava acontecendo e quem estava me segurando. Então devagar, com meu resto de coragem, eu me liberei dos braços dele e me recuperei do surto.

Ele vestia uma camisa preta e jeans, os cabelos negros estavam bagunçados, o rosto estava branco como uma vela, e os olhos verdes, posso afirmar hoje, estavam com tanto medo quanto os meus. Ele segurou meu rosto com as duas mãos, suas mãos estavam geladas, mas o toque era suave, então, em meio a todo aquele caos, com todas aquelas pessoas nos olhando, ele sorriu e eu sorri de volta. Ficamos ali por um ou dois segundos rindo um para o outro.

— Você está bem? — perguntou.

— Não sei, acho que sim. Olha! Eu tô rindo...

— Eu sou o Alexandro, pode me chamar de Lex.

— Eu não sei quem sou, mas pode me chamar de qualquer coisa.

PERIGOSAS ACHERON

As pessoas que ainda olhavam o que estava acontecendo riram alto da minha confusão mental, a Lidia apareceu do nada e segurou meus braços me arrancando das mãos daquele homem. Ele se afastou pedindo desculpas pelo vidro do carro esvaçalhado, e Lidia deu com a mão agradecendo por ele ter me tirado do pânico. As pessoas saíram uma por uma ainda rindo da situação, e quando todos se foram, Lidia me abraçou. Como se a vida fosse um estalo, eu a abracei também, e pelo que pareceu uma eternidade, eu respirei de novo. Lidia balançava as mãos dizendo “você surtou, você surtou, cara”, e tudo o que eu queria era sorrir, porque de repente eu me sentia leve e pronta para tudo.

— Eu estou bem, foi só medo, eu tô vivendo muita coisa ao mesmo tempo. Já passou, tá! Não vai acontecer de novo.

Lidia acreditou, eu também acreditei, qualquer um está correndo risco de surtar em algum momento da vida, seja qual for o motivo. O importante é não entrar na neura de que está louca, porque você pode, realmente, ficar louca.

Andamos até o quarto que a Lidia dormia e, supostamente, eu também. Eu queria dormir lá,

aquela cama sempre pareceu bem confortável, eu sempre tive meu quarto decorado por minha mãe, ter um decorado pela Lidia seria novidade. Não tinha rosa por todos os cantos nem bonecas, os lençóis eram simples e cheirosos, havia um ou dois porta-retratos dos pais estranhos dela, um mural com fotos da gente e, perto do que imaginei ser minha cama, havia uma foto dos meus pais. Foi um mimo muito legal da parte dela. Tinha um computador perto da janela em uma escrivaninha branca, alguns cactos dentro de xícaras amarelas, e uma cortina cor de nada — até hoje não sei que cor era aquela — na janela. No chão, não tinha tapetes, e o piso era branco-encardido. Eu amava tudo ali.

O prédio ficava dentro do *campus*, e todos que moravam ali eram alunos. Ajeitamos um o visual bagunçado e voltamos para a escola. Estava bem mais cheia e todos conversavam ao mesmo tempo, era um barulho gostoso. Naquele dia não haveria aula, apenas palestras. O auditório estava lotado de jovens de todas as etnias, costumes e jeitos misturados, alguns já se conhecia do ano anterior, outros estavam ali pela primeira vez. Conseguimos um canto perto do palco, desses cantos que ninguém quer e você sabe por quê, mas queríamos

sentar. Do meu lado estava sentado um rapaz loiro que vestia roupas caras e balançava as pernas nervosamente; do lado da Lidia estava uma moça muito bonita, dessas que fazem cliques de *rap* estrangeiros, ou que vendem Mercedes em feiras de carros, mais tarde fui saber que eles se chamavam Allegra e Caíque e, podem acreditar, eles iam fazer muita diferença em minha vida.

As luzes do auditório piscaram e ouviu-se muita gritaria, palmas e gracinhas, uma mulher de aproximadamente cinquenta anos entrou no palco. Tinham um andar elegante, usava um terninho Chanel e *scarpin* nude, os cabelos eram vermelhos, tingidos e curtos, magra de dar inveja. Ela se apresentou como vice-diretora da escola, se chamava Silvana Ferreira, falou algumas palavras bonitas sobre sonhos, então mudou o tom de voz e ficou inquieta. Hoje sei que ela estava desconfortável e muito irritada.

— Durante anos, essa escola viveu sob o comando de nossos fundadores, os Lambertini. Nos últimos anos tivemos, na liderança, Erica Lambertini, mas por motivos pessoais familiares, esse ano nossa escola será comandada por Lex Lambertini.

Eu fiquei uns dez segundos sem ar, pensei na possibilidade de ter outra crise de pânico, dessa vez eu iria ficar me debatendo igual um peixe quando tiram da água, então eu seria internada e nunca mais teria que olhar para o diretor da escola. Ele parecia ainda mais bonito do que havia parecido no estacionamento. Os cabelos estavam arrumados, a palidez havia dado lugar a uma pele bonita, levemente bronzeada, naquele momento ele transmitia muita calma, trazia no rosto um sorriso invejável.

Caminhou seguro com um ar jovial.

— Boa noite — disse ele sorrindo. — Eu me sinto honrado em estar à frente dessa que hoje é, sem dúvidas, umas das maiores e mais renomadas escolas de dança, hoje temos os melhores profissionais de dança, também temos salas confortáveis e equipamentos de primeira qualidade, ao estudar aqui, você está se tornando parte da nossa família, quero que esse ano seja o melhor ano de todos.

Ele continuou com aquele discurso longo, e eu tinha certeza que estava ouvindo cada palavra, mas quando Lidia me cutucou, eu percebi que tinha dado uma cochilada. Acordar todos os dias às

quatro da manhã é puxado. O Lex já havia saído do palco, e um grupo grande de professores estava sendo apresentado, já passava das dez da noite e eu me sentia muita cansada. Queria estar ali, fazer amizades, olhar cada cantinho do lugar, mas precisava de disposição e, com a rotina que eu tinha, isso era difícil. Precisava de algo que me desse ânimo, e aqueles discursos não estavam ajudando. Saí em busca de um banheiro, precisava molhar o rosto, caminhar um pouco para o sono passar.

Os corredores eram claros e cheios de quadros de grandes bailarinos, não tinha um cheiro específico, mas era bom. Encontrei um banheiro do outro lado do auditório, distante da bagunça, lavei meu rosto e tomei um pouco de água, senti-me desperta. No caminho de volta, escutei uma voz e música vindo de uma das salas e, ao passar pela frente, não pude deixar de olhar o jovem que dançava ao som de uma música latina. Ele era muito bom, dançava de uma forma envolvente; era muito bonito também. Chamava-se Vicente, e sempre foi um dos garotos mais charmosos que já vi, alto, negro, magro, seus cabelos eram levemente clareados nas pontas, e os olhos, os mais lindos,

tinham cor de mel. Não demorou muito para ele me notar. Com um sinal de cabeça, ele me chamou para me juntar a ele. Eu rejeitei, mas ele me puxou pelas mãos, então me entreguei àquele ritmo contagiante, afinal, eu estava ali para dançar. Naquele momento, tudo passou, sono, medo, cansaço, crises, nada mais importava, apenas estar ali dançando, deixando o ritmo me conduzir. Dançar era sempre uma primeira vez, era só fechar os olhos e me deixar levar.

O som foi interrompido abruptamente.

Lex estava parado perto do aparelho, o rosto sereno não transmitia nenhum sentimento, eu não sei por que, mas tive a certeza de que estava encrencada. O rapaz estranho do meu lado tinha um sorriso zombeteiro no rosto, ele deveria ser veterano. Hoje, pensando naquele dia, eu me pergunto: “Onde eu estava com a cabeça para encontrar um estranho e ir dançar sozinha com ele?”, ao mesmo tempo, eu penso: uma escola de dança, longe dos pais, dezoito anos, muita música. Quando se tem isso na vida? A gente tem é mais que se jogar mesmo. Mas naquele dia, não pensava assim e fiquei aterrorizada.

— Existe muita coisa nesta vida que eu não

gosto — começou Lex, enquanto caminhava em nossa direção. — Entre elas, eu não gosto de quem faz regras, mas também não gosto de quem as quebra. Vocês?

— Vicente Aguiar.

— Eu sou Sarah Barelli.

Lex respirou fundo e voltou para seu discurso.

— Vicente é bem famoso, Erica já me falou muito de você, tenho certeza que você conhece as regras o grupo Lambertini. A Erica pode não ter tomado uma atitude sobre você, mas acredite, eu não terei esse problema. Ou você vira gente, ou será qualquer coisa bem longe daqui. E você é a aluna nova, bolsista, indicada por uma das nossas professoras. — Senti-me como em O Senhor dos Anéis aquele momento, Frodo bolseiro, Sarah bolseiro. Mas naquele dia, não pensei nisso também, estas idiotices estão vindo agora, enquanto relembro a história.

— Que professora? Você está enganado?

— Linda Rabelo.

— Ela está aqui? — perguntei berrando.

Eu nunca aprendi a comemorar igual a um adulto, sempre comemorei minhas vitórias e alegrias como uma criança, e naquele dia não foi

diferente: dei gritinhos de alegria enquanto os dois me observavam sérios.

— Jura? — perguntei.

— Sim, se você tivesse ficado para ver o evento no auditório saberia. Mas quando estava lá, estava dormindo; e depois veio para a sala que deveria estar trancada, mal chegou e já está aprontando...

Ele virou as costas e saiu andando. Eu não era aquilo que ele estava falando, eu não sabia das regras, e não poderia ser culpada, e que regra estúpida. Quase corri para alcançá-lo, e quando o alcancei, segurei-o pelo braço. Ele me encarou surpreso. Vicente passou por nós segurando uma mochila preta jogada nas costas, segurou uma mecha dos meus cabelos e disse, “Tchau, Sarah”. Sorri em resposta e o observei sair. Ainda segurava o braço de Lex, que se soltou me trazendo de volta à realidade. Olhei para o homem em minha frente e fiz um comentário que eu, até hoje, não considero normal.

— Como ele é bonito! Vicente, muito gato...

— Você não consegue admirar outra coisa em homens?

— Talvez. Sabe, Lex, eu até hoje nunca quis

beijar ninguém...

— Deveria ter uma regra para evitar desastres como este. Controle seus hormônios, garota, e tente não se meter em problemas. Lembre-se: você é bolsista. E, por favor, escolha um cara à sua altura pra beijar.

Ele saiu e fiquei parada sentindo aquela coisa estranha. Eram muitas emoções. Ele havia me chamado de desastre, e isso foi triste; por outro lado, eu sentia vontade de rir e gritar ao mesmo tempo, uma euforia. Eu estava feliz. Apesar de tudo, eu nunca havia me sentindo tão feliz. Tenho que confessar que estar naquela escola estava se mostrando uma das experiências mais excitantes da minha vida.

Na frente da escola, encontrei Lidia aflita à minha procura. Quando me viu, seu semblante mudou de preocupada para relaxada, depois nervosa.

— Aonde você estava, Sarah? Você perdeu tanta coisa...

— Você não pode imaginar o que aconteceu comigo...

— Eu conheci um cara maravilhoso! — interrompeu-me a Lidia. — Ele é alto e lindo, quis

beijá-lo imediatamente. Vicente Aguiar o nome dele.

Eu tentei falar por mais umas duas vezes que o havia conhecido também, mas ela não me deixou. Tagarelou coisas sem parar como uma matraca por meia hora seguida. Eu a ouvi atenciosamente prestando atenção em cada detalhe. Ela só parou de falar quando chegamos ao convento.

A noite estava estrelada e quente, e o castelo estava em total silêncio.

— A Linda vai te ver amanhã. Hoje ela teve que voltar às pressas para Realengo.

— Tudo bem. Sabe, Lidia, eu senti muita vontade de beijar um cara hoje também.

— Sério, amiga? Só não fala que foi o Vicente, por favor...

— Lex Lambertini...

Saí do carro ainda escutando Lidia dizer por favor, mas já estava muito tarde, então fiz meu caminho de volta para o castelo. Não foi tão difícil, porque eu já não estava mais com tanto medo. No meu quarto, deitada na cama, fiquei pensando em Lex. Ele, com certeza, era diferente de todos os homens e garotos que eu já tinha visto, além de belo, ele era charmoso e seguro de si; passava

PERIGOSAS NACIONAIS

autoridade sem alterar o tom de voz; era fascinante estar perto dele, seja sendo salva de uma crise de pânico ou levando uma bronca. Lex despertou em mim uma coisa que nunca antes eu tinha sentido, não era borboletas, nem tonturas ou sensação de voar, isso é fabula. Lex despertou em mim o desejo de tocá-lo, de saber como é beijar um homem, e o que vem depois do beijo; Lex era um caminho inteiro para a perdição, e eu tinha um corpo para manter puro, eu sabia que eu devia me manter longe dele. Então me lembrei de suas palavras: “Escolha um cara à sua altura pra beijar”.

Entendi que ele também queria ficar longe de mim.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo Quatro

O som do sino para acordar as atrasadas soou alto, e eu era uma delas. Cinco minutos de atraso. Eu poderia esperar que teria castigo. Já havia se passado quase dois meses desde o dia em que tinha começado as aulas, e a rotina estava me matando. Eu tentava ter disposição, mas cada vez estava mais difícil, e naquela semana estávamos entrando em jejum. Fazia dois dias que eu não comia. No convento era fácil manter o jejum, mas na escola, a tentação era demais. Como eu havia prometido a mim mesma, eu viveria as duas vidas me doando de verdade às duas. No convento, as coisas não mudavam, todos os dias eram do mesmo jeito, como se você lesse o mesmo livro sempre. Todos os dias eram iguais, exceto os domingos, em que assistíamos à Missa do Canto e víamos nossos parentes. Os demais dias eram sempre cinzas. Mas eu me sentia muito perto de Deus ali, não sei se pelo silêncio, pela paz ou simplesmente por buscá-

Lo. Eu conversava com Ele por horas às vezes, e acredite, eu O sentia — e sinto — tão perto, que me energiza e eu consigo seguir.

A escola tinha novidades a todo segundo. Eram turmas novas que se formavam, alunos novos que chegavam, eventos dançantes, pessoas dançando no estacionamento, em carros com som alto nas praças, havia risos e passos novos, havia festas e muita música, e tinha a Linda, que sempre me abraçava e me tratava como uma filha. Eu evitava falar dos jejuns e trabalhos para ela, não seria bom se ela tentasse me tirar de lá. Enfim, era um sabor diferente todas as noites, e eu amava aquilo. Mesmo que eu estivesse cansada e com fome, aquilo me renovava, dava sentido a tudo. Eu tinha amigos, eles admiravam meu talento, me aplaudiam, alguns me pediam dicas, outros me davam, era uma salada de frutas deliciosa que eu comia um pouco toda a noite, e isso me dava força pra aguentar os jejuns e trabalho.

Quanto ao Lex, eu não mais o havia visto.

Lidia exigiu que eu contasse tudo para ela, e se surpreendeu ao saber que eu havia conhecido o Vicente. Vicente, com o passar do tempo, acabou se tornando nosso amigo e vivia para cima e para

baixo com a gente. Diferentemente do que Lex havia falado, Vicente era alegre, falante, dançava como ninguém, criava passos novos com muita facilidade, e estava sempre disposto a ajudar. Ele tinha a agilidade de um gato e a beleza também, mas era nítida nele a vontade de quebrar as regras. Era um perigo. Lidia também não entendeu por que eu havia falado para o Lex que queria beijá-lo, mas eu nunca havia tido um relacionamento e não sabia das regras.

O sino soou de novo, era a terceira vez, meu castigo só aumentava. Irmã Gloria adentrou com seu sorriso esticado, como se tudo aquilo fosse bom e fez sinal para que eu a seguisse. Caminhamos até o banheiro, então ela ligou aquela ducha fria. O tempo estava quente, e o banho foi até agradável, mas era um castigo, e isso tornou tudo muito agressivo. Trabalhei o resto do dia nas hortas. O dia todo sem comer, debaixo daquele sol fervente, e eu só pensava na ducha fria daquela manhã.

Ao voltar para meu quarto naquela noite, deparei-me com a Madre sentada em minha cama. Ela tinha nas mãos um saco com milho. Estava serena e fria.

— A noite toda aqui, neste milho, diante do

PERIGOSAS ACHERON

altar, será esse seu castigo.

Ela espalhou o milho pelo chão e deixou o quarto.

Eu me sentia fraca, meu corpo já estava lento, mal reagia aos meus comandos, seria melhor terminar o jejum ali, até que eu não suportasse mais. Por outro lado, sair me fascinava, me dava forças para voltar ao castelo. Fiquei um bom tempo só olhando o milho no chão e imaginando o quanto da minha dignidade ele tiraria.

Deixei o quarto vinte minutos depois.

Ao chegarmos no *campus*, fomos para nosso dormitório. Lidia já estava arrumada, foi para aula, eu fiquei ali, por segundos debaixo daquela ducha quente e forte. Era muito bom. Eu evitava usar qualquer tipo de cheiro, apenas sabão.

Cheguei atrasadíssima na aula, entrei correndo na sala e todos me olharam, inclusive Lex que, naquela noite, estava substituindo um dos professores. Aqueles olhares foram desoladores, fizeram eu me sentir pesada e, de alguma forma, conseguiram piorar aquele dia — ou noite — eu já não sabia mais. Naquele ponto, eu sentia como se estivesse vivendo dois dias em um só, mas só tinha metade de uma noite para aquilo. Eu poderia

suportar? Sim, mas era dolorido.

Entrei na sala meio, sei lá, cismada. Não sei por que motivo, mais Lex nada falou. Lidia não estava naquela aula, e isso pesou ainda mais, pois não teria ninguém para me dar um sorriso amigável mesmo que escondido.

Lex deu continuidade à aula. Já havia escutado que ele era um dos melhores dançarinos que a escola havia formado. Não aquela, mas uma filial em Santa Monica, nos Estados Unidos, mas ele havia se destacado mesmo cuidando dos negócios da família. Logo depois que seu pai, Janio Lambertini, foi sequestrado no Rio, tendo um dos dedos arrancados pelos sequestradores, mudou-se para Santa Mônica e começou a se recusar a sair de casa, tinha fortes crises de depressão e pânico.

Lex era o segundo filho de três. Depois dele, vinha Erica, e antes dele vinha Jonas, que havia morrido em um acidente de carro com a mulher e deixado dois filhos. Uma família marcada por tragédias. Porém Lex e Erica alavancaram os negócios da família e, além de dezesseis filiais, tinha também duas fabricas brasileira de sapatos e roupas para dança. Lex deveria ter entre vinte e nove e trinta e um anos, mas sobre ele tudo era

PERIGOSAS NACIONAIS

muito misterioso. Ninguém sabia se era casado ou tinha filhos ou o que ele fazia da vida pessoal.

Terminei meu alongamento olhando para ele. Ele não me olhou uma única vez, caminhei firmemente até os demais alunos e comecei a fazer os exercícios mandados. Lex não dançava, apenas indicava com os braços, do canto da sala, como deveríamos fazer. Eu seguia à risca tudo que ele falava, mas aquela pirueta foi demais. Senti quando saltei, mas até hoje não sei como retornei ao chão.

Quando me dei conta, estava na sala de aula, Lex escorava minha cabeça em seus braços e dava leves tapinhas em meu rosto. Ele falava coisas como “acorda”, “por favor, Sarah”, “olha pra mim”, “tá me ouvindo?”. Fiquei por alguns segundos apenas ouvindo o que ele dizia. Quando recuperei meus sentidos, pude perceber o clima tenso de todos na sala, eles cochichavam entre si, Lex parecia demasiadamente preocupado.

— Você está bem? — perguntou quase em meu ouvido

— Acho que sim — respondi

— Vou tirar você daqui. Consegue andar? — perguntou ele. — Vocês estão dispensados por hora — concluiu, dirigindo-se ao resto da turma.

PERIGOSAS ACHERON

Saí ainda sem saber direito das coisas, meio zozona, meio aérea, meio louca, meio eu. Na verdade, meio era o que me resumia.

Por um tempo longo demais, eu vivi apenas metade.

Lex me levou direto para a cantina do *campus*. Se algum dia eu me esquecer de todas as coisas, tenho certeza de que o cheiro daquele lugar vai permanecer em mim. Cheirava comida e, naquele momento, comida era vida pra mim. Lex me deixou em um canto afastado e saiu. Trouxe consigo dois lanches de frango e dois sucos de acerola, colocou em minha frente e nada falou. Eu não podia comer, eu estava em jejum, era pecado comer. Se alguém no mundo soubesse que eu estava em jejum por conta do meu voto no convento me entenderia, e até se solidarizaria com minha situação. Mas eu era também uma dançarina, e estava sem comer, a ponta de ter chegado a desmaiar, e aquilo era muito sério. — Você acha que isso tá certo?

— Isso o quê? Não entendi.

— Por favor, Sarah, sem infantilidades. Você já é magra o suficiente pra passar em uma garrafa, jura que você ainda tem problemas com comida?

— Eu preciso ir pra casa, Alexandro.

— Come!

Então percebi que não iria sair dali sem comer, porque ele insistiria, ele iria atrás de mim, ele procuraria meus pais, ele iria me perseguir. Seria mais fácil eu comer, para ele não pensar que eu tinha algum distúrbio. Depois eu contaria à Madre que comi e receberia o castigo. Comi aquele sanduíche, e foi a melhor coisa que comi em anos. Tinha tempero e era incrivelmente saboroso. Tudo que no convento não tinha. O suco era bom e tinha gosto de suco, por um tempo, comi em silêncio, e depois comi o dele também. Ele quase que sorriu. Mas “quase” nunca será um sorriso.

— Quer dar uma volta?

— Pode ser...

Andamos pela cidade, paramos em uma praça pequena, mas muito aconchegante, com flores pequenas e brancas, uma fonte colorida, banquinhos rústicos feito com sobras de madeiras, hortas plantadas em pneus, tudo muito mimoso e único.

Lex me olhava com seriedade. Ele ainda estava com as roupas largas de dança, e isso o deixava muito gato. Não usava sapatos, e sim chinelos. Parecia certo estar ali com ele e, hoje, percebo que

era.

— Você está bem?

— Acho que comi demais.

— Vai vomitar?

— Não.

— Você está com problemas, Sarah, precisa de ajuda. — Eu não teria como desmentir, ele continuou: — Eu sei que a pressão é grande, mas você está ótima, fisicamente falando.

— Mentalmente sou perturbada. — Ele se retraiu, e então me lembrei de seu pai. — Desculpa, é que talvez eu tenha colocado muito peso em minhas costas, minha cabeça está ruim, eu ando querendo muito da vida, quero demais.

— Você é muito menina, Sarah.

— Você se acha o velho.

— Talvez eu seja velho demais pra minha idade.

— Então somos dois.

Ficamos ali parados por um tempo, esperando as ideias se juntarem, se organizarem.

— Sabe, Alexandro, quando eu era pequena, eu ficava imaginando o dia que eu realizaria meu sonho. Eu sonhava descer as cataratas de Foz do Iguaçu igual o Pica Pau em um barril de madeira.

PERIGOSAS NACIONAIS

Então quando me tornei mais velha, percebi que isso era impossível. Depois, quis ser uma líder que teria um Príncipe Azul igual a Milly de Chiquititas; logo mais, quis morar em uma terra distante e ter um super cachorro igual o Finn e o Jack; lá na frente, eu quis ser uma heroína charmosa e forte como a Tracy Whitney, como o primeiro livro que li. Foi quando conheci a dança, e ela era real, não era um desenho, nem série, nem livro. Eu já estava vivendo, não era um sonho. Não vou deixar que a dança saia da minha vida, nem que pra isso eu me anule. Eu viverei a dança.

Ele me olhou meio sem saber o que falar

— Você pode viver a dança sem se matar, não precisa se sacrificar tanto.

— Você não tem ideia do que diz.

— Desculpa se eu penso que ficar sem comer é errado.

Olhei para ele irritada, levantei-me do banco e, brava, disse:

— Desculpa, mas você não me conhece e, sinceramente, o que você pensa não me importa.

— Terei que contar para seus pais...

Ele me olhou com deboche. Juro.

Fiquei aterrorizada só de imaginar meus pais

PERIGOSAS ACHERON

sabendo de tudo aquilo. Ele percebeu. Eu sentir muito ódio dele naquele dia. Esse negócio de gostar de alguém pode pôr tudo a perder, não que eu gostasse dele. Sentei-me novamente, respirei fundo, um pânico começou a me consumir, eu estava prestes a ter uma crise de pânico e ele percebeu.

— Calma, não entre em pânico. Eu não vou falar com seus pais, está tudo bem. — Parou de falar por um minuto, segurou minhas mãos, e continuou em tom baixo. — Só não fica sem comer novamente, por favor.

Não sei se pela proximidade, ou horário, mas ele deu um pulo do banco e me estendeu as mãos.

— Vamos, tenho que voltar.

— Pode ir, logo mais eu vou, o ar aqui está bom...

— Tem certeza?

— Sim.

Lex não deu quatro passos e voltou. Estava sorrindo. Era bom vê-lo sorrir. Sorrir para ele também.

— Eu não vou conseguir deixar você aqui sozinha. Deixa eu levar você para o dormitório?

Eu ia dizer não, mas devido àquele sorriso, achei melhor aceitar. Saímos caminhando em

silêncio, eu estava me acostumando com sua presença.

Ceguei cedo no castelo aquele dia, era pouco mais que nove. Entrei no quarto e me sentei na cama, fiquei por um tempo lembrando daquelas poucas horas que saí. Era estranho o quanto Lex me fazia bem, sentia-me leve perto dele. Era quase uma mágica.

Levantei-me ainda pensando nele, então me ajoelhei nos grãos de milho e me pus a rezar.

Capítulo Cinco

Senti mãos segurarem meus ombros. Eu queria olhar para ver quem era, mas me sentia fraca, e minhas pernas estavam dormentes. Eu não as sentia, estava exausta.

Quem me segurava eram duas das irmãs. Eu não as conhecia, não sabia seus nomes, já as havia visto pelos corredores, mas era só isso. Elas me colocaram na cama, então eu senti uma dor dilacerante em minhas pernas. Eu não sabia se eu ainda estava ajoelhada ou se já estava sentada, não sabia se havia se passado duas ou dez horas. Uma das irmãs começou a passar um pano úmido nos meus joelhos, ardeu muito, tentei levantar, mas eu estava cansada, então desisti de tentar e me entreguei ao escuro.

Abrir meus olhos devagar, não tinha ninguém no quarto comigo. Sentei-me na cama e senti meu corpo enrijecer. Faixas encardidas cobriam meus joelhos, retirei-as rapidamente. Dentro de mim eu

pedia por minhas pernas, eu precisava delas para dançar. Meus joelhos estavam esfolados, não parecia ser grave, me levantei e tentei dar uma pirueta, eu o fiz mais doeu muito, então me sentei novamente. Eu queria sair do quarto, tomar banho, mas tinha medo de ser castigada, e só naquele momento eu me dei conta de que os castigos poderiam levar muito mais que minha disposição e dignidade.

Optei por ficar ali deitada olhando o teto e rezando por um analgésico, então minha mãe veio em minha cabeça de novo.

Era domingo de tardinha, estávamos nos arrumando para a missa, minha mãe já estava pronta com seus terninhos elegantes, meu pai estava de terno como sempre, e Maria tentava a todo custo me colocar dentro de um vestido. Eu corria, tentava me esconder, minha cabeça doía muito, era quase impossível ficar em pé. Eu deveria ter uns dez anos. Maria me olhava com aqueles olhos piedosos, mas não dizia nada. Ela nunca tomou um partido. Consegui me soltar dela e sair correndo do quarto, encontrei meus pais na sala, corri para os braços do meu pai e lhe disse

chorando:

— Minha cabeça dói, tá doendo muito...

— Já passa, filha, espere um pouco.

— Por favor, pai.

Então minha mãe se levantou nervosa e saiu da sala. Trancou-se no quarto, meu pai ficou dividido entre cuidar de mim e apoiá-la, por fim, ele me levou à cozinha e me fez um chá. Era camomila, então ele me deixou, fiquei ali imaginando por que minha mãe se irritava tanto comigo, nem meus pensamentos conseguiram uma resposta.

Maria foi ao meu encontro e me deu gotinhas de um remédio amargo, foi o primeiro de muitos que ela me deu, mas a condição era que eu nunca falasse a ninguém sobre aquilo.

Minha cabeça sarou em meia hora. Minha mãe ficou trancada no quarto por dois dias.

Como eu queria a Maria ali, com seu remédio secreto e amargo.

Acho que dormi de novo, acordei com a Irmã Gloria. Ela estava em pé diante da minha cama, com a cara de feliz de sempre. Já estava quase fazendo ela engolir aquele sorriso

Meu corpo já não doía mais, era Deus operando

milagres, me levantei sem dificuldades, dispensei até a ajuda da irmã risadinha. Ela pediu para que eu a seguisse e, sem surpresa, chegamos ao banheiro. Tomei banho, me troquei, escovei os dentes, e em seguida fomos para o refeitório. Eu não fazia ideia de que horas eram, não havia ninguém no refeitório.

A irmã buscou uma bandeja na cozinha com frutas, café com leite e, pasmem, até um ovo cozido. Comi tudo, migalha por migalha e, no final, lambi os dedos. Sentia melhor, e com uma disposição que não sentia havia meses. Eu estava renovada.

A Madre me esperava em sua sala, o rosto sereno e frio de sempre, não demonstrava um sentimento.

— Você está bem, Sarah?

— Sim, mas ainda estou sem saber o que houve.

— Você ficou por dois dias ajoelhada naqueles grãos. Você estava ali em corpo, mas sua alma estava longe, quando percebemos que você estava se machucando, retiramos seu corpo de lá. Você dormiu por mais dois dias. Sarah, estamos muito impressionados com o que vimos, você é uma

fortaleza, tua fé é tão grande que ultrapassa o limite da dor, e posso arriscar, até da vida.

A Madre caminhou até a janela e ficou por um tempo olhando a paisagem à sua frente.

— Precisamos explorar mais sua fé, menina

— Sou como qualquer uma, Madre, não há nada de especial em mim.

— Você vai descobrir que está enganada. Agora vá! — Ela parecia brava, impaciente. — Sarah, seus pais virão lhe visitar hoje.

Ela sinalizou para que eu saísse de vez.

Fiz minhas tarefas com muita facilidade, como se aquela fosse a primeira vez. Senti olhares estranhos para mim durante toda a manhã. Apesar de estar ali, minha cabeça estava na escola. Quatro dias sem aparecer, me doía só de pensar o que eu havia perdido, o quanto Lidia e Linda estavam aflitas, como eu me explicaria para a direção, e como eu estava sentindo a falta do Lex. Cada segundo dos dias que se passaram, mesmo estando dormindo, eu precisava vê-lo, era uma mancha em minha cabeça. E ainda tinha a visita dos meus pais, eu estava com muita saudade, não via a hora de vê-los, tocá-los, ouvi-los, eu os amava tanto, ou melhor eu os amo muito.

PERIGOSAS NACIONAIS

Logo depois do almoço, Irmã Gloria me entregou uma vestimenta negra e pediu para que eu a encontrasse na capela. Permitiu que eu tomasse banho e colocasse água de cheiro.

Meus pais me esperavam.

Empenhei-me em me arrumar, eu queria que meu pai me visse saudável, corada, bonita, mas não tinha muito tempo. Na capela, um grupo de jovens esperavam junto com a Irmã Gloria, dei uma esticada no pescoço para avistar meus pais, mas não os encontrei em lugar algum. Percebi que tinha mais freiras jovens trajando preto junto às moças, elas conversavam, Irmã Gloria caminhou até mim e, sorrindo, disse:

— Essas moças serão nossas futuras noviças, geralmente elas não fazem visitas, mas por pedido de uma delas, achamos de bom grado que você compartilhasse suas experiências.

— E meus pais?

— Isso é mais tarde, querida...

Foi um alívio ouvir aquilo, ou eu não saberia o que fazer com aquela saudade que eles acordaram. Foi quando uma voz familiar chamou minha atenção

— Irmã?

PERIGOSAS ACHERON

Olhei para ver Lidia abrindo caminho entre as demais jovens. Ela estava usando um dos meus vestidos, estava sem maquiagem e sem seus brincos de argola, mas ainda assim era a mais bela do recinto.

— Você poderia conversar comigo?

Seu tom era baixo, e se eu não a conhecesse tão bem, diria até que se tratava de outra pessoa. Irmã Gloria nos deixou à vontade e se afastou uns dois metros. Nos sentamos em um dos bancos da capela, Lidia segurou minhas mãos e disse bem baixo:

— Onde você estava?

— Dormindo. — Ela fez cara de brava.

— Engraçadinha! O que houve?

— Apenas não estava muito bem

— Estamos todos aflitos. Me desculpa ter vindo aqui, posso te esperar hoje?

Neste momento, a irmã se aproximou novamente, então eu segurei as mãos dela e disse sorrindo

— Claro que pode esperar, não tenha presa...

Conversamos com as moças por mais uma meia hora, sempre trocando, nunca ficando mais que cinco minutos com uma apenas, devia ser a tal da intimidade, quem tem intimidade com alguém em

cinco minutos?

Despedimo-nos na frente do convento, Lidia deixou aquele lugar com um sorriso bonito nos lábios. Pelo menos ela estava tranquila.

Meus pais chegaram umas duas horas depois disso. Eu os recebi na mesma capela, continuei com o mesmo hábito preto. Quando os vi entrar, corri na direção deles e os abracei. Eu não deveria fazer aquilo, mas foi rápido e ninguém viu. Me recompus, ajeitei o crucifixo em minhas mãos e os convidei a sentar. Meu pai estava do mesmo jeito, as mesmas roupas sociais, o mesmo penteado e a seriedade de sempre.

— Oi, pai — disse rindo

— Oi, Sarah — respondeu

Minha mãe, no entanto, estava diferente, ela estava linda, o corte Chanel já era, ela havia diminuído o corte do cabelo com algo mais moderno, e seu rosto estava iluminado. Sua maquiagem estava mais clara, minha mãe usava um vestido lindo, era branco com flores que iam caindo até tomar toda a saia do vestido longo que a deixava bem mais alta. Eu nunca a havia visto tão bonita. No entanto, o humor parecia o mesmo. Não sorria nem demonstrava afeto. Abraçou-me como

se abraça um desconhecido.

— Você está bem, Sarah? Como estão te tratando aqui, minha filha? — ela perguntou

— Estou bem, muito bem...

Confesso que esperava muito daquele encontro. Quando vi minha mãe transformada, eu imaginei que as coisas estavam diferentes, que mudanças haviam acontecido, mas no decorrer daquele encontro percebi que os dois estavam iguais, os sentimentos não haviam mudado, os conflitos não haviam sido superados, a embalagem era outra, mas o conteúdo era o mesmo. Senti-me triste com aquilo, esperava ver minha mãe um pouco mais feliz, eu sempre soube que o problema da vida dela era eu, talvez ela não soubesse lidar com o fato de ter uma filha, mas eu estava longe, por que ela ainda estava tão triste?

As horas que eu imaginei que voariam, se arrastaram, aquela tarde foi quase infinita, eu queria fugir dali. A tristeza que minha mãe exalava me intoxicava, então me vi inquieta no banco, minhas pernas balançavam descontroladamente, cada balançada era um minuto a menos para esperar, e em alguns momentos aquilo acabaria. Eu nem os escutava mais, minha cabeça estava longe,

vagueando em lugares felizes.

Irmã Gloria apareceu na capela, e esse era o sinal que o encontro estava no fim. Eu nunca tinha ficado tão feliz por vê-la. Meu pai terminou um assunto que eu não fazia ideia do que era. Se eu tivesse prestado atenção ao que meu pai disse naquele dia, talvez algumas coisas tivessem feito sentido, mas foi mais forte que eu.

— Tenho que ir, pai, mãe, sua bênção...

— Espera, Sarah — pedia minha mãe, ela estava vindo em minha direção, um meio sorriso apareceu em seu rosto, deixando-a levemente jovem, ela então me abraçou e beijou meu rosto, foi terno e incrivelmente bom. — Eu amo você, filha, Deus lhe abençoe.

Então eu percebi que precisei de alguns segundos para ter o encontro perfeito, com meus pais.

— Eu te amo, mãe — respondi chorando. A noite não demorou a chegar. Jantamos, cuidamos da nossa higienização, e fomos autorizadas a entrar. Peguei-me mais uma vez agitada, esperando aquelas horas intermináveis passarem, eu já estava presa havia quatro dias, sentia-me sufocada, apertada em uma caixa, eu precisava sair dali. Com

tudo isso, ainda tinha aquela vontade de ver o Lex. Eu estava com saudade, queria olhar para ele de novo, quem sabe ouvir um boa noite, mas não conseguia pensar em um motivo para ir à diretoria. Minhas faltas seriam justificadas junto à secretaria da escola. “Para a diretoria, só assuntos de extrema importância”. Talvez, se eu passasse sem querer na frente, ou se eu... Por mais que eu pensasse, eu não conseguia imaginar um motivo para ir ver o Lex, e já se aproximava das sete e meia, Lidia estava à minha espera.

Encontrei Lidia aflita perto do muro. Ela estava muito bela. Diferente de mais cedo, ela estava maquiada e com suas roupas exuberantes. Sorriu largo quando me viu, e me abraçou, entramos no carro e o interrogatório começou.

— O que houve, Sarah? — perguntou.

— Fiquei doente, Lidia — resumi a história.

— Por que você não tentou me avisar?

— Não tem como, Lidia.

— Tenho que providenciar um celular para você.

— Não viaja... — Sorrimos, e o assunto se perdeu.

— Tenho tanto a te contar. Você acredita que o

Vicente me pediu em namoro, e vamos junto a uma festa hoje?

Então Lidia não parou mais de falar. Chegamos ao *campus* e ela ainda estava na parte do segundo encontro. Desliguei-me dela para sentir aquele lugar de novo, matar a saudade. Confesso que quase tudo que eu sentia de ruim passou assim que cheguei na escola, até as perninhas pararam de tremer. O tempo? Ah! Esse poderia demorar bastante, eu estava dançando, vivendo, eu estava feliz, mas àquela hora relativa passou numa rapidez que nem minha saudade foi capaz de matar. Já estávamos entrando no terceiro horário, eu sabia que meu coração estava ainda mais inquieto por que eu esperava ver o Lex, mas já estava quase no fim do turno e ele não havia dado as caras. Nem quando eu fui na secretaria — minha última esperança —, ele apareceu.

A última aula foi sensacional. Aquele dia não poderia ter acabado melhor. Manuela, a professora de dança moderna, fez uma aula aberta. Ela passou uma vez a coreografia com a turma, e então pôs a música. Quem errasse, saíria. A música era um *funk*, não era meu estilo, mas admito que aquele balanço nos contagiou. O corpo dançava sozinho,

mesmo quem perdia a vez ficava do canto sentindo o tum-tum do som. Eu nem sabia que era tão boa com coreografias. Parecia que eu já tinha dançado aquela música uma vida inteira, foi ótimo.

Quando acabou, eu estava exausta, descemos para o estacionamento, Lidia me esperava sempre lá, infelizmente nem sempre tínhamos a mesmas aulas. Antes de alcançar a saída uma música chamou minha atenção, era um bolero, um lindo bolero, eu tinha certeza que se tratava do Vicente — ele e essas regras —, mas quando cheguei na sala, encontrei o Lex. Escondi-me entre as araras com roupas que estavam ali. Ele estava lindo de viver. Ao seu lado, Allegra brilhava como uma estrela. Eles dançavam maravilhosamente, pareciam feitos para aquilo, cada passo exalava sensualidade e beleza; ela sorria para ele, e os dois olhavam um para o outro, estavam entregues à dança. Lex a segurava, a conduzia com paixão; eu quis ser ela, quis estar ali em seu lugar e poder ser conduzida por ele. Senti lágrimas quentes escorrerem por meu rosto, limpei-as imediatamente, eu precisava sair dali o mais depressa possível. Eu tentei, mas a fita da minha saia enroscou em um dos cabides das araras e tudo

veio abaixo junto comigo. Fiquei feliz por tê-los interrompidos, mas não queria que tivesse sido daquela forma.

Lex, como sempre, correu para me ajudar, estendeu-me suas mãos e me levantou.

— Você está bem? — perguntou aflito.

— Sim, estou — respondi.

— O que você estava fazendo aqui?

— Eu queria assistir a vocês dois, mas não queria interromper. — Fui sincera e fiquei ali olhando para ele com cara de fracasso, mentir que havia entrado na sala errada estava fora de cogitação, até por que não sei mentir.

— Preciso ir, vocês são ótimos juntos — disse engasgando, e saí correndo antes que minha cara derretesse de vergonha e ciúmes.

Deixei a sala cismada, será que ele havia notado meu desespero? Muitas partes de mim ficaram naquela sala com eles, a minha autoestima e meu ânimo foram só duas dessas muitas partes. Foi só olhando para a Allegra que percebi minha insignificância. Não que isso me incomodasse até então. Beleza nunca havia sido algo de muita importância para mim, a vaidade era uma característica que não me pertencia, mas naquele

PERIGOSAS NACIONAIS

instante, eu queria poder ficar tão bem em um *collant* branco, eu me arriscaria na boca vermelha e na maquiagem carregada; naquele momento, eu queria ser tão bela quanto ela, pra que ele me notasse, me chamasse para dançar e, talvez, me achasse alguém beijável.

— Sarah...

Era Lex. Ele parecia cansado, tinha uma toalha jogada sobre o ombro e os cabelos úmidos de suor. Estava muito bonito.

— Oi — respondi.

— Você está bem mesmo?

— Sim, estou.

— Tá indo para o estacionamento, posso te acompanhar?

Eu pensei em recusar, mas seria bom ter mais momentos com ele para ter com o que sonhar durante a noite. Sabia que eu deveria ficar longe dele, mas sonhar em tê-lo não haveria de ser pecado

— Pode, claro — respondi secamente.

— Você andou faltando.

— Você notou? — perguntei, não sei por quê.

— É meu dever, sou o diretor — disse, como se fosse normal tudo aquilo.

PERIGOSAS ACHERON

— Escuta, Alexandro, eu já me expliquei junto à secretaria, não há nada de errado, apenas uma gripe.

Chegamos ao estacionamento, e Lidia não estava, minha esperança era a que Lex fosse embora e me deixasse com meus transtornos.

— Você vai sair? — perguntou.

— Não — respondi inocente.

— Mas você mora aqui?

Então percebi que eu estava tão distraída sentindo ciúmes dele, que contaria até que estava indo para o convento dormir, mas era sexta-feira à noite, ninguém ficava em casa.

— Vou sair com um rapaz — disse tranquila.

— Não sabia que tinha namorado.

— Não é, apenas um cara bonitão, sabe atlético, ele bem que se parece com aquele cara do filme, *Três metros acima do céu*, o H, sou louca nele, no personagem...

— Eu o conheço? — interrompeu ele.

— É um filme espanhol...

— O cara, Sarah...

— Não sei, isso não é importante.

Então percebi que estava mentindo, eu não fazia ideia de quem era aquele que eu estava

descrevendo. Tá! Eu bem sabia quem era o H, mas não conhecia ninguém parecido com ele. Ao longe, Allegra surgiu. Ela estava usando jeans e corpete, o salto a deixava fina e ainda mais bela, os cabelos negros beiravam a sua cintura e brilhavam com o bater da luz, então eu me lembrei de alguém tão lindo quanto ela, e que me lembrava bastante o H, ele seria um namorado perfeito para qualquer moça.

— Caíque, acho que é Caíque Reiffe.

Lex me olhou por um tempo, parecia espantado com aquilo, como se eu não fosse capaz de ter um homem lindo como meu admirador. Eu quis brigar com ele, porque ele precisava ouvir que eu não era assim de se jogar fora, mas Allegra estava perto demais. Ela passou por mim como uma miss, mas sem o aceno amigável, foi direto para o Bugatti Vyron preto que estava atrás de mim.

— Vamos, Lex, estou com presa — gritou do carro.

Lex ainda me encarava sério. Ele não falou o que estava pensando. Ao decorrer desses anos, percebi que se ele tivesse falado, teríamos evitado desgastes, porém, se eu não tivesse mentido, eu também não teria sido castigada. Mas a vida da

gente, eu acredito, é um livro escrito, não há espaço para anotações. Tudo o que fazemos hoje, é fonte de alimento para o que vem em seguida, seja amanhã, seja daqui a uma hora. Não se deve tentar voltar e fazer de novo. Somos fruto de um passado muito bem escrito, e se você ainda não se tornou a pessoa que quer ser, é porque a página mais importante ainda não foi lida.

Continuei ali parada, com a bunda encostada no carro, pensando nas coisas estranhas daquela noite, enquanto Lex se afastava. Ele cuspiu um boa noite muito sem vontade e se foi com a morena mais linda que eu já tinha visto. Esperei Lidia por mais alguns minutos, mas ela não apareceu. Subi para o dormitório e a encontrei se trocando.

— Oi, Sarah, eu esperei por você, mas desisti, então imaginei que me procuraria aqui. Realmente temos que providenciar um celular para você — disse ela, enquanto abotoava o sutiã preto. — Espera um pouco, e eu levo você.

— Eu vou à festa — disse.

Capítulo Seis

Surpresa, Lidia me encarou. Foram muitas as vezes em que ela havia me chamado para ir em várias festas, mas eu nunca quis.

— Como? — Lidia perguntou assustada.

— Posso ir? Você nem me chamou, mas quero ir.

— Eu não chamo você porque você nunca quer ir.

— Hoje eu quero.

Lidia ainda estava parada, abismada, me olhando, já estava vencendo as onze horas da noite, e eu esperava que ela não me pedisse para implorar, afinal, eu sempre dizia que não iria nem implorando. As coisas mudam e temos que acompanhá-las, então eu quase ia implorar, quando ela disse animada:

— Eu tenho uma roupa que ficará linda em você.

Lidia trouxe um vestido preto de corpete com

saia rodada, era mais curto do que o necessário, me maquiou e arrumou meus cabelos. De fato, eu não fiquei parecida comigo, era uma outra pessoa, eu estava quase mulherão. Não sei se chamaria tanta atenção quanto Allegra, mas eu não estava concorrendo com ela, estava? Lidia colocou os brincos enquanto eu a observava. Ela estava bonita. Usava vestido preto justo e curto, o cabelo descia até o meio das costas em ondas loiras, ela parecia combinar com aquilo; nela, toda aquela maquiagem se tornava normal, quanto a mim, eu me olhava no espelho e me sentia fantasiada. Talvez até estivesse bonita, mas não me sentia à vontade. Aprender a viver com o que você é evita muitos desgastes.

No caminho da festa, contei para Lidia sobre Lex e Allegra, ela não se surpreendeu. Na escola, eles já haviam sido vistos várias vezes juntos. Contei também para Lidia sobre o carro importado, e ela também não se surpreendeu, segundo ela, Lex e a família tinham muito dinheiro, Lex e a irmã tinham elevado os negócios da família às alturas.

— Um sedutor, lindo e rico — disse ela.

— Pena ele não ter tentado me seduzir — falei em tom de brincadeira.

— Ele foi a sua procura umas três vezes ou

mais, pode ser algo ou ele está desconfiado de você, Sarah.

— Por que você não me disse isso antes? — perguntei.

— Esqueci...

Fiquei encucada com aquilo. Ele não tinha me falado que andava atrás de mim. Será que ele estava desconfiado que eu escondia algo? Só podia ser isso, ou ele poderia estar tentando me seduzir, mas eu não acreditava naquilo. Mesmo querendo ser boa com minha autoestima, mesmo sabendo que essa era a história que queria ouvir, eu tinha noção do abismo que existia entre Lex e eu. Então nem levantei essa segunda opção. Chegamos à festa e encontramos com o Vicente. Ele estava maravilhoso, usava jeans rasgado, polo branca e um casaco na cintura, um boné preto finalizava seu *look*. Andamos um pouco e, para minha surpresa, eu estava começando a me divertir. Era uma festa de dançarinos, então tinha muita dança, e eu sempre ficava feliz dançando. Acabei até por esquecer que eu estava procurando o Caíque. Eu ia pedir pra ele sair comigo. É, eu sei, uma baita loucura, mas eu não gostava de mentiras, portanto, se eu saísse com ele, oficialmente tudo o que eu

havia dito para o Lex seria verdade.

Uma hora da manhã venceu no relógio, e o Caíque não deu sinal, eu não poderia esperar mais, além disso, estava cansada, e a maioria das pessoas ali estavam bêbadas, isso me deixava chata para eles, e eles estavam chatos para mim, com ou sem a mentira, eu precisava ir embora. Dei uma volta pelo salão para ver se encontrava Lidia, ela devia estar se esfregando ao Vicente em algum lugar do jardim. Para minha surpresa, tinha muita gente no jardim, a festa inteira parecia estar lá. Acho que fiquei muito tempo dançando, tentei passar pelos cantos, mas um rapaz loiro sem camisa esbarrou em mim e me cobriu de cerveja. Aquilo não podia ter acontecido. Como eu iria chegar no convento cheirando cerveja? Deixei de procurar por Lidia e fui atrás de um banheiro.

Os dois banheiros que ficavam dentro da casa estavam com filas quilométricas, encontrei um outro banheiro aos fundos, a luz estava acesa, mas empurrei a porta e entrei assim mesmo; perto do vaso sanitário, a Allegra estava sentada no chão, suas roupas estavam sujas de vômito, assim como seu cabelo. Ela estava acordada ou desacordada, não consegui ter certeza. Fechei a porta e fui para

perto dela, ela abriu os olhos, parecia perdida, lutando para ficar acordada, e eu fiquei imaginando onde estaria o Lex que não cuidou dela. Será que eles tinham brigado, será que eles terminaram? Tentei não ficar feliz com aquele pensamento, então chamei Allegra segurando em seu rosto pálido e sujo.

— Allegra..., olha pra mim, você consegue sair daqui? Eu preciso que você se levante. — Eu já estava quase gritando, então ela conseguiu me notar. Com muito esforço, ela pegou a bolsa e me entregou.

— Liga *pru* meu *namobado* ... me buscar, a senha é uma espiral.

Ela perdeu a consciência, fiquei por um tempo olhando pra ela, mas não tinha alternativa. Eu não conseguiria levá-la, eu não tinha celular, Lidia estava sabia-se lá onde, e eu não podia deixá-la. Acertei a tal da espiral na terceira vez, aquele celular gigante mais parecia uma tela de computador, pensei que não seria difícil fazer uma ligação, mas foi. Quando encontrei a agenda do telefone, sem surpresa encontrei o nome do Alexandro como o primeiro da lista. Ele atendeu no terceiro toque.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Allegra? — disse sonolento.

— Oi, sou eu, a Sarah. — Senti muita vergonha de dizer aquilo.

— Sarah? Mas e a Allegra?

— Ela está bêbada, quase inconsciente no banheiro da festa que eu estou, eu acho que você precisa vir buscá-la.

— Onde fica?

Passei o endereço e fiquei esperando ele chegar. Eu não podia sair do banheiro, se eu abrisse a porta, exporia Allegra, e isso não seria legal, então fiquei ali, entre o vômito, perguntando-me o que seria de mim se aquilo tudo não acabasse antes das cinco.

Uma batida na porta me deu novas esperanças. Para minha surpresa, era o Caíque. Ele estava embriagado também, mal parava em pé, mas em vista da Allegra, ele estava muito bem, exceto pela camisa branca desabotoada e o jeans molhado e sujo.

— Desculpa, eu achei que era outra pessoa — disse ele meio embolado.

— Eu precisava falar com você, mas acredito que não seja esse o melhor momento.

Acho que ele não me ouviu. Sem dizer nada,

PERIGOSAS ACHERON

ele tentou entrar no banheiro, se desequilibrou e quase caiu. Segurei em seu braço para que ele não caísse e se machucasse, ele se agarrou em mim, quase fomos os dois para o chão, mas quem quase cai continua em pé, não é esse o poema? Não segurei o riso.

Quando me recuperei da crise de riso, soltei o Caíque e me recompus, então percebi que Lex estava parado perto da entrada do corredor. Usava calças de moletom e uma camisa polo preta, parecia nervoso. Ele me encarou, como se me analisasse, então passou por nós, feroz como um leão. Caíque ainda arriscou um sorriso envergonhado, Lex nem se importou, pegou Allegra nos braços, a moça descansou a cabeça em seus ombros, ele a beijou com ternura na testa e saiu. Eu não sei por quê, mas fui atrás deles, e o Caíque foi atrás de mim. Lex passou pelos fundos, chamando pouca atenção para si, o carro estava logo atrás. Não era aquele escândalo de carro, era um sedan prata. Lex pôs Allegra no banco de trás e fechou a porta, sem dizer uma palavra, abriu a porta do carona e fez sinal para que eu entrasse.

— Não, eu não posso ir — disse surpresa.

— Preciso de uma explicação sobre o que está

acontecendo, não acha?

— Eu não sei o que está acontecendo, eu a encontrei assim e liguei para você. Eu tenho algo muito importante para fazer, acredite em mim, é muito importante.

— Beber mais? — perguntou com raiva.

— Eu não bebo — resmunguei.

Ele deu de ombros, então me lembrei que estava cheirando cerveja.

Atrás de mim, com uma certa dificuldade, Caíque conseguiu nos alcançar. Ele parecia ter ficado pior, estava andando torto como se alguém o puxasse para o lado, só então me dei conta de que eu supostamente estava saindo com ele. Voltei a olhar para Lex com uma certa vergonha, ele parecia estar chateado, eu queria muito entrar naquele carro e ir com eles, mas eu não poderia, então devolvi o celular da Allegra e me pus a voltar para festa. Evitei olhar nos olhos dele novamente.

— Eu esperava mais de você, Sarah — disse ele.

— Eu nunca esperei nada de você.

Falei sem olhar para trás, passei e segurei Caíque, que cheirava a vômito, pelo braço, e entendi por que ele tinha demorado para nos

alcançar. Ele me acompanhou com dificuldade, parecia que estava dormindo em pé. Deixei-o encostado em um dos sofás da sala e voltei a procurar por Lidia, a encontrei dançando com o Vicente e outros jovens na sala principal.

Voltei para buscar o Caíque e levá-lo para casa, mas ele não estava mais onde eu o havia deixado. Eu estava prestes a ser expulsa do convento, não havia como procurá-lo, já era quase quatro horas da manhã.

Entrei no carro e fui sozinha embora.

Com sorte, consegui voltar a tempo para o castelo. Faltava pouco para cinco quando entrei no quarto. Por um minuto, tive a impressão de que alguém estava me vigiando, mas só foi impressão; e com aqueles quadros, eu tinha essa impressão quase sempre. Evitei me deitar para não perder a hora de levantar. O toque para sair dos quartos se deu minutos depois, eu tentei ficar longe das irmãs, me sentia fedendo a cerveja e vômito, queria muito tomar banho, mas só poderia tomar banho se umas das irmãs me desse permissão, por isso deixei o banho em meus pensamentos. O dia rendeu pouco, fui designada para trabalhar na cozinha, mas me peguei cochilando algumas vezes, todas fingiam

PERIGOSAS NACIONAIS

não ver, enfim com um pouco de companheirismo conseguir finalizar aquele dia, foi quase uma alegria voltar para o quarto; e saber que era sábado e eu não teria que sair me deixou ainda mais feliz. Eu estava cansada até para dançar e aquilo nunca havia acontecido. Pela primeira vez em meses, aquela cama foi relaxante.

Segunda-feira chegou, e eu me sentia muito bem. A rotina matinal já estava gravada em minha cabeça, assim como os sons e as cores do castelo. Eu, de certa forma, já me sentia em casa. Tomei meu café e esperei que a Irmã Gloria me mandasse para as hortas, no entanto, ela me mandou para o conforto da cozinha. Lá eu trabalhava sentada descascando ou picando verduras, assim a manhã passou sem que eu me desse conta; à tarde, depois do almoço, Irmã Gloria me levou para conversar com a Madre, aquilo não me parecia bom, e não era.

A Madre me esperava sentada em sua cadeira de rainha, a janela apontava uma tarde ensolarada, eu estava meio acanhada, sem saber direito o que me esperava. A Madre deu permissão para que eu entrasse e me sentasse em frente a ela, ela me analisou por alguns segundos.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Temos planos para você, Sarah, achamos que você tem um espírito especial. Já estamos observando você há alguns dias, sua resistência a dias sem comer, sua disposição para horas de trabalho ao sol, você sempre sozinha em sua fé, sem choros ou arrependimentos, você está a fazer milagres...

— Não! — quase gritei quando interrompi a Madre. — Eu sou normal, não há nada de santo em mim, já expliquei que dormi enquanto rezava. Eu tenho tanta força quanto qualquer uma aqui, por vezes choro em minha cama, e só Deus sabe o quanto queria voltar pra perto dos meus pais. — Eu estava chorando e nem percebi.

— Calma, Sarah, estamos lhe dando a oportunidade de fazer uma história perante a igreja, ser mais que uma simples freira, você precisa pensar nisso.

— Tá bem — disse, tentando controlar minha respiração.

A Madre continuou a falar:

— Existe um convento especial, mais confortável que esse. Nele, existem pessoas que vão ajudar você a usar esse seu dom, estamos esperançosas que eles aceitem você, já mandei uma

PERIGOSAS ACHERON

carta contando tudo ao seu respeito, fica na Argentina.

Aquilo foi muito para mim. Meu chão pareceu desaparecer, me senti sendo engolida por uma onda de medo, as paredes andaram em minha direção, o ar que me mantinha calma estava me sufocando, eu precisava me acalmar, mas em minha cabeça só via muros grandes me prendendo, jaulas enormes me impedido de ver a luz do dia; eu estava tendo minha segunda crise de pânico, e a Madre não iria me ajudar. Eu precisava sair dali o mais rápido possível.

— Posso ir, Madre? — falei com dificuldade, pois minha boca estava seca.

A Madre me observava inquieta, talvez ela estivesse pensando que eu estava feliz com aquilo ou sei lá. Ela nunca foi alguém que se pudesse ler, talvez aquele fosse o dom dela.

— Você está bem?

— Estou, um pouco surpresa apenas...

— Isso é bom, vá e pense em tudo, sinta-se feliz por ser especial — ela disse animada.

— Com sua licença.

Deixei a sala me esforçando para andar normalmente, mas eu estava insegura quanto aos

meus passos. Minha boca estava seca, e minhas pernas cambaleavam, eu me sentia sem ar, foi então que me lembrei de Lex e da crise no carro, entrei em uma daqueles quartos que, àquele horário estavam vazios, me agachei perto da cama, fechei bem os olhos e me pus a respirar fundo.

Em minha cabeça o Lex falava docemente “respira, Sarah”.

A crise durou pouco mais de vinte minutos. Quando percebi que o meu coração estava voltando a bater normalmente e que minha respiração se normalizava, senti uma vontade enorme de rezar, então eu o fiz. Quando me sentia insegura, eu rezava, era uma forma mais que eficiente de ficar bem. Sempre funciona, mesmo quando não se sabe rezar, o simples fato de pedir ajuda a Deus, muda toda a situação.

Mais forte e disposta, eu criei coragem e saí do quarto, Irmã Gloria estava à porta da Madre, seus olhos se animaram quando me viram, eles deveriam estar à minha procura.

— Procuramos você por toda a parte, porque se escondeu, menina?

— Não me senti bem, me perdoa

Irmã Gloria informou sobre mim às demais,

pensei que seria chamada pela Madre novamente, mas ao invés disso, elas apenas me mandaram para o quarto, e aquele foi um castigo para mim. Deitada em meu leito, minha cabeça pensava apenas na hipótese de ir pra longe dali, me doía pensar em deixar a escola, a Lidia, a Linda, meus amigos novos, mas o nome que mais vinha em minha cabeça era Lex. Eu repetia para mim, “ele é um sedutor, namora uma garota que não tem nem dezessete anos, é arrogante e já deixou bem claro o que pensa sobre você, Sarah”, então eu pensava nele, nos olhos expressivos que por vezes me olhavam com raiva, na boca rosada, em como seria um beijo dele, nos braços fortes que me abraçavam mesmo sem vontade. Lex era mais do que poderia querer de um homem, então eu percebi que eu precisava mudar todos os meus conceitos e esquecer aquilo.

Ao cair da noite, depois que tudo silenciou, ao sair para as aulas, me peguei pensando se eu o veria aquela noite

Eu havia deixado o carro próximo ao castelo em um canto escondido, por ali era muito difícil a passagem de pessoas estranha, então o opalão estava seguro. Eu gostava de dirigir, eu gostava de

correr, me imaginei dirigindo o carro do Lex e, no mesmo momento, me senti muito extravagante, aquilo não era o tipo de coisa que eu teria, e eu estava certa. Estacionei o carro no lugar de sempre. Lidia me esperava. Ela estava agitada, correu para perto de mim assim que me viu e começou a falar sem parar. Eu não estava entendendo nada.

— Calma, fala devagar! — eu disse.

Ela se escorou no carro e respirou fundo.

— O Lex esteve atrás de você por todo o fim de semana, ele voltou à festa aquela a noite, a Paula, dona da festa, me ligou falando. Ele passou em nosso dormitório e percebeu que você não ia dormir lá, eu falei que você tinha ido pra casa dos seus pais.

— Dos meus pais? — Fiquei aflita

— Sim, eu esqueci a Linda. Ah, Sarah, o que você fez com ele? Será que é muito pra você passar despercebida? — choramingou

— Eu não fiz nada, apenas ajudei a namorada dele, eu não entendo, Lidia.

— Você tem que ir lá, ver o que aconteceu.

— Não eu não tenho não — interrompi. — Eu não lhe fiz mal algum, sou uma boa aluna, sigo todas as regras, fora desse *campus* ele não tem que

se meter em minha vida, agora vamos dançar e esquece ele.

Por dentro, eu não estava tão confiante, mas Lidia não precisava saber disso, me troquei ali mesmo no carro que vivia cheio de roupas e apetrechos. Andamos apressadas para não entrarmos atrasadas na aula da Linda. Todos já estavam em sala, e ali todos pareciam felizes e despreocupados como se não houvesse problemas. Deixei toda aquela história do lado de fora da porta.

Linda fazia as aulas serem exaustivas, começava por longos exercícios na “*barre*” e “*barra á terre*”, depois disso, ela emendava e sempre nos surpreendia com um passo novo. Nos ajudava até nos biquinhos para caprichar no francês.

Eu não estava em uma posição muito confortável quando ele chegou, encontrava-me deitada tentando não sentir dor enquanto Linda excitava a musculatura dos meus pés. Lex pôs-se em pé sobre mim, ele estava sereno, usava terno, parecia um príncipe, fiquei ali por segundos admirando aquele monumento, esqueci até a dor nos pés.

— Preciso falar com você — disse e saiu da

sala.

Com todos me olhando, eu me levantei e fui atrás dele. Avistei-o saindo no corredor principal. Quando o alcancei, já estava na rua, na praça que fica em frente ao *campus*.

Lex tirou a gravata e o paletó e jogou de qualquer jeito no banco. Seu humor tinha mudado drasticamente. Quanto a mim, estava tranquila e feliz por vê-lo.

— Você quase matou a Allegra? — falou, mantendo a calma.

— Eu? — falei assustada.

— Sim, você quando resolveu sair com um cara de dezessete anos, mas tudo bem pra você...

— E você que sai com uma garota de dezesseis, seu sedutor indecente.

— O quê?

— Todas aqui sabem que você namora a Allegra...

— A Allegra é minha filha — ele gritou. Eu me sentei sem saber o que falar, ele, no entanto continuou: — Ela é filha do meu irmão que morreu, mas eu que os criei.

— Eu não sabia, mas ainda assim não entendo por que que eu quase a matei.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ela ouviu você dizendo que sai com o Caíque, e ela é namorada dele, ou era, não sei mais — disse desanimado.

— Que merda! — quase gritei. — Olha a confusão que você fez, por sua culpa eu falei que saía com aquele garoto

— Minha culpa? — Ele estava muito bravo

— Sim, sua culpa. Se você não ficasse andando com aquela mulher perfeita e não falasse para mim coisas como “encontre alguém à sua altura”, eu nunca teria me sentido um lixo, e nunca teria inventado que estava saindo com o cara bonitão da sala — terminei a frase envergonhada.

— Você mentiu? Eu odeio mentiras, ela terminou com ele, ela bebeu porque você mentiu.

— Eu já sei, já estou me sentindo a pior pessoa do mundo, mas não posso mudar isso — interrompi. — Eu não sabia, tá bem? Eu nunca falei com esse cara até a festa. — Eu não aguentei e comecei a chorar. Lex mudou de bravo para preocupado, se aproximou e me abraçou. — Me solta!

Livre-me de seus braços, não queria que ninguém tivesse pena de mim. Eu errei, fiz uma coisa que nunca imaginei que poderia fazer, magoei

PERIGOSAS ACHERON

duas pessoas com uma mentira, não havia nada que eu pudesse fazer para mudar aquilo, mesmo se eu pedisse desculpa para os dois, aquela sexta-feira ficaria gravada em minha memória para sempre, seria parte do meu passado para sempre. Eu estava envergonhada e muito infeliz.

Até hoje me sinto mal por aquilo. Falar a verdade pode evitar muito arrependimento, mesmo que, na hora, a verdade te envergonhe, lá na frente ela de honrará.

— Onde você estava todo o fim de semana? Não há registro dos seus pais em sua ficha, onde você trabalha que se ausenta durante todo o dia? Por que você não sai da minha cabeça?

A última pergunta saiu baixinha, quase num sussurro. Eu fiquei parada sem saber o que fazer com aquelas informações. Ele poderia estar até pensando em mim, mas junto com aquilo viria toda uma história, eu teria que contar coisas que ele talvez não conseguisse entender. Então me dei conta de que, por mais que eu tentasse maquiagem minha realidade com frases bonitas, a verdade mesmo era que eu estava mentindo. Mentindo para meus pais, mentindo para as freiras, mentindo para mim mesma, para o Lex, para todos. Eu era uma

grande mentira. Olhei para Lex; ele estava me olhando, esperando respostas que eu não podia dar.

— Minha vida fora daqui não lhe diz respeito.

Ele não esperava — ou esperava, não sei — por aquela resposta, e ficou lá parado, me olhando, enquanto eu me afastava.

Enquanto eu caminhava, as lágrimas escorriam em meu rosto. De repente, eu queria estar no castelo, me esconder de toda aquela vergonha e todas aquelas mentiras. Eu me senti intrusa na escola, como se eu estivesse roubando o lugar de alguém, talvez eu não devesse estar ali, então tomei a decisão mais difícil que eu poderia tomar: eu deixaria a escola naquela noite. Eu não estaria deixando a dança, afinal, meu pequeno quarto sempre me permitiu fazer lindas coreografias, eu poderia dançar em qualquer lugar, menos ali, porque vivendo duas vidas eu não tinha tempo para nenhuma, eu não conhecia as pessoas de verdade, não existiam laços que me unissem a ninguém. Eu tinha a Lidia, mas havia muito tempo que eu não tinha tempo pra ter longas conversas com ela, eu mal sabia o que ela fazia durante o dia, a mesma coisa se aplicava a Linda. Fazendo aquilo eu não estava fazendo ninguém feliz, nem a mim mesma.

Encontrei a Allegra no segundo andar na sala de interatividade, não foi surpresa o Caíque estava com ela, os dois trocavam carícias e se beijavam, eu estava disposta a pedir desculpas, mas não conseguia imaginar como eles iriam me receber. Tive medo e, com certeza, as minhas desculpas não fariam diferença na vida deles. Eles pareciam já ter acertado todo o estrago que minha mentira havia causado, deixar que me humilhassem não os faria mais felizes, e muito menos a mim.

Observei os dois por mais um tempo, então fui embora.

Lidia me deixou na frente do castelo, eu tentei ficar normal, contei sobre o mal-entendido que havia acontecido, mas não dei nenhuma importância à história, assim, Lidia se deu por satisfeita e mudou de assunto.

— Você está triste — ela falou.

— Tô envergonhada.

Ela segurou em minha mão e voltou a atenção para a estrada, quando o carro passou, eu a abracei forte, ela retribuiu. Se ela soubesse que eu estava me despedindo, se ela conseguisse imaginar o tamanho da tristeza que meu coração carregava...

Entrei no quarto e soube, naquele instante, que

eu não dormiria, então desci para a capela e me pus a rezar. Eu chorava, pedia, agradecia, estava tudo tão difícil aquele dia. Só hoje percebo que, na verdade, tudo estava muito fácil. Senti uma presença entrar na capela, me virei e me deparei com a Irmã Gloria. Ela me encarava, não sei se brava ou se curiosa, me levantei fui até ela e segurei suas mãos.

— Eu quero ir pra Argentina, Irmã. — Irmã Gloria sorriu. — Antes, tenho que contar-lhe algumas coisas

Ali, na penumbra da capela, eu contei tudo o que eu havia feito durante todos aqueles meses.

Capítulo Sete

Acordei ao primeiro toque. Na verdade, eu não havia dormido. Ainda não conseguia acreditar que eu tinha contado toda a história para a Irmã Gloria. O olhar dela de espanto em saber por quanto tempo eu havia mentido... Ela não falou uma palavra, não manifestou sequer um som, mesmo quando falei que havia me interessado por um rapaz e que desejei beijá-lo. Eu sabia que estava desistindo do meu sonho de dançar em uma grande companhia ou me tornar uma primeira bailarina, sabia que nunca mais eu veria meus poucos amigos, e Lex ficaria apenas em minhas lembranças, mas o que eu havia feito com a Allegra foi muito sério, foi a prova de que eu estava indo pelo caminho errado, eu não teria muito futuro ali, meu futuro era o convento, isso era certo em minha vida. Eu ficaria apenas com as boas lembranças do que eu tinha vivido na Instituição Lambertini, e mesmo que algum dia eu me arrependesse, ainda assim eu não conseguiria

me perdoar por ter sido tão infantil e mentirosa.

“Ah, Lex, como eu gostaria que tudo tivesse sido diferente!”

A porta do meu quarto se abriu — ninguém nunca batia ali — a Madre entrou junto com a Irmã Gloria e uma outra irmã, Imaculada seu nome, elas estavam sérias e frias. A irmã fechou a porta assim que teve oportunidade. Elas pararam perto a minha cama, a Madre fez sinal para que eu me levantasse;

— Então você nos enganou? Mentiu, usou da nossa fé para fazer imundícies mundanas?

— Madre...

— Cale a boca! — interrompeu-me com um grito. — Você é uma grande decepção, Sarah. — Ela estava parada perto a mim, seu rosto estava ainda mais frio, eu nunca senti tanto medo de alguém como senti daquela mulher. — Eu tomei você como uma bênção, estava acreditando que sua reclusão tão bem aceita se dava ao fato de você ter um dom, eu escrevi sobre você aos meus superiores, você me tomou como uma tola.

— Eu estou arrepen...

A Madre esbofeteou meu rosto por duas vezes. Eu nunca havia apanhado em minha vida, já tinha sido colocada em castigos e, por vezes, fui obrigada

a escutar longos sermões de meu pai, mas apanhar era aquela a primeira vez. Senti o gosto de sangue em minha boca, e o arder da minha bochecha, a Madre continuou ali, parada, fria e violenta. Abaixei minha cabeça em forma de respeito, eu não tinha muito a fazer, de certa forma, eu merecia tudo aquilo. Havia mentido para ela, a enganado.

— Eu não vou expulsá-la daqui, pois ainda acredito na mudança e, como partiu de você nos contar, mostrando assim seu arrependimento, lhe darei a chance de ser novamente digna. Você é uma vergonha para todas neste momento, vou limpar sua alma com o pior dos castigos, você tem que entender de uma vez por todas que o mundo lá fora não existe mais, e acredite, não vai ser fácil.

As duas irmãs seguraram em meus braços, eu não sabia bem o que estava pra acontecer, de certa forma, eu não as impedi que me levassem. Eu poderia estar gritando “não” em minha mente, mas ali para elas eu apenas chorava. Não era um choro alto de forma a manifestar algo, eram apenas lágrimas que escorriam por meu rosto machucado.

Andamos pelos corredores vazios e descemos para o que pareceu ser um porão, foi como voltar no tempo, aos porões dos castelos medievais. Tudo

ali era velho, frio e úmido.

Andamos até o final de um corredor, não havia janelas ou qualquer tipo de entrada de ar, uma das irmãs abriu o que parecia ser um quarto, então fui deixada lá, sozinha no escuro.

Tateei um lugar para me sentar e, como eu havia imaginado, tinha uma cama de tijolos sem colchão em um dos cantos da sala, não procurei mais nada, apenas me deitei ali e me pus a esperar o tempo.

Eu procurava soluções para meus problemas no escuro, afinal, eu já havia lido isso em algum livro. Ele dizia que o escuro poderia trazer respostas; mas aquele escuro, naquelas circunstâncias, era terrível, então o escuro se tornou assustador. Ele vinha em forma de ondas e me engolia me jogando cada vez mais no fundo, e o fundo era ainda mais macabro. O pânico começava a tomar conta de mim, eu já não fazia ideia do tempo que eu havia perdido ali dentro, me dei conta que as horas passavam pelas refeições que colocavam por baixo da porta, já estava na terceira. O barulho do prato rangendo contra o chão é algo que jamais vou esquecer. Eu começava a entrar em estado de vegetação, apenas sentia a reação que minha alma mandava para meu

PERIGOSAS NACIONAIS

corpo, arrepios e tremor, boca seca e muito medo. Eu gritava, chorava e suplicava, e nada acontecia, não sei se dormi e acordei no mesmo lugar ou se dormir e não conseguir sair do pesadelo, eu sabia que não levaria muito, e minha sanidade mental se acabaria.

Nove refeições, algo mudou.

Eu estava agachada no canto da cela, tentando não desistir da vida, perturbada com pensamentos destrutivos, imaginando uma maneira de morrer, de desistir de tudo sem parecer uma covarde, eu já nem estava mais naquela cela, afinal, com tanto sofrimento, eu já estava no inferno, e posso confessar: quando você está sentindo que vai morrer, a única coisa que vem à mente é o que está se perdendo, e as coisas que você poderia ter feito diferente. Naquele momento, eu me arrependia de nunca ter perguntado à minha mãe o porquê de tanta tristeza, talvez ela estivesse disposta a me contar, e só então seríamos mãe e filha de verdade. Eu me perguntava também por que meu pai era tão distante, e por que ele me privou de tantas coisas boas na vida, essa resposta, sim, mudaria tudo, no entanto, o pensamento que me trazia paz e ao mesmo tempo sofrimento, era imaginar o que

PERIGOSAS ACHERON

poderia ter sido e como seria se eu tivesse beijado o Lex quando tive oportunidade, mas ele não me deu essa oportunidade.

— Sarah...

O som morreu no escuro e se perdeu em meio aos meus delírios, não eram expectativas o que eu precisava naquele momento.

— Sarah, menina, responda...

A voz era da Irmã Gloria, ela estava aflita e trêmula, eu fiquei sem saber o que responder. No fundo, eu estava chateada por ela ter me jogado nas mãos da Madre, mas não existia muito o que ela pudesse ter feito com a história que eu tinha contado.

— Me tira daqui, por favor? — supliquei.

— Menina, não vejo como tirar você daqui, vim lhe ajudar, você não está se alimentando. Se ficar assim, vai morrer rapidamente...

— Se não pode me retirar daqui, então é melhor morrer mesmo.

As lágrimas desciam como um rio dos meus olhos, me atrapalhavam a fala e os pensamentos, faziam minha garganta arder e me apertavam o peito.

— Eu não posso te tirar daqui.

Nunca terei certeza, mas a voz da Gloria estava tão embargada quanto a minha. Ela chorava atrás daquela enorme porta de madeira

— Meus pais, chama meus pais, eles podem me tirar daqui.

Por um instante, eu achei que ela tivesse ido embora. Ela se calou, e o silêncio voltou, estava tudo perdido.

— Seus pais estiveram aqui hoje cedo, menina, eles não pretendem te tirar daqui, a Madre teve uma longa conversa com eles.

— Minha mãe me deixou aqui, ela sabe que estou presa?

— Talvez ela não saiba toda a história, talvez eles não saibam os detalhes, mas sim, eles sabem que você está presa, que você fugia do convento e que você vai se mudar para Argentina.

Me senti sozinha, abandonada por todos.

— Eles vão me deixar aqui?

— Eles falaram que você tem uma doença muito grave, Sarah, você está morrendo.

Senti um frio me abraçar. Eu estava caindo, caindo sem chegar a lugar algum. Foi a viagem mais horrível que já fiz em minha vida. Aquilo não poderia ser verdade, eu sempre fui muito saudável,

com bochechas rosadas e pensamentos ligeiros, eu não era doente, eles dois eram doentes. Agachei-me ainda mais para tentar me proteger do frio. Foi inútil.

Então me lembrei do meu primeiro dia de aula.

Depois dos gritos que minha avô materna deu, dizendo que era um absurdo eu não estar frequentando uma escola, meus pais ficaram por dias quietos, a casa quase que só tinha eu e os funcionários, passavam dois, três dias sem que eles me vissem, era incrível a importância que eles me davam.

Um dia desses qualquer da semana, eu brincava pelos corredores da casa, corria e espalhava minhas bonecas fingindo estar em uma grande festa, quando escutei um grito vindo do quarto da minha mãe. Corri até lá, a porta estava entreaberta, espiei do cantinho, minha mãe estava sentada na cama, falava ao telefone, estava agitada e chorando.

— Escuta, a culpa não é minha, ela veio e falou, nos ameaçou, não podemos privar a Sarah de ir pra aula, ela já é uma mocinha!

Do outro lado do telefone, alguém falava algo

para minha mãe, que a deixava ainda mais nervosa, a ponto de segurar firme o telefone.

— Não, não... Eu a amo muito, podemos fazer diferente... Eu sei que até hoje funcionou, estamos felizes, mas temos que... Não, não.

No segundo não, minha mãe arremessou o telefone na parede e ficou olhando os pedaços se espalharem pelo chão. Fiquei por um tempo ali, parada, sem saber o que fazer, senti medo da minha mãe, ao mesmo tempo, veio uma enorme vontade de abraçá-la, mas ela me rejeitaria, mandaria que eu saísse do seu quarto gritando. Dei mais uma olhadinha e voltei para a festa das minhas bonecas.

Alguns dias depois, meu pai veio até mim, Maria me ensinava a fazer bolo de laranja, ele entrou na cozinha e parou perto de nós.

— Oi, meninas...

Seu tom de voz era macio e quase pacífico, mas eu sabia a tempestade que era o meu pai.

— Você vai para a escola amanhã, Sarah.

Dizendo isso, ele se retirou. Maria olhava para mim com felicidade, um sorriso estampou em seu rosto, ela me pegou nos braços e disse feliz:

— Amanhã você vai levar bolo de laranja para

a escola.

Mais tarde, à noite, meu pai junto de minha mãe, me chamou no escritório. Eles estavam sérios, minha mãe ainda parecia aflita.

Foi meu pai quem falou.

— Eu não quero que você faça nem um tipo de amizade com ninguém na escola, já informamos à direção os termos para sua matrícula. A escola deve ser, apenas e somente, uma fonte de aprendizado para você, nada mais que isso. Se, por acaso, algo além disso acontecer, você será transferida imediatamente, até que você entenda que tudo isso é para seu bem. O motorista irá lhe levar e buscar.

Estava acabado o assunto.

Às seis horas da manhã eu já estava de pé na cozinha esperando o café da manhã que Maria havia me preparado, a ansiedade era tanta que mal senti o gosto do pão. Até hoje eu não sei se aquilo era pão. A minha lancheira estava pronta, uma linda lancheira rosa com borboletas presas nela, assim como a mochila. E o meu uniforme era o mais lindo do mundo, meu primeiro uniforme.

O motorista me acompanhou até a entrada da escola, os alunos corriam e gritavam de uma forma

frenética, os mais velhos se amontoavam em grupos conversando e rindo. Era tanta agitação que meu ar começou a faltar, eu não ia conseguir sozinha.

— Oi!

Uma loirinha sardenta sorriu, faltavam dentes em sua boca, mas ela era muito bonita, os cabelos mais compridos que o normal, e um olhar solidário.

— Sou Lidia.

— Sou Sarah, meu pai falou que não posso ter amigos, desculpa.

— Tá bem, eu não vou ser sua amiga.

Lidia saiu pelo corredor olhando para mim e sorrindo, então eu percebi que o medo já havia passado. Eu queria aquilo mais que tudo na vida, segurei firme minha mochila e andei pelos corredores, aquele foi o primeiro dia feliz da minha vida.

— Sarah...? Sarah...!

A voz vinha de longe e atrapalhava as minhas lembranças da escola, então eu voltei para o escuro frio. A voz da Irmã Gloria me chamava com desespero. Ela insistia, mas eu não queria mais

PERIGOSAS NACIONAIS

falar, eu não tinha mais por que responder. Pela segunda vez na vida, tudo o que eu mais queria era morrer.

— Sarahhhhh!

— Oi... — respondi.

— Você conhece alguém que pode tirar você daqui?

— Lidia, Linda, elas são minhas amigas, elas podem me tirar daqui.

— Sarah, a Madre tem muito interesse em manter você aqui.

— Não entendo por quê...

— Eu sei — interrompeu a Irmã — Assim como eu, você é a filha única de pais muito ricos, tudo o que você tem, Sarah, será do convento. Estamos falando de muito dinheiro. Ela vai te deixar aqui até que enlouqueça e pense que o convento é seu melhor caminho, então ela te mandará para a Argentina, e lá você viverá um regime bem mais fechado, onde tudo o que mais vai desejará será voltar para cá e viver em paz. Você assinará documentos doando todo seu patrimônio para a igreja, mas no final, isso parecerá a melhor coisa a se fazer. É tudo muito bem planejado. Eu pensava que tivesse escolhido tudo

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

isso, e só agora, vendo você passar por tudo o que eu passei, posso garantir que fui obrigada pelas circunstâncias a ser quem sou hoje. A única coisa boa nisso tudo é Deus.

— Você não está chateada por ele ter deixado você aqui?

— Eu era abusada por meu pai e espancada por minha mãe, ela nunca acreditou nas coisas que eu contava. Vir pra cá foi um alívio, foi como estar no paraíso. Eu era uma moça revoltada, não queria obedecer a nada, brigava pelas ruas e me deitava com homens sujos e bêbados, talvez eu tivesse me tornado algo bem pior do que imagino. Penso nisso todas as noites, e fico feliz por ter superado cada etapa dessa iniciação. Sou forte, Sarah, hoje ajudo pessoas, mulheres que sofrem com o abuso. Eu sou muito feliz e muito grata a Deus. Mas o seu lugar não é esse, você tem sonhos, tem amigos, tem um amor, você irá brilhar muito lá fora, e eu vou te ajudar a sair daqui. Mas essas pessoas têm que ter dinheiro e poder pra tirar você daqui.

— Eu acho que elas podem.

— Tome isso, Sarah... — Irmã Gloria pôs três velas, um fósforo e algumas frutas pelo buraco da porta.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você precisa comer algo, precisa estar forte para sair daqui, tenho que ir agora.

Por um tempo, permaneci imóvel, sem saber se tudo aquilo era verdade. Eu estava presa em uma masmorra, prestes a ir para outro país, contra minha vontade. Meus pais haviam me abandonado e, para justificar isso, disseram que eu estava doente. A irmã poderia estar, de fato, indo atrás das minhas amigas para me ajudar ou apenas me sondando para saber mais sobre mim e quem me ajudava.

Não tinha como saber, eu só podia esperar.

Risquei um fósforo e deixei a luz da vela iluminar o local. Era ainda pior do que eu havia pensado. Havia teias de aranhas por toda a parte; o pinico que horas antes eu havia usado ainda estava com o xixi perto a porta; a cama era de tijolos e cimento; havia mofo por todos os lados. Ver onde eu estava me encheu ainda mais de pavor. A única coisa que me fazia ter um fio de esperança era ficar perto da porta esperando que alguém a abrisse para que eu corresse o mais depressa que conseguisse, então me agachei lá e apaguei a vela. Às vezes, permanecer no escuro é melhor do que ver as coisas horríveis que a vida apresenta.

Perdi mais uma vez a noção de tempo e espaço.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Quando me dava conta, estava longe; e quando esse longe me deixava feliz, as portas da cela se fechavam em mim novamente. Eu não consigo entender como suportei tudo aquilo sem morrer.

Foi muito rápido quando aconteceu, ouvi gritos, muitos passos e vozes, eu acho que era no corredor da cela que estava acontecendo tudo aquilo, mas nunca terei certeza. Quando a porta se abriu, eu estava semiconsciente, de fome, de medo, de frio, de tudo o que me tiraram. Os braços que me pegaram eram fortes. Havia muitos gritos, acho que eu gritava, entre um desmaio e um suspiro eu abri meus olhos para poder vê-lo. Lex me segurava em seus braços, seu rosto estava sombrio e angustiado, ele falava alto, dava ordens, sua voz estava agressiva, havia mais pessoas ali, freiras, homens de ternos e pessoas chorando, parecia uma cena de crime do seriado CSI, mas eu sabia que era a minha cena de crime.

— Sarah... — Lex segurou meu rosto e me fez olhar para ele. Havia lágrimas em seus olhos, elas estavam ali, tímidas, mas prestes a cair.

— Oi, eu poderia beijar você antes de morrer? Não gostaria de levar esse arrependimento para a eternidade.

PERIGOSAS ACHERON

As lágrimas no rosto dele escorreram e molharam minha face, então ele se agachou e me beijou os lábios. Era quente e me aqueceu. Senti uma paz que nunca eu havia encontrado. Fechei meus olhos, e me entreguei àquele toque tão simples e tão animador. Eu estava ganhando energia, me renovando, amando.

— Se você se comportar direitinho, eu prometo dar muitos beijos em você.

E as lágrimas deram lugar para um sorriso lindo e esperançoso, era como um sol iluminando toda aquela podridão e a transformando em luz, em paz, em vida. Eu soube naquele exato momento que não morreria.

Lex caminhou pelos corredores daquele lugar comigo nos braços. Ele não se importava com os olhares, com os gritos. Ele não parava e nem diminuía os passos. Assim como eu, tudo o que ele queria fazer era sair o mais rápido possível daquele lugar. Quando alcançamos a porta da frente do castelo, o jardim que antes estava cheio de grama, estava povoado por pessoas com faixas e apitos, elas gritavam por meu nome, por liberdade, por justiça, aplaudiram quando Lex caminhou pelo jardim comigo a tiracolo. Eu fiquei feliz por ter

visto aquilo, fiquei feliz por ter resistido a tudo e presenciado minhas melhores amigas no mundo gritando por minha liberdade, liderando uma multidão. Quando se tem amigos, não importa a quantidade, eles valem mais que toda uma fortuna.

Paramédicos me arrancaram dos braços de Lex, colocaram-me em uma maca e me levaram para uma ambulância. As sirenes gritavam me deixando tonta, eu nunca, em toda a minha vida, imaginei que sairia do convento daquela forma. Por mais que planejem as coisas, nunca temos controle sobre elas. Eu já não tinha forças para assistir a tudo aquilo, meus olhos estavam pesados, eu não aguentava mais brigar com a escuridão. Estava muito cansada, não tinha nenhum controle sobre mim, deixei que meus olhos se fechassem e, antes de me entregar à escuridão total, ouvi, sem saber se era real ou fruto da minha imaginação.

— Eu te amo, Sarah...

Despertei para a vida novamente, não fazia ideia de que dia era, quanto tempo eu havia dormido, ou qual havia sido o desfecho de tudo, e, sendo franca, nada disso me importava. Eu estava livre e viva, tudo o que eu queria era respirar um ar fresco e sentir o sol quente da manhã tocar minha

pele. O quarto era de hospital, mas para mim era o lugar mais lindo do mundo. As paredes e cortinas brancas, os lençóis azuis e o cheiro de álcool só não o faziam igual aos outros porque havia flores por toda a parte, além de balões e cartões, uma festa para meu despertar. Lidia dormia no sofá do lado, ela estava completamente apagada. Se eu pudesse agradecer a Deus um milhão de vezes, ainda assim eu estaria agradecendo pouco por tudo o que Ele me havia dado, por todos aqueles a quem Ele pôs em meu caminho, e pela coragem e garra que Ele me deu, apesar das muitas das vezes em que eu não soube usar. Aquela manhã, naquele quarto de hospital, eu estava agradecida por estar viva e poder continuar a contar minha história.

Levantei-me e fui até a janela, o sol havia acabado de nascer, estava perfeito, eu me sentia renovada, pronta para resolver os problemas que surgissem ao longo da minha vida, com meus pais, com a Irmã Gloria, com a escola de dança. Senti mãos tocarem meu cabelo, Lex afastou uma mecha que escondia meus olhos. Seus dedos tocaram de leve meu rosto, estremeci com o toque. Fiquei ali, por um minuto, olhando aquele homem. Ele estava casual, com jeans e camisa polo, parecia abatido,

mas ainda assim estava lindo.

— Você está bem?

— Estou bem, estou bem... — E ali, com a alma renovada, eu chorei. Um choro de alívio, de felicidade. — Obrigada, Alexandro

Ele me abraçou e permitiu que eu chorasse em seus braços, senti outras mãos me abraçarem, então percebi que Lidia chorava ainda mais do que eu agarrada em meus ombros.

Capítulo Oito

O tempo, que antes demorava a passar, voou. Foram três dias no hospital, que se tornaram curtos para todas as esperanças que eu sentia todas as vezes em que Lex me visitava. Eu não esperava mais nada a não ser vê-lo. Ele não mais me beijou, nem disse que me amava de novo, se é que ele já havia dito, eu não posso afirmar nada das coisas que me tinham acontecido três dias antes, porque eu havia estado sonhando dentro de um pesadelo.

Mas eu esperava por Lex todos os dias ansiosamente.

Quando Lidia e Linda vinham, enchiam o quarto de alegria. Elas me contavam as coisas que estavam planejando para nós, Lidia dizia ter redecorado o quarto agora que iria usá-lo, elas falavam do futuro e das coisas que iríamos fazer, outras pessoas me visitavam e me levavam flores e chocolates. Eram gentis e evitavam falar do ocorrido.

PERIGOSAS NACIONAIS

Meus pais nunca apareceram, e a voz da Gloria dizendo que eu estava doente não saía da minha cabeça.

Ao fim do terceiro dia, Linda foi me buscar no hospital. Confesso que fiquei decepcionada, esperava que o Lex me buscasse, mas eu estava feliz com a Linda também. Nos últimos dias eu tinha a achado bem distante de mim, sempre com os olhos triste. Ela parecia estar frustrada com tudo. Eu gostaria de ajudar, mas não me sentia bem para aconselhar ninguém, ainda estava me recuperando de tudo aquilo, e ainda tinha muitas coisas que resolver. Tudo aquilo me deixava inquieta, saber que eu teria que enfrentar meus pais mais cedo ou mais tarde me deixava com uma dor estranha no peito, eu os amava tanto, eu não tinha dúvidas disso, mas procurava coisas em minha mente que justificassem toda aquela infância perdida para que eu não os odiasse algum dia.

Linda arrumou minhas coisas e fez sinal para sairmos com a cabeça, o sorriso em seu rosto parecia morrer cada dia mais, eu não podia levar mais esse problema para resolver outro dia. Entramos no carro e saímos do estacionamento do hospital.

PERIGOSAS ACHERON

— O que está acontecendo?

Eu a encarei, mesmo sentindo medo da sua resposta. Medo de que ela me dissesse que havia se cansado de tudo aquilo; ela era como uma mãe para mim, saber que ela estava desistindo de andar ao meu lado poderia causar uma ferida ainda maior em minha alma. Ela segurou minha mão sem tirar a atenção da estrada e sem demonstrar interesse ao assunto que eu havia puxado, mas eu estava disposta a ir até o fim, já estava decidido que, em minha vida, os segredos seriam banidos.

— Fala, por favor...

— O quê, Sarah?

— Por que está distante de mim? O que está me escondendo? O que eu fiz que te machucou tanto?

— Eu só estou preocupada, Sarah. Tudo o que aconteceu com você foi muito grave, de certa forma, me sinto responsável por você, não deixaria que você tivesse se metido nisso se por um segundo eu tivesse imaginando algo tão terrível. Você é importante demais para mim, Sarah.

— Porque eu sou tão importante para você?

Linda parou o carro no acostamento, pôs-se a chorar. Ela estava quase à beira da histeria.

— Eu sabia que você estava doente, seu pai

veio até a escola dias antes de você ingressar e nos contou que você tem ou tinha uma doença grave no coração. Ele fez restrições sobre você e nos pediu segredo. Irmã Gloria me contou que você já sabe, eu não tive coragem de te contar, me perdoa, Sarah?

Fiquei por um tempo ali parada esperando aquele choque passar. Ouvir aquilo da freira me alertou, mas ouvir da Linda despertava um pânico de que tudo aquilo pudesse ser verdade. Eu estava doente então, prestes a morrer a qualquer momento, mas por que me privaram disso? E o que eu tinha? Só meus pais poderiam me responder. Olhei para Linda, que continuava a chorar, ela não estava me deixando, ela estava apenas se culpando por algo que ela não tinha culpa. Se eu consegui viver algo em minha vida, devia isso à Linda, que sempre me colocou como primeira pessoa em sua vida.

— Está tudo bem, Linda.

— Me desculpa, Sarah?

— Você está se desculpendo à toa. Eu não tenho o que te desculpar.

— Eu poderia ter te falado, mas fiquei com pena. Você estava tão feliz na escola, eu queria que você continuasse motivada. Quando você se

interessou pela dança, eu fiquei tão feliz! Me dediquei a você, Sarah, vivia com medo que o tal dia chegasse, mas graças a Deus nunca chegou. Vi você se tornar mulher e ter sonhos altos, refiz a minha vida pra poder ver você se tornar a pessoa que sonhou, mas hoje me pergunto se fiz a coisa certa. Você se machucou, foi enjaulada como um bicho, e se uma alma boa não tivesse nos alertado, você estaria presa até hoje.

— Você me deu uma vida, Linda, você e a Lidia pintaram meu mundo, se eu tenho coisas boas pra contar, sonhos a me apegar, eu devo isso a vocês, eu te amo muito.

Então percebi que a Linda nunca me deixaria, ela me amava e sempre estaria comigo.

— Eu também amo você.

-Terminamos o resto do caminho em silêncio, eu estava tentando entender por que eu não me sentia doente, procurava momentos em minha vida que demonstrassem problemas, mas exceto pelas restrições dos meus pais, eu era uma pessoa normal.

Estacionamos na garagem do *campus*, Linda ainda estava triste, mas parecia mais leve. Ela me ajudou a levar as coisas para meu quarto, e não foi

nenhuma surpresa encontrar todos lá dentro gritando surpresa. Lidia amava festas e nunca perderia aquela oportunidade. Dei uma vaga olhada pelo quarto, ele não era lá muito grande, mas cabia uma porção de pessoas, apenas o Lex não estava ali. Procurei não ficar triste com sua ausência, meus amigos estavam bebendo e festejando.

— Quer uma cerveja, Sarah? — perguntou o Vicente me sorrindo com aqueles dentes brancos perfeitos.

Eu nunca havia bebido, mas eu não era mais a mesma, era?

— Eu acho que pode ser...

Ele me passou uma garrafinha verde. O líquido estava extremamente gelado, o gosto não era dos melhores que já havia provado, mas sim, era bom. Terminei a cerveja mais rápido do que eu imaginei, e me senti leve depois dela. Por alguns instantes, consegui esquecer algumas coisas. Uma anestesia, por que esquecer mesmo era impossível, mas conseguir suavizar um pouco o clima., afinal, poucos minutos antes eu estava no carro vendo a Linda chorar, contando que existia uma doença, mas naquele minuto eu escutava Lidia rir enquanto Vicente contava e mostrava para todos como ele

era musculoso. Era bizarro. Olhando de longe, aquela cena em nosso quarto parecia normal. Jovens bebendo e contando coisas sem graça que faziam os outros rirem. Uma batida à porta desviou nossa atenção. Lidia correu para atender. Segundo ela, deveria ser a comida que ela havia encomendado.

Lex estava à porta, segurava rosas brancas nas mãos, ele me avistou perto da janela e sorriu. Eu quase escondi a cerveja com medo do que ele pudesse falar, mas então notei que isso era besteira. Eu era uma adulta, dona dos meus atos e responsável por eles. Então eu levantei a garrafa e ofereci para ele com um sorriso. Ele andou até mim, parecia um deus grego saindo do pedestal. Perto dele, todos os homens daquela sala diminuía. Devia ser meus olhos. Ele me estendeu as flores e pegou a cerveja das minhas mãos, então tudo ficou completo.

Saí com o Lex assim que a comida chegou. Eles me deram uma folga, fugimos de todo aquele barulho. Lex segurou em minhas mãos e andamos pela praça. A noite estava estrelada e fresca, a brisa leve que passava balançava meu vestido fazendo-o dançar. Eu me sentia em um daqueles filmes

estrangeiros em que o príncipe vem para levar a princesa, e juntos vivem o seu felizes para sempre.

— Você está calada esta noite, fixa nestas rosas, deveria ter trazido chocolates — disse ele, quebrando o silêncio.

— Estou saboreando sua presença, me prendendo a cada momento para não sofrer quando você partir, quanto às rosas, estou imaginando as azuis. Será que isso faria delas mais especiais por serem diferentes? — falei, imaginando o novo rumo da minha vida.

— Não é a cor que torna a rosa especial, é quem está recebendo, ou quem te dá, vai do ponto de vista. São como os problemas, Sarah, não é o problema que torna a vida especial, é a forma que você encontra de resolvê-lo. Quanto a mim — disse ele se aproximando —, eu nunca vou estar longe de você, não pretendo partir.

— É uma promessa?

— É uma sentença.

Lex me segurou em seus braços e me beijou sob a luz da lua. O beijo foi leve e envolvente, depois foi ficando rápido e quente. Ele explorava minha boca enquanto me segurava forte em seus braços. Era uma magia que eu nunca havia

experimentado, então ele pôs as mãos em meu rosto e afastou a boca da minha.

— Não... — falei baixinho em protesto ao fim daquele beijo maravilhoso.

Ele sorriu e me beijou novamente, agora com mais vontade e desejo, eu nunca tive tanta certeza na vida quanto a de que eu o amava.

— Eu amo você Lex... — quase gritei.

Lex ficou em silêncio por um tempo, eu esperava ouvir uma resposta ao meu amor, no entanto, eu não me importava em ouvir, ele me amava, eu podia sentir. Por tudo o que houve entre nós, por toda aquela situação, pelos olhares, pelo beijo, ele não precisava me falar, eu já sabia que ele me amava, e ele me amava muito. Soltei-me dele e fui em direção à fonte; Lex me segurou antes que eu desse dois passos, suas mãos fortes me puxaram para perto, e eu não ofereci resistência.

— Aonde você vai? Você me fala uma coisa dessas e sai? Eu tive tanto medo que você não correspondesse ao que sinto, aí, do nada, você fala que me ama e sai andando sem me dar tempo de saborear o que me disse? Como se fosse um simples “boa noite”?

— Não achei que fosse tão importante.

— Me apaixonei por você desde aquele dia que vi você indefesa dentro daquele carro. Eu quis te pegar no colo e não soltar mais. Ao que se passou e eu pude notar o seu crescimento na escola, tão bonita e talentosa, eu evitei criar expectativas com você, quando você me falou que queria beijar o Vicente eu quis sumir, eu me...

— Eu...

— Shh... — Colocou o indicador em meus lábios para que eu me calasse. — Eu procurei me afastar de você, mas era impossível, você estava em todos os lugares que eu ia. Quando você sumiu a primeira vez eu percebi que te amava, então você falou que estava namorando com o namorado da minha filha. Eu me senti o cara mais imbecil do mundo. Foi uma confusão, eu sei, mas eu quase me mudei do país. Eu procurei você depois daquela noite, eu ia falar o que estava sentindo, mas você sumiu de novo e eu fiquei transtornado, quase enlouqueci. Você é muito importante para mim, Sarah, quero cuidar de você, realizar teus sonhos, quero estar com você para que nunca mais se sinta sozinha, eu não posso imaginar você sendo machucada de novo.

Lex me beijou de novo e de novo, era sempre

melhor.

— Eu falei de você aquela noite, era você que eu queria beijar não o Vicente.

— Você olhou para ele enquanto falava...

— Ele esbarrou em mim.

Rimos de tudo aquilo e ficamos ali, namorando, e qualquer coisa além daquilo não tinha importância.

Apesar da garrafa de cerveja e do amor exagerado, eu sabia que existiam coisas para resolver, coisas com as quais talvez o Lex não estivesse disposto a conviver, então me lembrei da tal doença, e me veio um aperto no coração. Eu não queria deixar o Lex, eu não queria morrer, eu estava vivendo aquele momento imaginando que o amanhã estaria presente em minha vida para que eu pudesse resolver todos os meus problemas e seguir com o ele, mas eu não tinha certeza que o amanhã chegaria. Olhei para Lex, que parecia tão leve, ele usava jeans e camisa social branca, seu rosto parecia tranquilo, ele não estava preocupado com nada, ele não sabia que eu estava morrendo.

— Vamos à instituição? — pedi.

Ele me olhou desconfiado, mas se levantou e me estendeu as mãos.

— Se você quer.

Já fazia quase duas semanas que eu não ia lá. Eu me dei conta de que sentia falta, fiquei feliz em notar que nada havia mudado, aquela vida era a que eu queria para sempre, mesmo que o sempre fosse só aquela noite.

— O que você quer aqui? Acho que aquela cerveja lhe subiu à cabeça.

— Tem umas três horas que bebi aquela cerveja. Não viaja, Lex, eu gosto desse lugar, estava com muitas saudades daqui.

Encostei nele e o beijei nos lábios, ele estremeceu com o contato, então ele me tomou em seus braços e me beijou com uma vontade que me arrepiou a pele.

— Estou no meu lugar preferido, com a pessoa que mais amo, eu quero ser sua mulher, Lex.

Ele pensou por um tempo, então notou que não havia muito em que pensar, ele me pegou nos braços e me levou para sua sala. Eu nunca havia estado ali. A sala era grande, uma das maiores que havia na escola. Em um canto, tinha uma mesa que imaginei ser a mesa dele. Ela era enorme e tomava todo espaço destinado a ela, havia também uma ampla biblioteca, com poltronas pretas e um

enorme sofá azul, um bar com diversas bebidas e frigobar embutido; em um outro espaço, havia uma enorme mesa de reuniões. Vinte pessoas não encheriam aquele lugar. Tudo isso era separado por vidros, Lex me levou para a sala de livros, as luzes se acenderam às nossas costas. Ele apertou um botão de um controle que estava em um dos sofás, e as cortinas em nossa volta se fecharam. A janela em nossa frente se abriu, e o clarão da lua entrou na sala. O sofá azul se tornou uma enorme cama. De repente, não estávamos mais na biblioteca do seu escritório, estávamos em um confortável quarto. Lex riu com a minha surpresa.

— Eu costumo passar noites aqui quando tenho muito trabalho. Você quer um vinho?

— Não, uma cerveja foi o suficiente.

Lex parecia mais desconfortável do que eu, ele estava sem saber o que fazer, mas eu sabia o que eu queria. Fui até ele e o beijei, ele me puxou para si e me prendeu em um abraço forte, me beijava cada vez mais acelerado e quente, eu estava muito excitada, me liberei dos seus lábios e olhei em seus olhos. Eu o queria, queria muito, não por que eu poderia estar doente. Eu o queria porque me havia apaixonado no momento que coloquei os olhos

nele. Aquela noite estava destinada a acontecer desde a primeira vez em que nossas bocas se tocaram. Existia uma sensação, uma emoção que eu só sentia quando estava perto dele. Puxei as alças finas do meu vestido branco, o tecido era leve, assim que me liberei das alças ele caiu no chão, estava feito, eu estava seminua em frente àquele homem maravilhoso. Lex me puxou para si, me pegou nos braços, minhas pernas entrelaçaram sua cintura, ele me colocou na cama. Sua boca desceu devagar até meus seios, gemi com o toque, era incrível o que duas pessoas podem movidas pela paixão e pelo desejo, Lex me teve naquele sofá. Ele foi gentil e suave, beijou-me em lugares inusitados. Eu nunca havia feito, mas não foi difícil, já que tudo que eu mais queria era tocá-lo e beijá-lo, quanto mais ele me tinha mais eu o agarrava, eu me prendia, o puxava para mim.

— Eu te quero tanto, Sarah, você é melhor do que tudo o que eu pude imaginar.

Percebi que eu estava no caminho certo, intensifiquei os beijos, ele virou o corpo e eu pude ficar sobre ele, e ali, olhando nos olhos do homem da minha vida, eu tive meu primeiro orgasmo. Ele chegou ao ponto junto comigo, estávamos sentindo

a mesma coisa, éramos um corpo só. Amamo-nos até alcançarmos a exaustão. Fiquei ali deitada sobre o seu peito enquanto meu corpo sentia espasmos. Eu estava em êxtase, aquilo era a coisa mais maravilhosa que eu já havia experimentado. Então ficamos quietos ouvindo a respiração um do outro.

Acordei deitada sobre o peito do Lex. Era algo tão surreal, nunca me atrevi a ir tão longe com ele nem mesmo em meus pensamentos mais loucos, aquilo era mais do que tudo que eu poderia querer do universo. Ele dormia tranquilamente, eu poderia ficar ali o resto da noite observando e admirando sua beleza, mas havia algo que eu estava louca para fazer. A sala estava mal iluminada, tateei procurando por algo para vestir, e consegui uma camisa branca. Minha calcinha estava perto da cabeceira, me dei por satisfeita. Estava tudo em silêncio, toda as salas estavam à minha disposição, não poderia existir nenhuma regra que se aplicasse àquela hora da madrugada, todas as salas eram equipadas com aparelhagem de som de última geração e playlists infinitas. Eu sabia que faixa queria, pois já havia dançado inúmeras vezes, amava aquela música, pois ela falava de um amor tão grande quanto o que eu estava sentindo. De

fato, são poucos os que têm o privilégio de amar.

A música invadiu a sala, entreguei-me a ela da mesma forma que havia me entregado a Lex horas antes. Sim, era possível sentir tamanho prazer em dançar. Lex entrou na sala e ficou me observando por um tempo, não demorou, e eu senti seus braços me erguendo. Eu estava dançando com Lex Lambertini, e era maravilhoso. Senti-me segura saltando, pois ele me segurava com firmeza, me conduzia, e seu toque era leve ao som doce daquela música. Enquanto dançávamos, fazíamos amor.

— Eu não pretendo te ensinar o que é o mundo, eu também não sei — recitou o refrão da música enquanto me beijava, e fizemos amor ali mesmo na sala de dança.

Lex estava me encarando havia um bom tempo, eu fingi não perceber. A sala ainda estava embalada por músicas de todos os gostos, e eu sentia a energia delas entrando em mim, sentia vontade de sair dando piruetas pela sala ao mesmo tempo em que queria permanecer ali sentindo o cheiro e a masculinidade de Lex junto a mim.

— Eu ainda não te agradei por ter me tirado do convento — falei.

— Eu não fiz sozinho. Suas amigas fizeram muito com todas aquelas faixas e todo aquele barulho. Eu apenas entrei com os advogados e a polícia. Cárcere privado ainda é crime.

Seu tom de voz me disse que ele estava aborrecido.

— Está tudo bem, Lex?

— Agora está, Sarah, só não volte mais lá tá? Você teve muita sorte em ter uma das freiras do seu lado.

Lembrei-me da Irmã Glória e me pus a pensar no que estaria acontecendo com ela, qual tipo de castigo ela estaria pagando, eu precisava voltar lá, eu tinha que vê-la.

— Sobre essa freira, alguma notícia?

— É tudo muito privado ali dentro não tem como saber.

— Você sabe que terei que voltar lá, né?

— Por favor, Sarah... — Lex se levantou e começou a se vestir. Fiquei ali sentada no chão olhando para ele e imaginando como eu lidaria com aquela rocha que era Lex Lambertini.

— Eu tenho que resolver coisas, Lex, em

PERIGOSAS NACIONAIS

minha vida. Talvez você ainda não esteja pronto para passar por tudo que pode vir, talvez você precise...

— Não condicione minha felicidade a seus “talvez”, Sarah, eu preciso estar com você, e isso é tudo. Você quer estar comigo?

— Eu amo você, mas existem coisas que precisam ser resolvidas, pessoas que preciso enfrentar, e muitas dessas coisas podem mudar toda a minha história.

— Não existe nada que eu não possa enfrentar com você.

— Eu estou morrendo Lex.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo Nove

Pegamos a estrada para a casa dos meus pais às cinco da manhã. Consegui tomar um banho na escola e vesti uma das roupas que usava para dançar. Foi o melhor que consegui no meu armário. Lex também tomou banho, ele se vestiu de preto, seu humor estava da mesma cor. Após a nossa discussão na sala de dança, ele não falou mais no assunto, a não ser para dizer que precisávamos ir falar com meus pais. Naquele momento. Só me deu tempo necessário para tomar um banho.

Eu pretendia puxar um assunto qualquer com ele, mas seria impossível. Ele estava concentrado demais em seus pensamentos e na estrada à sua frente. Aquele silêncio todo estava me incomodando. Ele não poderia se esconder em sua armadura e me deixar ali sofrendo sem saber no que ele estava pensando.

— Eu preciso que você converse comigo... — falei por fim

PERIGOSAS NACIONAIS

— Me dá um tempo, Sarah...

— Seu silêncio está acabando comigo. Vivi uma vida inteira sendo escrava do silêncio das pessoas, sem saber o que estava acontecendo de verdade. Eu não suportaria se nossa vida se tornasse isso também.

Lex me olhou, e seu semblante mudou, voltando sua atenção para a estrada e ele se pôs a pensar por alguns segundos, então sua mão gelada se pôs sobre a minha. Ele me olhou novamente, se esforçando para sorrir.

— Podemos conversar sobre qualquer coisa, menos do que não temos certeza.

Já era um começo.

— Allegra..., não consigo me perdoar por tê-la machucado.

Lex continuou a acariciar minha mão, sua atenção sempre na estrada.

— Eu expliquei tudo para ela, ela já te perdoou. Se fosse você eu faria o mesmo.

— Me conta sobre vocês...

Lex me olhou, soltou minha mão e se concentrou novamente na estrada. Eu sabia que o silêncio iria voltar, senti um nó na garganta, virei-me e concentrei minha atenção na paisagem para

PERIGOSAS ACHERON

não chorar.

— Meus pais se mudaram para Santa Mônica quando conseguimos abrir nossa primeira filial fora do país. Jonas era o mais velho. Ele conheceu uma mexicana no primeiro ano de escola, Olivia, uma dançarina órfã que morava escondida nos Estados Unidos. Os dois se casaram e tiveram gêmeos, Allegra e Nóa. Quando os dois estavam com três anos, meu irmão e sua esposa morreram em um acidente de carro. Eles voltavam para casa quando Jonas fugiu de uma blitz. Era noite, chovia, os dois caíram em uma ribanceira.

Voltei minha atenção toda para Lex, ele estava longe em seus pensamentos. Era visível o quanto aquele assunto o machucava.

— Tudo bem, Lex, não precisa falar mais.

— Eu estou bem, Sarah...— disse ele, forçando outro sorriso. —Quando isso aconteceu, meus pais não souberam lidar com a situação, eles entraram numa depressão de dar pena. A Erica estava com oito anos de idade, eu estava com dezesseis e tive que cuidar dos meus sobrinhos, da minha irmã, e dos meus pais.

— Por isso que você deixou de dançar?

— Eu não tinha tempo pra muita coisa. Logo

Erica se tornou mulher e passou a me ajudar nos negócios; se casou, tem até uma filha. Meus pais, depois de muito tratamento, estão melhores, hoje eles estão bem, o Nóa está em Harvard, o menino é um gênio da computação, mas a Allegra eu mimei demais, ela é teimosa, insiste que quer dançar. Às vezes eu não sei o que fazer com ela.

— E o dedo do seu pai? Tanta violência...

— O dedo do meu pai está nas mãos dele.

Lex riu, e o clima ruim passou. Parecia que eu tinha contado uma piada muito engraçada, então eu rir também.

— Sarah, você não pode acreditar em tudo o que te contam.

O resto da viagem foi tranquila, agora conversávamos sobre tudo. Eu contei para ele sobre meus pais e toda a história do convento. Ele era um bom ouvinte, me fazia perguntas uma vez ou outra, mas conseguimos manter uma conversa agradável. Paramos para tomar café em Realengo, a menos de vinte minutos da casa dos meus pais. Eu não estava com fome, quanto mais perto chegava, mas eu me sentia sufocada e presa. Era triste, mas eu não conseguia imaginar ver meus pais sem um aperto no coração, e por mais que eu os amasse, a mágoa

que vinha crescendo dentro de mim mataria qualquer coisa boa que pudesse vir daquela história.

Chegamos na casa dos meus pais às dez horas daquele domingo. Não havia possibilidade de eles não estarem em casa. A rotina ali nunca havia mudado, e eu tinha para mim que nunca mudaria.

A casa estava bela como sempre. Os portões se abriram assim que anunciei meu nome. Lex não se sentiu impressionando com a grandeza do lugar, eu já havia lhe contado sobre quem meu pai era e sobre tudo que ele tinha. Maria me esperava nas escadas da entrada. Ela correu até mim e me abraçou saudosa. Era assim que uma mãe esperava um filho, pensei. Do alto da escadaria, na soleira da porta, meu pai me esperava. Ele estava abatido, parecia ter envelhecido uns dez anos, tinha olheiras grandes, barba por fazer, parecia ser o fim para ele. Não avistei minha mãe em nenhum lugar.

— Oi, pai...

Falei assim que consegui chegar até ele. Sua boca mal se abriu em uma resposta.

— Esse é Lex Lambertini.

Lex estendeu a mão para meu pai, eles trocaram um aperto breve e Lex completou:

— Sou namorado da Sarah.

Olhei para ele por um minuto saboreando a novidade, então me virei para meu pai. Entramos, e todo meu passado caiu sobre mim, cada canto daquela casa me retratava algo diferente. Não eram lembranças ruins. Sim, houveram privações, no entanto, eu vivi sempre com o melhor. Meus pais me amavam mais que tudo na vida, e eu não podia duvidar daquilo. Ainda conseguia me lembrar de quando meu pai me pagava no colo e me chamava de borboleta; das muitas vezes que ele chegava do seu trabalho com caixas gigantes de bonecas que nem tinham sido lançadas no mercado ainda; dos beijos antes de dormir mesmo após eu ter me tornando mocinha. Corri em disparada e abracei meu pai como sempre fazia. Ele sempre se surpreendia, mas nunca deixava de me corresponder. Seus braços já não estavam mais tão fortes, e seu abraço já não era mais tão apertado, mas era o abraço do meu pai, e isso era muito bom. Ficamos ali por minutos, a emoção era tão forte que chorávamos em forma de perdão, afinal eu também havia errado com eles, eu havia mentido e me aprisionado em um mundo ainda pior. Talvez se eu tivesse perguntado, se eu tivesse questionado meus

pais sobre toda aquela história, talvez tivesse sido diferente. Percebi que Lex nos observava de canto de olho. Ele estava sério, com o semblante triste, e eu entendi que faria tudo outra vez. Se fosse para tê-lo, eu não mudaria nada em minha história.

— Minha mãe?

— Está no quarto, Sarah. Veja filha, ela está sofrendo, nada disso é culpa dela. Em todo momento ela quis seu bem, não a odeie, por favor...

— Meu pai chorava como uma criança que se machuca brincando de correr.

Eu estava tentando segurar todas as emoções dentro de mim, não conseguiria chegar ao final daquela história sem saber ao certo tudo o que havia acontecido, as emoções poderiam me trair e me deixar sem as respostas que tanto precisava.

— Eu quero que você conte tudo para mim, pai, eu preciso descobrir o que aconteceu com minha vida.

Meu pai chorava entre soluços. Ele estava se matando com toda aquela história. Eu já estava entrando em desespero, não poderia sair dali sem saber ao certo o que estava acontecendo, meu pai não podia se entregar ao choro e me privar mais uma vez daquilo que eu precisava ouvir. Num gesto

PERIGOSAS NACIONAIS

de desespero, segurei em seus ombros e balancei, eu queria que ele me olhasse que se compadecesse da minha dor, eu não suportaria mais um dia sem saber se eu estava morrendo.

— Pai, você precisa me contar — eu gritava já beirando a histeria. No fundo, eu sabia que estava errado, mas as emoções que eu tentava não deixar me atrapalhar já me sufocavam, as lágrimas já desciam do meu rosto.

— Eu conto, Sarah...

Minha mãe desceu as escadas, em suas mãos, havia duas pastas grandes. Ela estava séria, sem demonstrar nenhum tipo de emoção, parecia que havia acabado de despertar de um sono longo. Eu nunca a tinha visto tão dona de si, ela nunca havia enfrentado nenhuma situação com tamanha coragem.

Eu larguei os braços do meu pai, ele levou as mãos ao rosto e descansou o corpo no sofá, eu me sentei tentando controlar mais uma vez as emoções que insistiam em me trair. Limpei meus olhos e encarei minha mãe. Eu não era mais uma criança cheia de medo, por isso encarei minha mãe como uma mulher. Eu havia me transformado em uma mulher.

PERIGOSAS ACHERON

Minha mãe caminhou até mim e jogou sobre a mesa de centro os envelopes. Meu nome estava escrito neles. Segurei-os e retirei seu conteúdo. Eram envelopes velhos que pareciam ter sido manuseados muitas vezes. O papel estava surrado, e as pontas estavam rasgadas. Olhei aquelas radiografias e senti uma pontada em meu coração. Eram exames feitos três dias após meu nascimento, assim dizia a data que estava junto ao meu nome, aquilo deveria ser a prova de que eu estava doente. Lex estava parado quase invisível no canto da sala. Ele ouvia toda a discussão, mas não se manifestava. Sempre que eu o olhava, ele estava com os olhos fixos em mim. Impossível decifrar o que ele estava sentindo.

— Eu não podia engravidar, Sarah, por mais que eu tentasse, me tratasse, nada adiantava.

Neste momento, minha mãe parou de falar e olhou para meu pai, ele já estava mais calmo, quando percebeu que eu ia perguntar algo, ela ergueu a mão, eu já sabia que deveria permanecer em silêncio.

Não sabia o que havia acontecido com minha mãe, mas ela estava forte, caminhava pela sala com ar de grandeza e sabedoria, como se tivesse

enterrado a mulher frágil que eu sempre conheci.

— Eu e seu pai éramos recém-casados e recém-formados em medicina, sabíamos sobre a inseminação, optamos por fazer. Você era meu sonho, Sarah, porém existia a mãe do seu pai, uma mulher impetuosa e fria, evangélica doente, ela não suportava a ideia e nos pediu, na verdade ela gritou, que não poderíamos ir contra a vontade de Deus. Para ela, eu não servia para seu pai, não teríamos filhos porque Deus não queria, ir contra Ele seria tolice. Mas insistimos e lutamos até que eu engravidei de você, minha Sarah, ficamos tão felizes.

Meu pai, já totalmente seguro de si, caminhou até a minha mãe e segurou as mãos dela. Era visível o quanto os dois se amavam.

— À medida que você crescia na barriga da sua mãe — começou meu pai —, nossa vida ia mudando o sentindo. Saímos do nosso apartamento, mudamos para esta casa, sua mãe continuava trabalhando, assim como eu. Estávamos confiantes de que havíamos escolhido o caminho certo. Mantivemos distância da sua avó. Quanto mais longe, melhor nos sentíamos.

— Mais aí você nasceu, Sarah — continuou

minha mãe. — Eu sabia que tinha algo errado com você, você não chorava, o parto foi demorado, e quando você nasceu, não existia choro, só sussurros dos médicos em minha volta. Demorei a voltar para o quarto e, em nenhum momento eles levaram você para mim. Exatamente dez horas depois do seu nascimento, seu pai foi até mim e me contou que você havia nascido com uma doença grave, que seu coração não conseguia mandar sangue suficiente para o cérebro, e você era muito pequena para qualquer intervenção cirúrgica, seria questão de horas até você morrer.

Eu estava parada olhando com espanto para os dois no canto da sala me contando a história da minha vida, eles pareciam tão frágeis e cansados que era difícil sentir raiva deles.

— Foi aí que entrou sua avó — meu pai voltou a contar. — Ela diagnosticou você, Sarah, ela era a melhor cardiologista que existia, ela cuidou de você por aquelas setenta e duas horas, e então, em uma manhã de quinta-feira, ela trouxe você, tão pequena, e entregou nos braços da sua mãe. Eu sabia que era você, porque eu fui o primeiro a te segurar na sala de parto. Você estava corada e com os olhinhos abertos, parecia saudável.

— Ela disse que a fé havia te curado... — gritou minha mãe. — Ela pediu para que criássemos você privada do mundo. Segundo ela, teríamos que ser tementes, fiéis e criarmos você longe de tudo o que pudesse te contaminar. Sabíamos que algo estava errado, mas tínhamos você e nos bastava. Ela nos dizia como cuidar de você, até o que dar pra você comer, ela nos obrigou a ter uma religião, ela dizia que se desagradássemos a Deus, ele iria nos tirar você, ela nos obrigou a evangelizar mesmo sabendo que éramos católicos. Ela gritava e nos jogava na cara a cura, então nós sucumbimos a tudo que ela queria, apenas porque tínhamos muito medo de perder você.

— Vi você crescer fechada nestas paredes, Sarah, sem poder levar você para brincar com outras crianças no parque, mas se você quer saber, eu faria tudo de novo porque você é minha vida, meu milagre e tudo o que eu fiz foi pra ter um dia a mais com você — disse meu pai entre lágrimas.

Fiquei ali parada olhando para meus pais, tentando digerir tudo. Eles estavam tão machucados quanto eu, o sofrimento de quase dezenove anos estava sendo exposto ali. Lex saiu do seu canto e foi até mim, me abraçou e beijou o meu rosto. Teria

sido bom se eu não estivesse tonta com tanta informação.

— Eu tô doente ainda?

Meus pais me olharam do canto, eles estavam determinados a me contar tudo.

— Não sabemos, Sarah, acreditamos sempre no que sua avó falava, era como se ela fosse um guru que nos dizia o que deveríamos fazer com você, nunca a questionamos, tínhamos medo de ser punidos e perder você. Você foi crescendo, de repente estava com seis anos, foi a única vez em que a desobedecemos e colocamos você em uma escola.

— Ela disse que você morreria assim que entrasse na escola — disse minha mãe a soluçar.

Meu pai continuou:

— Sua avó morreu um ano depois do seu primeiro ano letivo, então ficamos sem saber o que fazer, resolvemos continuar do jeito que estava. Era errado, eu sabia, mas era a única forma que existia de estarmos com você, não queríamos abrir mão disso. Você se tornou uma moça forte, bonita. Eu sempre me orgulhei tanto de você.

Senti-me tão mal ouvindo tudo aquilo. Meus pais tinham vivido tantos anos de sacrifício apenas

para ter um dia a mais comigo, e eu os havia decepcionado, mentido. Sempre achei que estava sendo correta em tudo que fazia, mas nunca parei pra pensar em como tudo aquilo poderia mexer com os sentimentos deles, eu tinha sido tão egoísta quanto eles.

— Porque o convento, se vocês são evangélicos rigorosos? — perguntou Lex.

— Ao que minha sogra morreu, perdemos a noção do certo e do errado, continuávamos mantendo aquilo que já sabíamos, mas tudo o que era novo nos deixava em conflito, quando Sarah nos avisou sobre entrar em um convento, achamos que seria certo. Éramos católicos, mas a minha sogra era evangélica doente, não existia outra religião que não a dela, nos tornamos evangélicos, mas o Deus sempre será o mesmo.

— Quando a Madre Superiora nos chamou e nos contou que Sarah tinha dons, ela nos convenceu que estávamos indo no caminho certo — disse meu pai. — Ela nos contou sobre a academia de dança, nos disse o quanto Sarah havia mentido, e por isso estava sendo castigada. Nós, em contrapartida, contamos a ela que Sarah estava doente e toda a

história. Ela nos consolou dizendo que você, filha, havia sido escolhida para vencer. Disse dos seus dons e das muitas coisas que poderia fazer, nos enchemos de alegria por saber que estávamos fazendo o certo.

— Mas não estavam — gritou Lex.

— Soubemos disso assim que ouvimos na TV a notícia sobre o cárcere privado da Sarah. — Minha mãe voltou a chorar. — Eles te machucaram com nosso consentimento.

Existia muita emoção naquela sala.

Estava tudo ali exposto, não havia mais segredo além de existir ou não uma doença. As feridas estavam abertas e doíam muito, eu sabia que tudo aquilo jamais poderia ser apagado da minha história, mas gostaria de poder amenizar o sofrimento dos meus pais. Fui até eles e os abracei, eles esperavam aquele abraço, pois seus braços me puxaram para si. A emoção tomou conta da sala e, em minutos, só existíamos nós três em um universo totalmente paralelo, éramos nós três de novo, nos curando de todas aquelas feridas, nos conhecendo como nunca antes. Eu descobrir que tinha os pais mais amorosos e corajosos do mundo, e eles puderam tomar conhecimento da minha força.

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu poderia viver mais mil anos e nunca iria entender o fanatismo da religião, eles se dividiram entre fés diferentes, que colocaram em lugares ou igrejas diferentes e denominaram deuses, mas todo ser humano sabe que existe apenas um Deus, Este sim pode curar feridas, doenças e restaurar famílias. As brigas ou seitas que se fazem a partir disso são meros fetiches de humanos egoístas atrás de poder e dinheiro sempre a inventar algo que não existe. Deus está aí para se sentir e amar. Ele está em nossos corações desde quando nascemos até o último suspiro. Hoje, mesmo sendo difícil para muitos admitir, estamos sob a vontade Dele e sabemos que, mesmo revoltados, não podemos ir sobre ela, e isso nada tem a ver com religião. Aceitar ou não a Deus em nossas vidas é particular de cada ser humano, impor que o outro faça o mesmo que você é prova de que não evoluímos nada. Sim, tem muito a ver com fé, e esta também não está ligada à religião. Estamos à mercê de um Deus justo que nos dá da mesma forma que nos tira, a fé nos aproxima de Deus para que Ele se compadeça dos nossos sentimentos e nos presenteie com uma segunda chance. Algumas vezes isso não é possível se partirmos do princípio de que nossas

PERIGOSAS ACHERON

vidas são predestinas a partir do que escolhemos fazer. Não posso julgar meus pais, eu faria o mesmo. Conceber um filho é o presente mais gratificante que Deus nos dá, culpo os religiosos que, com suas convicções distorcidas, se aproveitam de quem não está bem para impor suas verdades e suas restrições. Religião não vê filhos, vê dizimistas; na religião de Deus, não há margem para erros. Ao me conscientizar que eu nunca poderia ir contra a vontade Dele, senti medo por aqueles que amava, ao mesmo tempo que me senti em paz por saber que estávamos sendo bem cuidados por Ele. Condenar um Deus que sabe exatamente o que está fazendo, ou viver conforme as leis dos homens para não ser punidos por algo que as pessoas julgam estar errado é cruel. O problema de todas as religiões foi ligar Deus a um ser extremamente vingativo. Não somos donos de ninguém, mesmo que este tenha nascido do nosso ventre.

Abracei meus pais ainda mais forte pedindo para que tudo desse certo em nossas vidas a partir dali, mesmo tendo vivido uma vida aprisionada ao fanatismo religioso

— Podemos refazer todos os exames — disse

Lex se levantando do sofá e retirando seu celular do bolso. Por mais que aquilo fosse o certo a fazer, eu não queria. Estava com quase dezenove anos de idade, e não ia me condicionar a um exame de laboratório. Se eu havia vivido até ali com a misericórdia de Deus e a fé dos meus pais, eu poderia seguir adiante juntando minha fé à deles, mas dessa vez vivendo como um ser humano normal, afinal, ninguém tem o dia de amanhã como certo. Por que eu me contentaria e desistiria da vida só porque um médico me prescreveu a morte em uma das suas receitas frias facilmente largada em seu escritório sábado à noite enquanto ele sai para se divertir?

Eu havia acabado de descobrir a cura pela fé.

— Não, eu não quero.

Lex teve um sobressalto. Sua expressão foi do medo ao pânico em poucos segundos.

— É o certo, Sarah, muita gente já se machucou com isso, não se cuidando, você estará cometendo os mesmos erros que seus pais e sua avó.

— Não, eu não quero.

— Filha, você pode fazer qualquer coisa. Descobri isso quando vi você entrar naquele

convento com um sorriso largo no rosto.

— Eu não quero fazer nada, chega de ter que provar aos médicos, à religião a todos. Eu vou viver minha vida a partir daqui com a fé que trago em meu coração, acreditando que foi Deus que me trouxe até aqui.

— Você está louca, Sarah — gritou Lex.

— Não. Eu disse que você não estava preparado para viver comigo, você é muito cético, Lex, tem uma vida toda programada em suas mãos, não faço parte de um dos seus programas, assim como não vou ser controlada por você, a partir de hoje, eu vou tomar as rédeas da minha vida.

Saí batendo a porta de casa. Eu estava chateada, triste por ver onde a vida podia chegar com o envenenamento do ser humano. As chaves dos carros do meu pai sempre ficavam na ignição. Peguei o que estava mais perto e saí queimando pneus. Pelo retrovisor, pude ver as três pessoas que eu mais amava na vida me olhando com demasiada preocupação.

Percorri quilômetros sem saber ao certo onde eu estava indo, meu norte era tudo que eu tinha acabado de escutar. Era como se eu estivesse vivendo de verdade a partir dali. Quando me dei

conta, estava em frente ao convento gritando desesperadamente pela Irmã Gloria. Não tive medo de estar ali, não poderia mais ser aprisionada, eu havia me tornado uma nova Sarah, mais forte e ferozmente ferida.

Irmã Gloria apareceu na porta, ela estava atordoada com todos aqueles gritos, seus olhos me encontraram sentada no último degrau da escadaria, não havia um sorriso em seu rosto dessa vez, apenas compaixão.

— Você pode me dizer por que estou com tanto medo?

— Você não está com medo, menina, você está confusa. Você só precisa se acalmar e entender que as soluções dos seus problemas só quem pode dar é você.

— Não quero ser prisioneira de laudos médicos, não quero ser prisioneira de uma religião, mas também não posso ser prisioneira do medo.

— Não seja, dias atrás você estava saudável e vivendo uma vida cheia de aventuras, tudo porque você acreditava estar saudável. Você é aquilo que Deus fez você para ser, impossível remodelar um vaso que Deus já modelou, siga da mesma forma que chegou até aqui, se você não quer exames, não

PERIGOSAS NACIONAIS

faça; se não quer uma religião, não tenha; mas por favor, Sarah, que não seja por medo, você é mais que isso.

— Tenho medo de fazer coisas que O desagradem — disse chorando.

— Pequena Sarah, Deus é muito mais do que nós duas podemos concluir. Se você permanecer tendo fé, acreditando Nele e fazendo coisas boas, Ele estará sempre com você te dando muita vida, Deus não se comove com choro, Deus se comove com o que traz de bom seu coração. Eu acho que essa é a única coisa que O faz não desistir de nós.

— Mas eu sempre fui muito egoísta.

— Você queria viver, Sarah, e é isso que Deus nos dá, a vida.

— Como vou viver daqui em diante?

— Da mesma forma que você chegou até aqui, amando-O, respeitando-O, colocando-O à frente dos seus problemas, e agradecendo por todas as dádivas alcançadas, é só você pensar, Sarah, antes disso tudo, você já havia se decepcionando com Ele? Cada um paga por seus erros, não é culpa sua, Deus não está te castigando. — Segurou firmemente minhas mãos. — Lembre-se que o medo foi, talvez, o maior culpado de toda sua dor.

PERIGOSAS ACHERON

Fiquei ali imaginando se ela havia escutado toda a parte da religião e do fanatismo?

— E quanto à cura que meus pais presenciaram? A senhora acha certo o preço que eles pagaram?

— Você é esta cura. — Ela suspirou e pôs-se a olhar para o horizonte. — Quando não há um preço, quando não se tem cobrança, quando não há um cobrador, se alguém paga alguma coisa, esse alguém deve ser chamado de tolo e não de sofredor, aprenda minha menina, Deus pode cobrar o erro, mais nunca te cobrar uma bênção.

Duas noviças saíram correndo pela porta do convento, elas estavam muito preocupadas com algo.

— Madre...

Irmã Gloria olhou para elas com aquele olhar doce de quem tem amor por todos, seu rosto, que havia pouco estava triste e reprimido com minha história, se abriu em um sorriso fraterno e intenso.

— Sim, filhas...

— A senhora é Madre? — perguntei incrédula.

— Sim, Sarah, após todas aquelas manchetes nos jornais, de abuso de autoridade e cárcere privado, a Irmã Matilde foi afastada do cargo. A

igreja não escraviza pessoas, e eu fiquei feliz em saber disso, se é verdade ou mentira, aqui no meu convento passou a ser uma verdade absoluta. Vê, Sarah? Não podemos mudar o mundo, mas podemos mudar o ambiente que vivemos, e isso faz muita diferença. Eu preciso ir agora. Você está bem?

— Sim, estou bem.

Fiquei ali na porta do convento vendo a Irmã Glória entrar, ela estava mais forte e convicta de tudo o que estava fazendo, dentro de mim, eu sabia que ela havia nascido para o convento, assim como eu havia nascido para a dança.

O barulho do carro do Lex se fez ouvir ao longo da entrada do convento. Ele estacionou perto do carro do meu pai, foram necessários alguns minutos para que ele decidisse descer. Ele parecia cansado e angustiado, seus cabelos estavam bagunçados, Lex estava sofrendo.

— Eu já te falei que você não precisa ficar sofrendo do meu lado.

— Você já deveria saber que ninguém manda nos sentimentos dos outros.

Lex se sentou do meu lado na calçada, em nossa frente, um mar de jardim e árvores frutíferas.

PERIGOSAS NACIONAIS

Era uma visão agradável e calma.

— Você sabe que não devia ter saído daquela forma?

— Você sabe que não devia ter me seguido — respondi.

— Entenda de uma vez por todas, Sarah, eu não estou com você por pena, ou por nada mais além do amor. Eu te amo, e vou estar com você até o momento que você me pedir, de coração, para que eu a deixe. Teus problemas, tuas dores, isso tudo faz parte de mim agora. Não adianta mandar eu ir embora da boca pra fora, quando tudo o que seu coração quer é estar do meu lado. Eu não sei o que você pretende fazer daqui por diante, mas eu vou estar do seu lado, será bem mais fácil se você entender isso de uma vez por todas.

Lex me puxou e me beijou. Eu também não sabia o que seria dali pra frente, o que aconteceria. De uma coisa eu tinha certeza, eu estava sem nenhuma presa. Ficamos ali sentados olhando para o jardim daquele lugar que, dias antes, havia sido meu inferno.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo Dez

As emoções dos últimos dias me fizeram uma pessoa melhor, eu já não era a mesma menina de dias atrás, havia me tornado uma mulher forte e guerreira, não tinha mais medo do escuro nem do silêncio. O pânico, infelizmente, ainda estava em mim, e por vezes, eu me controlava para não me entregar a ele. Seria uma etapa até eu me livrar dele por completo, uma briga só minha, quanto ao futuro, eu o esperava com uma vontade nunca vista. Já tinha se passado quase três meses desde minha conversa exaustiva com meus pais, eu não estava achando ruim que tudo aquilo tivesse ficado no passado, da mesma forma que não me incomodava com os erros que eu poderia cometer no futuro. Eu tinha coisas boas no presente, e queria me agarrar a eles o máximo que eu pudesse, então todo aquele assunto de doenças e dias de vida iria ficar naquela prisão que me haviam jogado por uma semana.

Sei que na vida precisamos esclarecer as coisas,

mas para mim já estava tudo bem claro: eu havia sido criada de uma maneira diferente, a base de fé e de fanatismo religioso, mas de alguma forma, por algum milagre, Deus me levou até onde eu estava. Não poderia voltar atrás e mudar tudo, mas existia uma nova etapa da minha vida que eu estava disposta a escrever. Muitos diriam que eu deveria me submeter a exames e me mudar para um hospital, mas exatamente por não saber o que me esperava no dia seguinte — assim como ninguém sabe —, eu escolhi viver, deixar o passado para trás e seguir. É assim que acontece na vida real. Quando eu me lembrava das coisas que a Irmã tinha me falado no convento, do medo ser o culpado de toda aquela dor, meus sentimentos mudavam. Eu sabia que tinha que fazer algo em relação àquilo, mas eu não tinha forças para ir. Logo, a ideia de me apegar a tudo que eu tinha se tornava muito mais viável e incrivelmente segura.

Então eu listei.

Eu tinha meus pais novamente, desde o dia que havíamos conversado, meus pais me ligavam com frequência no *campus*. Haviam me enviado dois cartões de banco e algum dinheiro em espécie, além

de me dizer a todo momento o quanto a vida deles estava mudada por terem se livrado de todo aquele peso. Os visitei alguns dias depois, de fato, minha mãe estava sorrindo, e isso era algo que eu jamais havia imaginado ver, Ainda existia um clima de tensão no ar, aquele clima que pesa sobre os assuntos não resolvidos, mas de que adianta voltar sempre no mesmo assunto e saber detalhes de algo que não se pode mudar? Cada vez que o assunto surgia, eu sentia o rosto dos meus pais se retraírem, e a dor se expor, então eu sempre evitava voltar àquelas lembranças. Ter meus pais como meus amigos pela primeira vez, para mim era ter uma vida normal. Eles começaram a me incentivar a ir em frete com a dança, eles me viam dançar e me aplaudiam de pé, suas visitas eram sempre felizes, minha mãe estava radiante sem toda aquela atmosfera de segredo que acabava a cada novo encontro.

Eu também tinha a Lidia e a Linda, e elas me jogavam para cima todas as vezes que eu cismava em ficar triste assim do nada. Elas eram como um Rivotril, só que vinham sem receita medica, e a dosagem era sem medida. João entrou para a escola no segundo semestre, ele estava ainda mais gato,

trazia com ele o namorado loiro, o que explicava sua ausência todos aqueles meses. Aceitação é um processo longo, João havia aprendido isso. Eu também tinha a Allegra, não havia como eu ser mulher do Lex sem ter a Allegra como filha, por mais que nossas idades fossem semelhantes, eu já estava anos luz à frente dela. Enquanto o Lex deu o mundo para ela, deixando-a mudar de escola e escolhendo o que queria ser para a vida, eu vinha de um mundo obscuro, onde ninguém ousava quebrar as regras, eu já era para lá de adulta aos dezenove anos. Não achava isso ruim, menos que isso, e eu seria a amiguinha chata da Allegra, e o Lex nunca me olharia da maneira que olhava.

Eu tinha também a dança, eu podia dançar todos os dias por quantas horas meu corpo aguentasse. Existia uma infinidade de coisas para aprender, e isso era espetacular, quanto mais eu dançava, mais eu queria dançar, não perdia uma aula, me empenhava em apreender tudo. A Linda se surpreendia com minha evolução gritante em tão poucos meses, não tinha fim para aquilo.

Eu tinha também a Madre Superiora do convento da cidade, ela me deixava conversar com as meninas e incentivá-las a achar seus caminhos

de verdade, a Madre me dava carta branca para mostrar o quão grande o mundo era lá fora, e que Deus estaria com elas lá também, ou ajudar psicologicamente garotas que, assim como ela, já haviam sofrido algum tipo de abuso. Isso começou a me tomar um tempo muito grande, mas era gratificante.

E eu tinha o Lex. Ele estava presente em minha vida todos os minutos, seu sorriso me dava uma garra para seguir. Fora nossos compromissos, estávamos sempre juntos. Eu praticamente me mudei para sua casa, ele era como um imã que me puxava sempre para mais perto. Pelas manhãs, me sentia completa e segura quando despertava com seus braços em mim. Eu o admirava por horas e nunca me cansava disso, nossos planos eram parecidos, conversávamos muito sobre o futuro. Lex não havia sido criado como eu, mas teve responsabilidades que o tornaram muito duro ao longo daqueles anos. Ele também percebeu que sua vida havia sido corrompida por trabalho e responsabilidades e, apesar de isso tê-lo transformado em um homem maravilhoso, era preciso começar a viver. Lex tocou no assunto da doença uma única vez após todo o acontecido.

Já havia se passado alguns dias, estávamos organizando a vida, meus pais estavam tentando se aproximar, meus amigos tentavam me ver como um ser humano normal — isso demorou um pouco —, a Allegra tentava me aceitar como algo, ela não definiu o que era até hoje, e eu estava na etapa de escolher como seria dali por diante.

Foi a primeira noite que ousei dormir na casa do Lex, ele me buscou com seu supercarro, quase eu pedi para dirigir, mas deixei para uma outra época. A casa dele ficava na saída da cidade, era enorme, branca, com vidros fumês. A iluminação deixava a casa brilhando como cristais, era difícil não comparar o Lex a um príncipe e aquilo a um castelo. Um castelo bom. Ao longo do jardim da mansão, seguranças se espalhavam por toda a parte, o gramado dava espaço a esculturas de canteiros — um charme —, uma piscina olímpica pegava toda a parte de trás da casa, tudo que se pode pensar havia naquela mansão, até uma adolescente histérica que deixava a casa barulhenta e a despensa repleta de doces.

Os empregados da casa eram gentis e me tratavam como dona, eu não conseguia me encontrar direito dentro daqueles cômodos

gigantes, volta e meia eu me perdia enquanto admirava uma obra de arte ou tocava algum tecido fino das muitas cortinas da casa. Eu achava que havia crescido no luxo, mas vendo aquela mansão, eu tive certeza de que não.

Lex estava distraído em uma ligação internacional, e não viu minha cara abobalhada. Foi bom. Quando ele me encontrou, eu estava na sacada do seu quarto olhando a imensidão da piscina. O quarto dele era bonito, mas muito impessoal, não existia coisas que o identificava como quarto do Lex, nada de fotos nas paredes ou bibelôs de recordação, tudo ali era decorado com requinte, e isso era um pouco frio.

Lex abriu um vinho e me estendeu uma taça. Saboreei o primeiro gole e notei que o Lex se distraiu novamente com outras coisas, era papéis, ligações. Um mero barulho, e ele depositava sua atenção, me deixando.

— Você vai ficar assim por quanto tempo? — perguntei.

— Assim como?

— Quando você vai aceitar minha escolha? Ou quando vai desistir e partir para outra? Eu não nasci do seu lado, Lex, posso continuar perfeitamente

sem você. Se você não consegue lidar com minhas escolhas, estamos perdendo tempo juntos.

— Não, Sarah...

Lex se aproximou, segurou minhas mãos, colocou a taça ainda cheia sobre a mesa da sacada, ajoelhou-se perto a cadeira que eu estava sentada, suas mãos estavam quentes e seu toque era suave, seu rosto estava sofrido, e seus olhos, cheios de dor.

— Eu não posso dizer que estou achando certo tudo isso, não paro de pensar na possibilidade de você estar doente e de que poderíamos estar tratando isso. Olho em minha volta, e todos agem como se nada disso fosse sério, vejo você perdida em pensamentos e me pergunto se está pensando em sua partida, isso me entristece, não consigo trabalhar direito, não consigo me concentrar nas coisas, passo horas pensando no que posso fazer para te fazer mudar de ideia.

— Não há nada, Lex, eu não vou fazer e não estou te obrigando a conviver com isso, não posso te fazer feliz indo contra o que acredito. Pra ser feliz, você precisa de confirmações; para ser feliz, preciso apenas acreditar e ter fé. Temos maneiras diferentes de pensar, assim como eu não posso

aceitar o que me pede, você não precisa se submeter ao que te imponho, eu nunca fechei a porta, você só precisa ir.

Ele ficou a me olhar por um tempo, analisando as coisas que eu havia falado, suponho, ou apenas sem saber o que fazer. Muitos podem me chamar de egoísta, mas acreditem em mim, só se sabe lidar com uma situação quando se está nela.

— Só pra constar, eu não fico imaginado minha partida... — completei com ironia.

Lex esboçou um meio sorriso.

— Existe uma luz no fim do túnel para mim? — perguntou.

— Não entendi.

— Uma esperança para que, em um futuro não muito distante, você faça esses exames. Porque eu não pretendo deixar você sair da minha vida, se pra você é fácil viver sem mim, para mim, a ideia de te ver partir é assustadora, eu não penso em te deixar, Sarah, isso não deveria ser uma opção entre nós — disse ele triste.

— Eu te amo, sem você eu sofreria para o resto da vida, mas não tenho o direito de te obrigar a viver com alguém como eu, não foram românticos comigo quando direcionaram minha vida no que ela

é hoje, não posso ser romântica com você pra te expor nossas opções, às vezes sofremos menos sendo práticos. Você quer saber se sofro com a alternativa que te dei?

— Talvez você não tenha parado para pensar nisso — disse ele baixinho.

— Existem coisas que nos levam a tomar decisões difíceis de se compreender, pode ser a obediência, sensatez ou medo, nem todas as escolhas são certas, mas se você não pode mudar o resultado da situação, dificilmente você mudará a escolha feita, é mais ou menos isso — tentei explicar. Lex me analisou, sua atenção era totalmente minha.

— Você tá longe de ser obediente, querida, e francamente, não existe mulher mais corajosa que você no mundo. — Lex sorriu e me entregou a taça. — A única coisa que pesa nesta história é sua teimosia, mas eu vou dar um jeito nela.

Lex se levantou e me beijou com muita paixão, uma ótima forma de amenizar o clima e deixar as coisas mais leves.

— Mas se algum dia eu estiver desacordada em um hospital, você tem minha autorização para fazer todos os exames que quiser, acho que eles

permitem namorados fazerem isso, né?

— Eu espero que esse dia nunca chegue — disse ele me beijando ainda mais, então toda aquela conversa se perdeu e o tesão falou mais alto.

Lex acabou se conformando e a vida seguiu normalmente pelos meses seguintes. Ele me fazia sentir a pessoa mais feliz do mundo, e vivíamos cada dia como se fosse o último. Hoje, com mais sensatez, admito que fui egoísta, não só com o Lex e com meus amigos, mas comigo também, se tem uma coisa que aprendi com isso tudo, é que ignorar uma coisa não significa que ela não exista.

Capítulo Onze

— Quero mudar meu visual.

Lidia me olhou de canto sem entender ao certo se aquilo era verdade. Ela sempre quis me ver em um corte melhor ou com roupas menos evangélicas, mas eu nunca havia sentido necessidade de mudar. Não me sentia mal por usar roupas conservadoras, as roupas não podem ser você, você que tem que ser a roupa, e as minhas estavam boas. Mas a época havia mudado, as coisas estavam diferentes, de repente eu senti necessidade de estar bonita. Não montada em maquiagem de uma noite, mas sim estar com os cabelos bonitos, a pele bonita, as roupas bonitas. Eu queria estar à altura de tudo o que eu tinha; e eu queria estar à altura de Lex.

Fomos ao shopping, foi um dia divertido, compramos roupas modernas, sapatos de cores chamativas, e bolsas de grife, passamos horas no cabeleireiro onde deixei quase um palmo da minha história.

PERIGOSAS NACIONAIS

Naquele dia, não esperei que Lex fosse até mim, naquele dia eu queria ir até ele então eu liguei, do meu próprio celular. Havia me rendido não apenas a ele, mas também ao tablet e fiz questão de ter até um videogame.

— Oi.

Aquela voz me enlouquecia, na verdade, aquele homem me enlouquecia. Eu não havia esperado tanto da vida, ter um homem como o Lex, para mim, era algo tão esplêndido que eu mal conseguia disfarçar meu contentamento ao falar dele, ou minha empolgação ao falar com ele.

— Vamos sair?

— Você está bem? — ele perguntou.

Ele sempre me perguntava isso, às vezes até mais que o necessário, me incomodava tanta preocupação, mas eu não podia pedir que parasse.

— Estou e quero sair — respondi.

— Eu estava mesmo querendo levar você em um lugar especial hoje, ia pegar você de surpresa para que você não mudasse minha cabeça quando chegássemos em nosso quarto.

Senti um arrepio na pele, pois sabia a que ele estava se referindo.

— Ok, você passa aqui e me pega.

PERIGOSAS ACHERON

— Às sete.

— Perfeito!

Animei-me com a expectativa de surpreendê-lo com meu novo visual, sempre era ele que me surpreendia. Olhei-me mais uma vez no espelho e admirei os cabelos com um corte moderno, eu estava bonita, combinava com aquela nova fase. Olhei o relógio e faltava duas horas para as sete. Tomei um banho de princesa com direito a muita espuma. Tinha muitos planos para aquela noite.

Sobre a cama, Lidia havia deixado um vestido longo na cor gelo — pelo menos era o que dizia a etiqueta, para mim, era branco —, algumas joias e um sapato de salto. Um bilhete assinado por Lex acompanhava o presente:

É uma festa a rigor, sei que parece chato, mais é uma das mais lindas festas beneficentes da cidade, todos estarão lá.

Espero que goste, a Allegra escolheu.

Com amor, Lex Lambertini.

Vesti e me sentir a mulher mais linda, isso era inédito para mim. Acho que ter alguém que nos ame é tão bom, que passamos a nos amar também.

Lidia me ajudou com a maquiagem e a fechar o colar. No final, eu estava à altura de Lex.

Ele chegou pontualmente, o bater na porta acelerou meu coração e encheu minha cabeça de dúvidas, mas já era tarde pra arrependimentos.

Abri a porta. O olhar que ele me dirigiu me deixou acanhada e eu baixei a cabeça, então, ele segurou meu queixo e, muito levemente, beijou meus lábios.

— Você é linda, mas hoje você está acabando comigo.

— Obrigada, pensei em outros elogios, mas esse foi mais original — disse sorrindo.

— Que tal a gente esquecer de sair e voltar para o plano da cama?

Lex me agarrou, suas mãos acariciaram minhas costas e ele me beijou com desejo e paixão. A opção de sair de casa, perto daquilo, era, de longe, muito ruim.

— Não! Precisamos ir — disse ele bruscamente.

A noite estava quente, mas era agradável, Lex estava falante e sorridente, um pouco fora do seu habitual. A viagem não foi longa, cerca de vinte

minutos, e paramos na frente de um dos poucos hotéis da cidade. O mais belo deles. Na entrada, a recepcionista nos recebeu com um lindo sorriso. Passamos direto para o terraço, quando chegamos, ao entrar, entendi o que Lex quis dizer com “todos estarão lá”. Era uma festa particular, a minha festa particular, Lex já estava ajoelhado em minha frente.

— Eu sei, Sarah que você, assim como todas as mulheres, quer ter um casamento grande, mas você poderia se casar comigo hoje? Agora?

Meus pais estavam sentados em uma mesa, eles me olhavam e sorriam, pareciam felizes com aquilo; Lidia estava em pé a poucos metros de mim, não se cabia de felicidade; assim a lista seguia, uma reunião de muitas pessoas importantes para mim e para ele. Casar não era uma coisa em que eu estivesse pensando, então aquilo foi uma grande surpresa. Lex se ajoelhou, desconfortável, nos joelhos e eu percebi que estava demorando a dar minha resposta.

— Sim, claro que sim... Sim, sim, sim.

Lex respirou aliviado e se levantou, pôs suas mãos em meu rosto e me beijou suavemente, com uma voz morna ele disse ao meu ouvido:

— Respira, Sarah, não entra em pânico, porque

eu também não sei o que fazer a partir de agora. Eu só planejei até aqui.

Mas tudo saiu muito perfeito, a cerimônia foi linda, meu pai me levou até o pequeno altar, entregou-me para Lex, que sorria feito um bobo, o juiz de paz foi breve e direto e, ao final de poucos minutos, eu havia me transformado em Sarah Lambertini. Aquilo era muito emocionante.

A festa foi ali mesmo, nada muito grande, porém bem elegante. No decorrer dela, Lex me apresentou a muitas pessoas importantes em sua vida, entre elas, seus pais.

— Roberta e Roberto Lambertini — disse ele, beijando o rosto de sua mãe.

— Que coincidência! — disse inocente.

— Meu pai mudou seu nome assim que se apaixonou por minha mãe — disse Lex sério. Acho que minha expressão foi um tanto quanto exagerada, pois os três riram imediatamente, Lex se apressou em colocar do meu lado e me disse sorrindo. — Já te falei para não acreditar em tudo, era só uma brincadeira, meu pai se chama Janio e minha mãe se chama Roberta, o resto é verdade.

Eu não esperava me casar naquela noite, mas me casei. Eu nunca teria imaginado algo tão

PERIGOSAS NACIONAIS

espetacular como aquilo, as pessoas estavam felizes, me cumprimentavam com sorrisos, me abraçavam com ternura. Aquele foi o dia mais lindo que eu tive na vida. Estou aberta a outros mais especiais, ou até importantes, mas aquele foi e será para sempre o mais lindo. Eu me sentia merecedora de todas aquelas honras, assim como me sentia à altura do noivo que não tirava os olhos de mim.

Enquanto as pessoas nos engoliam com seus assuntos superimportantes a única coisa que eu pensava era em fazer amor com meu marido.

— Você está difícil esta noite... — disse Lex quando conseguiu me alcançar.

— São seus convidados, mas estou preparada para fugir. Aquela história da cama ainda está de pé?

Lex sorriu, segurou em minha mão e saímos pelas escadas até o andar seguinte, lá ele me pegou nos braços e me levou para a suíte.

— Lex... — protestei.

— O quê?

— Não vamos pra casa? Eles estão logo ali...

— Não aguentaria esperar até em casa para começar nossa lua de mel. Quanto a eles, tem muita bebida, isso vai distraí-los.

PERIGOSAS ACHERON

Na manhã seguinte, viajamos para Miami.

Minha primeira viagem internacional foi maravilhosa, minha lua de mel foi incrível, passamos um mês viajando e curtindo a companhia um do outro. Estávamos muito apaixonados. Lex me despertava uma atração tão grande, que era impossível sair do quarto, estávamos vivendo um ao outro intensamente.

Existe aquele momento da vida em que as coisas viram uma rotina boa, minha vida estava se tornando isso, mas não aquela rotina chata de coisas para fazer, e sim aquela rotina legal em saber que logo mais à noite eu teria duas pessoas para se sentarem à mesa comigo, conversaríamos e teríamos um jantar prazeroso, saber que, ao dormir, o Lex se deitaria ao meu lado, e que quando eu acordasse ele estaria lá e me daria um beijo de bom dia. Rotina boa é poder fazer aquilo que você ama e que nasceu para fazer, e se tornar cada dia melhor em fazer isso. Como acontecia com a dança. Ela me envolvia cada dia mais, eu me tornava uma das melhores bailarinas da Instituição Lambertini, sem

PERIGOSAS NACIONAIS

falar naquelas coisas que não planejamos e acontecem assim sem querer. Por exemplo, o que eu havia começado a fazer por distração no convento, acabou ganhando forma e se tornando um projeto respeitado e procurado. Eu passava todas as manhãs ajudando mulheres a voltarem a viver na sociedade depois de serem abusadas ou sofrerem quaisquer tipos de violência. As visitas e a quantidade de pessoas já estava tão grande que precisamos alugar uma casa. Contratamos dois psicólogos e um psiquiatra, sem falar que Lidia, João, Linda e meus pais passaram a nos ajudar. Em um ano, havíamos criado a Instituição Restituir para todas as mulheres.

Meu casamento estava completando seu primeiro ano.

Allegra alcançou a maioridade e foi morar sozinha

E eu acabava de entrar nos vinte e me preparava para pedir o divórcio.

PERIGOSAS ACHERON

Devemos sempre seguir. Se está feliz, continue sendo feliz, se está triste mude o seu rumo.

Lex me deu um beijo na testa e afagou meus cabelos. Era uma manhã de sexta-feira, e nossa casa havia mergulhado no silêncio depois que Allegra se mudou. Nossa rotina estava mudada, mas éramos recém-casados, logo estaríamos esperando um bebê e a casa estaria cheia de vida.

Lex estava de terno e cheirava maravilhosamente bem, seus cabelos estavam úmidos seu rosto cheirava loção pós-barba.

— Tenho que ir, à noite eu te vejo...

— Só a noite? — choraminguei.

— Sairei o mais cedo que puder, lembra que hoje teremos visitas.

Lex me beijou novamente e saiu, deixando apenas o rastro do seu cheiro maravilhoso.

O meu dia foi movimentado, a começar pela ONG que estava lotada com um grupo de jovens que escrevia sobre a violência doméstica, a manhã voou, quando dei por mim, estava almoçando com

Lidia na lanchonete da instituição, João se juntou a nós e o falatório foi intenso.

— Vocês já estão sabendo do concurso que vai ter entre as escolas do Grupo Lambertini e a de um grupo do Rio? — perguntou João animado.

— Não — falamos em uníssono.

Era de se esperar que eu, como esposa do Lex, soubesse de assuntos dessa importância, mas não, eu não fazia ideia do que ele estava falando. Até por que, eu e Lex evitávamos falar de trabalho em casa, existia todo um universo de coisas que poderíamos fazer e falar que não fosse trabalho. Olhei desconfiada para o Vicente que acabava de chegar e já me olhava esperando que eu falasse algo revelador.

— Não sei de nada, o Lex saiu bem cedo hoje e não me falou o que ia resolver — afirmei.

— Seu príncipe já está virando sapo? — brincou Vicente.

— Não, apenas não gostamos de falar de trabalho — respondi dando de ombros.

— Nem quando te interessa? Ou ele não acha que você ia querer ter um espetáculo estreando na Broadway?

— Eles fazem sexo o tempo todo — brincou

Lidia. — Nem todos são como você e vivem pelos cantos sonhando com outdoors e estrelato e se esquecem dos outros prazeres — completou em tom de cobrança.

— É isso aí! — afirmei, vermelha.

— Chega desse papo, pra que dar tanta importância às besteiras do Vicente? — disse João. — Acabou de ser decidido, soube por fontes secretas, o Grupo Lambertini, junto com duas grandes companhias, vai lançar um concurso para um grupo. Eles querem estreiar um espetáculo original, com balé clássico e o que houver de moderno.

Era palpável a animação de todos na mesa, em minutos, aquilo pareceu um sonho bem próximo, jovens talentosos e cheios de energia.

— Podemos dançar juntos, somos os melhores da escola.

— Modesta você, hein, Lidia? — disse João.

— Sou sincera, podemos montar algo e brilhar na Broadway.

— Não sei quanto a vocês, mas eu tô atrasada — falei, já me levantando da mesa.

Eu não deveria ter me incomodado com as alfinetadas do Vicente, afinal, ele não gostava do

Lex, mas eu me incomodei. Se estava por vir um concurso, Lex já estaria sabendo desde o começo, por que ele não tinha me contado? Ele administrava todo o Grupo Lambertini, era dele a caneta que assinava qualquer coisa, havia de ter algum motivo para ele não me falar.

Minhas aulas naquele dia foram afetadas por minha falta de atenção, por mais que eu tentasse, minha cabeça estava em Lex. Não conseguir desenvolver nada, estava errando tudo o que tentava fazer e todos notavam isso, mas como sou persistente, fui até o fim. Quanto mais eu errava, mais eu tentava me concentrar. Quando dei por mim, venceu oito horas no relógio.

Eu não conseguia entender por que aquela história havia mexido tanto comigo. Eu não estava chateada pelo concurso, eu estava amando demais o que eu tinha, aquela vida cheia de pessoas boas e com aquela rotina de casada, talvez o Lex tenha pensado que eu me empolgaria com o concurso e teria corrido para participar, ele sabia que eu estava sendo considerada uma das melhores; talvez ele também não quisesse abandonar aquela vida de casal, assim como eu, ele poderia estar pensando em filhos e casa cheia.

— Sarah...

Lidia desceu as escadas gritando, ela estava muito agitada e animada com algo. Atrás dela, com o pique menor, porém com a mesma animação, Vicente, João e seu namorado gato faziam o que podiam para acompanhá-la.

Ela me alcançou, estava ofegante.

— Pensamos a tarde toda e tivemos uma ideia maravilhosa — disse ela eufórica. Eu continuei a olhá-la sem nada dizer, ela respirou mais um pouco e continuou a falar, João e os outros já tinham se juntado a nós. — Vamos fazer um musical com sua vida, uma freira bailarina.

— E um grande amor — completou Ian, o namorado gato

Eu não via minha vida como um musical, apesar de saber que minha história não era das mais comuns, mas levar ela para os palcos era demais

— Não acho que seja uma boa ideia — disse.

— É a melhor ideia, vamos levar esse concurso e ter esse espetáculo em todos os palcos do mundo — gritou Vicente.

Eles estavam tão felizes com a ideia, que até parecia que dali sairia uma boa coisa, se fosse em um outro tempo, eu até me animaria para tal

façanha, mas as coisas estavam diferentes, eu já tinha tudo o que eu precisava, não tinha por que me estressar com um concurso e sair por aí viajando o mundo.

Mas eles estavam tão felizes e me olhavam imaginando o que eu iria dizer. Esperavam minha resposta.

— Eu acho o máximo por vocês, apesar de não ver muita graça. Eu não vou participar, mas posso ajudar em tudo.

— Mas, Sarah...

— Não — interrompi. — Eu não quero participar, tá bem?

Eles ficaram me olhando, a empolgação deu uma abaixada.

Deixei-os e saí antes que eles pensassem no que dizer e me enchessem de coisas. Eu já estava com a decisão tomada, não iria mudar.

O trajeto para casa foi tranquilo, cheguei rápido, estacionei e percebi que o carro do Lex já estava lá, fui correndo ao seu encontro, eu estava com saudades, tinha passado o dia sem vê-lo. Lex não estava em nenhum lugar da casa, resolvi procurar nos fundos, depois da piscina, onde ficava a sala de jogos. Lex estava jogando bilhar com um

rapaz moreno. Eles não me viram chegar, então me lembrei que Erica e seu marido iriam para nos fazer uma visita.

Fui me juntar a eles, antes de alcançá-los ouvi meu nome e não resisti em escutar a conversa dos dois.

— A Sarah é teimosa — disse o Lex.

— Você tem que ser firme. Qual futuro vocês terão se continuar assim? — perguntou Bernardo, enquanto encaçapava uma bola.

— Não vejo futuro para meu casamento com a Sarah — disse Lex.

Meu coração parou por alguns segundos, meu ar faltou, senti minhas pernas fraquejarem. Quando percebi, eu já estava agachada perto do bar.

Lex pegou um copo que estava sobre a mesa e bebeu quase todo o líquido, então ele se sentou e descansou o corpo na poltrona. Bernardo também deixou seu taco e depositou toda sua atenção em Lex.

— Eu não consigo esquecer um único dia que ela está doente e que eu não posso fazer nada, ela evitar até falar no assunto. É uma insanidade! Tenho medo que ela se machuque. Já cancelei, por

vezes, apresentações que exigiriam muito dela. Até esse concurso eu tentei cancelar, tenho medo que ela se machuque, se eu pudesse, eu faria como seus pais, a colocaria em um local seguro onde ninguém pudesse incomodá-la ou machucá-la. Não consigo imaginar meu casamento além do hoje, não vejo possibilidade de ter filhos ou de comemorar bodas de ouro. Ela é o amor da minha vida, mas seguir as regras dela está acabando comigo — disse Lex com a voz cansada.

— Você não pode conversar com ela novamente?

— Ela não vai fazer, tenho duas opções, meu caro Bernardo, viver um dia com ela, enquanto a perco sem saber, ou deixá-la ir de vez.

Com certo esforço, consegui me levantar. Eu tentava controlar minha respiração para o pânico não me atrapalhar de caminhar. Com muita dificuldade, consegui chegar ao meu quarto, então deixei que meu corpo se recuperasse na cama, controlei minha respiração por quase uma hora, então me senti segura para me levantar. Peguei uma mala e, sem vontade alguma, comecei a pôr algumas roupas dentro. Eu não queria ir embora, mas eu não tinha mais o que fazer ali, eu não

conseguia chorar, o choque havia sido tão grande que as lágrimas ficaram presas em mim. Isso aumentou a dor no peito. Desisti de colocar mais coisas e resolvi ir com o que eu havia conseguido pôr na mala, eu estava acabando de fechar quando Lex entrou no quarto. Ele ficou parado perto da porta, a expressão séria, seus olhos estavam parados na mala sobre a cama. Por alguns segundos, eu o encarei e então continuei a fechá-la.

— O que você está fazendo? — perguntou ele.

— Deixando você viver. Percebi que você não é capaz de decidir o que é melhor para você sozinho, vou te ajudar.

— Do que está falando, Sarah?

— Alexandro, por favor, não torne tudo ainda mais doloroso.

— Você estava ouvindo minha conversa...

— Não — interrompi. — Eu ouvir apenas uma parte, o suficiente.

— Não podemos resolver uma briga assim, Sarah.

— Não estamos brigando, Lex, será que você não percebeu?

Saí do quarto deixando Lex a me olhar. Ele estava embriagado, sua voz estava sofrida, e eu

percebi que tudo aquilo era culpa minha. Desci as escadas quase correndo, Lex conseguiu me alcançar na porta.

— Você está me deixando?

— Não, Lex, eu estou liberando você da sua sentença. Lembra? Seja honesto comigo e consigo mesmo e me diga. — Me aproximei e olhei em seus olhos. — Olhe em meus olhos e diga que é feliz comigo, que sonha em ter filhos e pensa em nossa velhice, talvez até em netos.

Lex ainda me olhou por um tempo, então, sem ter o que me dizer, ele soltou meus braços. Abri a porta e saí para a noite escura. Sem o Lex, era como se metade de mim estivesse morrendo. Eu sabia que dali por diante nada mais me daria a alegria que ele me havia dado, tudo o que eu havia imaginado para o futuro era com ele, eu teria que refazer todos os meus planos, mapear novos caminhos. Meu coração estava doente e ele doía muito. Olhei para trás e percebi que a porta permaneceu fechada, Lex havia entendido que o melhor para ele era seguir sem mim, agora dependia de mim entender que eu precisava viver sem ele. Aquilo me pareceu surreal. Deixei a mala na calçada e refiz o caminho, parei perto da porta,

PERIGOSAS NACIONAIS

eu sabia que não conseguiria fazer aquele exames, eu não estava pronta ainda, e mesmo amando o Lex, mesmo querendo estar com ele, aquele sentimento, aquela sensação de coisa errada era mais forte, eu não podia voltar atrás. Naquele instante percebi que as lágrimas molhavam meu rosto. Contra minha vontade, eu estava finalizando uma etapa importante da minha vida, só existia uma coisa capaz de amenizar a dor e dar uma luz ao meu caminho.

Peguei o telefone, minhas mãos tremiam, e por duas vezes eu quase o deixei cair no chão.

Lidia me atendeu no segundo toque.

— Oi, amiga.

— Eu vou participar do concurso, mas eu preciso ganhar, eu quero sumir.

Lidia ficou em silêncio enquanto eu chorava desesperadamente.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo Doze

Não existe um dia pior após o término de um amor. Todos os dias são do mesmo jeito, a dor não passa, o choro está ali, basta se entregar a ele, a saudade toma conta do peito te fazendo lembrar coisas que você tenta de todas as formas esquecer. Deixar um grande amor para trás é como escalar uma montanha sem nenhum preparo ou equipamento, você sabe que é quase impossível, mas você vai tentando, passo por passo, se obrigando a levantar mesmo quando está tudo doendo, então você olha para cima e percebe que, em algum momento, toda aquela dor vai passar, todo aquele sofrimento vai valer a pena, você vai se fortalecer e vai parar de olhar para trás.

Eu estava decidida que o Lex nunca mais faria parte da minha vida e mandava essa afirmação para meu coração, ao mesmo tempo que me passava um conforto por saber que eu estaria me livrando daquele sentimento de dor, aquela tristeza

exacerbada. Eu sentia também uma dor maior ainda por saber que, em algum momento, quando tudo fosse esquecido e todos os sentimentos fossem enterrados, outra mulher tomaria meu lugar, ganharia os beijos que deveriam ser meus, os abraços, ela ocuparia meu lugar na vida e no coração de Lex, e o meu “para sempre” viraria pó.

Eu resolvi continuar da melhor forma possível, Lex era importante em minha vida, mas eu tinha que ser mais importante que ele. Entregar-me à solidão naquela altura do campeonato era uma perda grande de tempo, e eu nem sabia se tinha esse tempo.

Eu não podia ficar tentando consertar meu coração, o jeito era ir com ele quebrado mesmo.

Deixei a ONG de lado para me concentrar na dança noventa por cento do meu tempo. Os outros dez eu aplicava no meu corpo e em como ele tinha que estar para ganhar aquele concurso.

Não mais vi o Lex. Sem ligações, sem visitas. Nem mesmo na Lambertini eu o via. Ele tinha sumido. Isso não era ruim, porque, se eu não o visse, não sentiria vontade de estar com ele.

O concurso seria dali a dois meses, o grupo tinha que ser formado por mais de dez pessoas,

PERIGOSAS NACIONAIS

tinha que ter balé clássico e um pouco do que as academias chamavam de moderno. Preparamos a coreografia exatamente em cima do que havia acontecido. Cada dia ficava ainda mais bonita e especial, me incomodava a parte que mencionava um grande amor na história, mas eu decidi não tirar. Deixei apenas as partes importantes e, por mérito, eu seria eu mesma no palco.

Os ensaios passaram de cansativos para exaustivos.

O concurso seria prático sem muitas etapas. Todos os grupos mandariam seus vídeos com o show para os organizadores, eles escolheriam os três melhores. Dez dias após essa escolha, os selecionados se apresentariam no palco de um grande teatro no Rio de Janeiro, dali sairia o grupo vencedor.

A produção do vídeo tinha que ser a melhor, em alta definição, com imagem e som perfeitos. Isso ficou por conta do João e seu namorado gato.

Lidia e mais seis das meninas que estavam em nosso grupo se empenhavam na maquiagem e no figurino, um outro grupo ficou por conta do cenário, e eu e Vicente ficamos com a coreografia.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Claro que todos davam seus palpites e ajudavam em tudo o que podiam, mas organizando cada um em seu espaço seria mais fácil de ter a perfeição que Lidia tanto queria.

Linda nos ajudava em todos os detalhes.

Eu tentava não deixar tempo vago em minha vida, sempre que eu tentava ficar comigo mesma e descansar dos compromissos, Lex me enchia a cabeça e meus medos voltavam, então passei a dar todo meu tempo para o concurso e para a ONG, nesta ordem mesmo. Ia dormir às três da manhã exausta, então Lex não me visitava os sonhos. Acordava às cinco e já voltava à rotina. Pensar nele logo pela manhã me impedia de sorrir por todo o dia. Meus pais se preocupavam muito comigo, eles pediam para que eu fosse devagar, mas eu já estava grande demais até para os conselhos deles — assim eu pensava naquela época — eles não questionavam minhas escolhas quando eu as fazia, mas eu sabia que eles estavam contrariados com elas.

Dois meses depois que eu saí de casa, entrei com o pedido de divórcio.

Aquele dia eu não consegui sair do quarto, mas tudo bem, era só um dia.

PERIGOSAS ACHERON

Com a chegada do dia de gravar o vídeo, os ânimos estavam à flor da pele, já estava tudo muito bem esquematizado, estávamos prontos, aquele seria o último ensaio e, no dia seguinte, gravaríamos, e pronto, estaria nas mãos de Deus.

— Você está tão distante hoje — disse Lidia me acompanhando nos alongamentos.

— Impressão sua — respondi.

— Chamei você por três vezes antes de entrar na sala, e você não me escutou.

— Me perdoe, amiga, ando por aí com fone no ouvido escutando a música e tentando encontrar falhas em nossa coreografia, não pense mal.

— Lex renunciou à diretoria da escola e voltou para santa Monica, Erica voltou à direção hoje.

Aquilo não era bem o que eu queria ouvir, estar ali sem o Lex era como estar no deserto sem ninguém. Por vezes eu me pegava dançando, imaginando se ele estava me olhando de algum lugar, agora eu sabia que ele não estaria me olhando de lugar nenhum.

— Bom pra ele. Vamos ensaiar?

Aquele dia eu caí mais de seis vezes, Vicente gritava comigo, e eu não podia sequer questionar,

eu estava pensando no Lex, a coreografia havia sumido da minha cabeça, eu não me recordava de um passo direito, não adiantava, eu não conseguiria ensaiar.

— Desculpa, eu estou muito ansiosa, vou fazer o vídeo direito amanhã, hoje eu não consigo mais.

— Sarah! — protestou Vicente.

— O quê? — falei grosseiramente.

Todos ficaram calados. Eles não estavam acostumados com aquela Sarah. Eu nunca falava alto, sempre estava tranquila, mas naquele dia eu estava longe demais de mim mesma.

Lidia saiu do seu lugar e me acompanhou antes que eu alcançasse a porta.

— Me desculpa, eu não deveria ter falado dele...

— Que bom que você sabe que a culpa é sua — interrompi e saí antes que ela dissesse mais alguma coisa.

Chorei por quase toda a noite. Só dormi quando imaginei o Lex deitado perto a mim na cama, eu o desejei tanto ali que senti seu abraço e então consegui dormir.

O dia amanheceu ensolarado, a sensação que o Lex estava ali me trazia uma paz e uma alegria

muito grandes, foi então que percebi a Lidia em minha cama, ela estava agarrada a mim, segurava com força as minhas mãos, mesmo estando dormindo profundamente.

— Lidia... — chamei. Ela se assustou, abriu os olhos e se levantou rápido da minha cama. — Calma! — falei.

— Eu não quis dormir aí, me desculpa, ontem, quando entrei no quarto, você estava chorando. Eu não sabia o que fazer, você se encolhia na cama como se estivesse com frio, então eu te abracei e você dormiu, acho que dormi também.

— Me perdoa, amiga, não quis falar daquela forma com você, eu estava ferida.

— Eu sei, Sarah, eu vejo você se matando apenas para não pensar nele, por que você não o procura?

— Ele não merece o que eu tenho pra dar, ele merece muito mais que uma doente. Eu vou superar, um dia passa, só preciso ganhar esse concurso e me mudar daqui, e mesmo que eu não ganhe, vamos sair daqui, outro país, outras pessoas, outra vida.

— Tá bem, podemos fazer isso.

Lidia sorriu e nos abraçamos, estava tudo bem

PERIGOSAS NACIONAIS

novamente, foi só um cisco no olho.

Gravar aquele vídeo tomou o dia todo, deu muito trabalho. Era o figurino que rasgava, o cenário que caía, alguns dos dançarinos com câibras, uma das bailarinas chegou a vomitar no palco. Imprevistos. Costuramos a roupa, colamos o papel na parede e demos remédios aos enfermos. Aquele vídeo beiraria a perfeição na graça de Deus.

— Vai! — gritou o cameraman, um senhor baixinho com cheiro de naftalina.

A apresentação começava com três bailarinos entrando em uma escola de dança, e ninguém melhor que eu, Lidia e João para fazer. João não nos acompanhou no trajeto do convento, mas esteve com a gente em todo o início. Colocamos no palco tudo o que passamos nos últimos dias, a alegria de estar ali, o medo; retratamos o convento de uma forma artística que deixou muita gente atônita. Vicente era meu Lex no palco, ele não tinha aquela pegada que o Lex tinha ao dançar comigo, mas sempre foi um ótimo bailarino. A música latina que dançamos no primeiro dia foi o “quê” de moderno que colocamos em nossa apresentação. Fizemos um show para ninguém pôr defeito.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Acabamos tudo às nove horas da noite.

— Vamos comemorar — gritou João

— Isso! — concordamos.

Fomos para uma boate que ficava a umas três horas dali. Estávamos em cinco carros diferentes. Tivemos uma noite maravilhosa, dançamos na pista e deixamos ali todo resto de energia que ainda nos restava.

Não estávamos com roupas de festa, estávamos com roupas de dança, alguns de chinelos, não era algo planejado, era uma comemoração, algo natural, não esperávamos nada daquela noite além de dançarmos e sermos felizes.

Eu gostaria de dizer que esqueci o Lex enquanto estava ali dançando e brindado com vinho barato, mas em todos os momentos era com ele que eu queria estar. Ainda assim eu fui forte e dei meu melhor sorriso para curtir aquela noite.

Então chegou a hora de ir para casa, já era cinco horas da manhã. Os motoristas seriam aqueles que não haviam bebido: João, seu namorado, Brenda, Luiz e Mariana.

Entramos no carro que o João dirigia, eu, Lidia, Vicente, e Carol, uma outra bailarina.

As pessoas falam muito do álcool nas estradas,

PERIGOSAS ACHERON

realmente é algo muito sério, mas existe também o sono, ele é tão traiçoeiro quanto. Naquela manhã, dentro daquele carro, eu acho que fui a primeira a dormir. Eu estava na frente, poderia ter distraído João para que ele não dormisse, poderia ter colocado o cinto dele não só o meu, eu poderia ter feito muitas coisas, mas eu apenas dormi. O cansaço de todos aqueles dias me derrubou.

A freada brusca me acordou. Quando notei, João já estava saindo da estrada a uma velocidade considerável. Tentava controlar e frear ao mesmo tempo, mas não conseguia. Os gritos dentro do carro tornavam tudo ainda mais difícil, foi então que veio o primeiro giro, o carro capotou duas vezes e parou nos canteiros longe da pista. Aquele minuto que se passa quando o carro bate é muito estranho para quem está dentro do carro, porque primeiro vem aquela gritaria e aquele barulho horrível, e do nada tudo se silencia. Acho que levei uns dois minutos para entender que estava viva e acordada. João estava com a metade do corpo para fora do carro, entre os estilhaços de vidro, o carro estava de cabeça para baixo, o que me fez demorar em arrancar o cinto, mas eu consegui. Os vidros do carro estavam todos quebrados, saí por uma das

janelas.

Do lado de fora, dois dos outros carros pararam para nos ajudar. Ian correu para ajudar João que estava desacordado, eu me sentia um pouco tonta, mas sabia que tinha que ajudar.

— Vamos tirar todos do carro — gritei.

Atrás, só Carol não estava com o cinto. Ela havia sido arremessada para fora do carro; Lidia e Vicente estavam presos ao cinto, mas estavam desacordados. Aquilo parecia tão surreal, tão inacreditável.

Conseguimos tirar o Vicente e o João, faltava apenas a Lidia. O cinto havia enganchado e não tínhamos nada para cortar, foi uma correria muito grande.

— O carro vai explodir! — gritou alguém de longe.

— Não vamos deixar ela aqui! — respondi enquanto puxava com mais força o cinto.

— Vai explodir — gritaram de novo.

Neste instante, senti as mãos de alguém me puxarem. Olhei para trás e vi Ian, eu resisti, não podia deixar Lidia ali, ele me puxou com mais força. Já fora do carro, ele continuou me segurando para que eu não voltasse a entrar. Estávamos

brigando, eu o estapeava, mas mesmo usando todas as minhas forças não consegui me soltar. Então aconteceu o primeiro estouro, nos agachamos e veio um estouro maior. Vi um clarão iluminar o amanhecer.

— Lidiaaaaaa! — gritei.

Senti vontade de correr para ela, mas meu corpo pesou, e tudo se silenciou. As luzes foram apagadas.

Quando voltei em mim, estava em um quarto de hospital. Parecia que minha vida se resumia a isso. Abri os olhos devagar, senti o peso do meu corpo. Eu estava quebrada, todos os ossos do meu corpo doíam, minha cabeça pesava uma tonelada, havias escoriações em meus braços e pernas, e uma das minhas mãos estava enfaixada até o pulso. Lex estava parado perto a janela, os olhos distantes e os pensamentos ainda mais longe, foi então que o acidente e tudo o que havia acontecido vieram à tona, os estilhaços de vidro, os corpos, Lidia, o barulho, o fogo.

— Lidia — gritei.

Lex correu para perto de mim, suas mãos me seguraram.

— Calma, Sarah, por favor.

— A Lidia, ela está bem? Eu não consegui tirar ela, como está a Lidia? O João, meus amigos — eu gritava histericamente

— Você precisa ser forte agora, Sarah — disse Lex com aquela nota de tristeza na voz.

Meu coração acelerou a ponto de quase explodir, aquilo não podia estar acontecendo.

— Eu não quero mais ser forte, eu cansei de ser forte, me deixa ter medo, quero ver meus amigos, eu não consegui tirar a Lidia do carro, ela estava lá precisando de mim, e eu não consegui.

Eu estava gritando, Lex tentava me acalmar, mas ele percebeu que esconder as coisas e me privar das emoções seria perda de tempo.

— A Lidia e o Vicente estão bem, mas o João e a Carolina não sobreviveram.

Gritei como uma louca. Até então, eu nunca havia perdido nada de importante. Aquela dor era novidade, perder amigos que eu amava, o João que havia estado comigo desde o começo, que havia se ausentado por um tempo devido à sua sexualidade, que amava a dança e era muito bom nisso. João

havia se reinventado quando parou de pensar que estava doente ou louco, quando se aceitou e partiu para uma nova etapa, uma etapa que ele não poderia mais seguir, a dança havia acabado para ele e isso era muito triste. Carolina era recém-chegada na escola, ela era uma ótima dançarina, Lidia a tinha chamado para se juntar a nós porque ela sabia que a menina tinha muita capacidade e ela havia feito um trabalho maravilhoso, mas aquilo também havia acabado.

Chorei por horas, Lex ficou ali ao meu lado, ele me abraçava e pedia para que eu não chorasse, era impossível, meus pais também estiveram lá.

Naquela mesma noite, eu fui nos quartos do Vicente e da Lidia.

Os dias seguintes foram ainda mais difíceis. Saímos do hospital para o enterro dos nossos amigos, o clima do lugar estava me fazendo muito mal, pessoas chorando, os pais deles estavam gritando e aqueles gritos entravam em minha alma, aquelas coisas que as pessoas liam me deixavam ainda pior. Eu não conseguia parar de chorar, ninguém conseguia.

“Eram dois jovens, ele com vinte, ela com dezoito, toda uma vida pela frente, interrompidos

brutalmente por um acidente, um livro em branco que se encerra...”

Eu não conseguia mais ficar ali, cada palavra batia em mim como uma faca. Elas me cortavam, e por mais que eu chorasse, por mais que as lágrimas rolassem, a dor que me sufocava o peito continuava ali, intacta.

— Eu preciso sair daqui, Lex.

— Claro, Sarah, vou levar você pra casa.

Lex dirigiu em silêncio, eu estava presa em um mundo triste e sombrio, nem percebia por onde estava indo. Quando o carro parou, notei que estava na frente da casa dos meus pais.

— Você está bem? — perguntou ele me encarando.

— Não é meu melhor dia — respondi.

— Queria poder mudar isso — disse ele triste.

— Não quero ficar aqui, me leva de volta — protestei.

— Sarah, por favor, eu não posso te deixar sozinha naquele alojamento, a Lidia está com a família, o Vicente, você também precisa de ajuda, eu não posso te deixar lá e não posso ficar com você, estar perto de você me machuca muito. Não seja teimosa, fica com seus pais.

PERIGOSAS NACIONAIS

Por um tempo, ficamos em silêncio. Tínhamos tantas coisas para dizer um ao outro, mas faltava coragem e sobrava medo, então Lex resolveu acabar com aquela tortura, ele pegou um envelope no carro e me entregou, desse momento em diante seus olhos não encontraram mais os meus.

— O que é isso?

— O que me pediu.

— São meus exames? — perguntei.

— Não, Sarah, eu até pensei em fazer, você acordaria e saberíamos o que está acontecendo, mas eu não quero ficar fazendo essas coisas, não gosto desses jogos, eu amo você, Sarah, enlouquecidamente, mas é impossível para mim seguir suas regras. Eu nunca fui tão fraco em uma situação como estou sendo nesta, desculpa, eu não consigo, se você não consegue fazer o que peço, cuidar da sua saúde nos dando um futuro, nos dando a possibilidade de sonhar, eu também não posso viver esperando que você morra a qualquer momento, Deus deixou a medicina por algum motivo, não acha?

Fiquei olhando aquele envelope por um tempo, eu sabia o que estava lá dentro, mas queria ter certeza, só para sofrer.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— O que é isso? — perguntei.

— Os papéis de divórcio que você me mandou, eles estão assinados.

— Por que você veio e ficou do meu lado?

— Eu estava aqui, você precisava de um acompanhante, coincidência.

Então era isso, não havia mais o que falar, perguntar, era o fim do fim.

Peguei minha bolsa e saí do carro, não fiquei ali me martirizando, eu não queria nem chorar mais, minhas lágrimas já haviam acabado, meu estoque de sofrimento já estava no fim. Sentei-me na escadaria da minha casa e vi o Lex partir. Eu estava entorpecida, naquele momento, eu não sentia mais nada.

Ficar na casa dos meus pais era como voltar para uma prisão. Eu nunca mais havia tido a coragem de dormir lá. Mesmo estando vivendo um relacionamento bom com eles, eu tinha medo que eles resolvessem me prender a qualquer momento, como naqueles filmes loucos que a Lidia insistia em me obrigar a assistir.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Mas para minha surpresa, foi maravilhoso, energizante. Meu pai estava tão mais humano e gentil, minha mãe havia assumido o controle da casa e tudo ficou diferente, ela preparava os cardápios para as refeições com comidas gostosas e vinhos, havia flores pela casa e, no domingo, meu pai assava carne em frente à piscina, os empregados falavam mais que sim, senhora e sim, senhor, não era mais o lugar em que eu havia nascido, era um lar.

Já fazia quase quinze dias que eu estava na casa dos meus pais, eles me paparicavam e conversávamos o tempo todo sobre tudo. O acidente ainda estava muito recente em minha cabeça, mas eu já não tinha mais pesadelos. Ainda estava sentida com a partida dos meus amigos, e eu sabia que não era uma dor que se passaria assim de uma hora para outra, até hoje ainda sinto, ainda choro, nunca passa na verdade, você apenas vai aprendendo a lidar com esses sentimentos. O Lex estava em minha cabeça por todos os minutos, eu me pegava olhando aqueles papéis e ensaiando assiná-los, mas era algo que eu poderia fazer depois.

PERIGOSAS ACHERON

Então chegou o dia do resultado do concurso

Minha mãe desceu as escadas eufórica, eu estava vendo desenhos com meu pai, ele sempre se amarrou em ver *Apenas um Show* e *Hora de Aventura*. Ele gravava horas de episódios e os assistia em seu tempo livre e, com a nova vida, esse tempo livre ficou maior e as horas de desenhos também, então estávamos nos divertindo.

— Sarah, seus amigos estão chegando — disse minha mãe correndo para a cozinha. — Vou preparar um lanche para vocês, e alguns docinhos.

Olhei para meu pai assustada, eu não estava entendendo aquilo, ele sorriu para mim e me disse baixinho:

— Ela sempre quis receber seus amigos, você está realizando um sonho dela.

Ri muito daquilo e continuei ali vendo desenhos, enquanto o barulho na cozinha sinalizava que minha mãe estava cozinhando.

Lidia, Vicente e o Ian, chegaram umas duas horas depois. Eles estavam melhor que da última vez em que eu os havia visto. Lidia já estava quase sem machucados, e sua cor estava bem mais saudável; Vicente ainda usava um suporte no

pescoço; Ian estava mais conformado apesar do olhar triste, mas pelo menos não chorava descontroladamente, eu sabia que precisava só de uma fagulha para isso acontecer. Eu os esperei na piscina. Estava muito calor, nos cumprimentamos e sentamos ali mesmo, minha mãe pôs uma mesa farta com doces, bolos, sobremesas e mais uma variedade de coisas, meus amigos me olharam sem saber o que estava acontecendo. Havia comida para cem pessoas.

— Ela está feliz em receber vocês — disse e dei de ombros.

Eles não estavam a fim de comer, estavam ali para outra coisa, eu até havia me esquecido do concurso.

— Nós passamos — disse Lidia direta.

— Eles precisam saber se vamos aceitar ir à final — disse Vicente.

Eu os olhei abismada, não era possível que eles ainda estivessem pensando no concurso.

— Vocês estão loucos? Sem o João e a Carol? Eles eram parte desse show, não posso sem eles — falei.

— Não! — disse o Ian em tom de autoridade.
— O João queria isso mais que tudo na vida, a

Carol também, não está sendo fácil para mim fazer isso, mas eu vou seguir, vou subir naquele palco e dar o melhor de mim, para o João, onde quer que ele esteja.

E a fagulha pegou fogo, Ian se acabou no choro e nós o acompanhamos.

— Eu quero — disse Lidia.

— Eu danço até com esse cone de cachorro — disse Vicente se ajeitando na cadeira para olhar para o Ian.

Então eu os olhei e notei que eles estavam certos, não fazer aquele show seria como jogar fora todo o trabalho do João, todos os anos que ele havia colocado na dança. Não era hora de jogar a toalha e dar o jogo por encerrado.

— Temos que ensaiar muito.

E mais uma vez estávamos comemorando. Não com a mesma alegria de sempre, os sentimentos haviam mudado, os objetivos também, mas se iríamos fazer aquilo, teria que ser feito da melhor forma.

— Vamos pra Lambertini hoje — disse Ian.

— Vamos brindar com suco — sugeriu Vicente levantando o copo.

— Melhor não — Alertei. -- Essas comidas aí

PERIGOSAS NACIONAIS

foram feitas pela minha mãe, e é melhor vocês terem trazido uma bolsa grande para poder levar a metade, mas, por favor, não comam.

— Sarah... — reclamou Vicente.

— Vai lá! Beba! — desafiei.

Vicente deu uma golada no suco e cuspiu na grama.

— É! De fato, não é uma boa ideia.

Pegamos estrada às oito da noite com o portamalas repleto de comida.

Voltar para a Lambertini era um novo começo, descobrir que a vida continuava era bom, nossos corações ainda estavam machucados, qualquer coisa que lembrasse o João e a Carol nos fazia cair no choro. Foi assim na primeira vez que nos reunimos com todos do grupo para discutir assuntos importantes, foi assim no primeiro ensaio, no segundo e, quando percebemos, as lágrimas já estavam escassas das nossas reuniões. Demorou, mas aprendemos que se lembrássemos deles e sorríssemos lembrando de algo que eles faziam, essas lembranças se espalhariam, e todos ficariam saudosos, mas felizes por terem os conhecidos.

PERIGOSAS ACHERON

Faltava pouco para o grande dia. Nossos figurinos ganharam mais brilho e melhorias incríveis, ganhamos as passagens e alguns benefícios dado pelo Grupo Lambertini, como uma bonificação por estarmos em uma final tão importante. Diferente dos ensaios que nós mesmos fazíamos e nos organizávamos para fazer o melhor, agora contávamos com todos os professores para nos ajudar a melhorar nossa apresentação. O tempo dos ensaios passou de algumas horas para o dia inteiro, e isso era magnífico. Nossos corpos chegavam ao extremo do cansaço, nossos pés sangravam ao longo de tanto esforço, tudo girava em torno daquilo, nossas forças, nossos sonhos, nossa vontade de viver.

Qualquer outro aspecto de nossas vidas ficou em segundo plano, isso foi bom, assim eu não pensava muito no Lex, mas sempre existia aquele pouquinho que me incomodava. E estar ali, onde tudo me lembrava dele, não me deixava fugir daquele sentimento de saudade que vinha com o fim da noite, mas Lidia estava lá, e juntas estávamos superando todas as dores.

Faltavam três dias para o grande show. Iríamos viajar no dia seguinte para o Rio de Janeiro,

estávamos ainda mais emocionados que antes, e um pouco mais confiantes, tudo que tínhamos feito até ali, estava com outra roupagem e estava bem melhor.

Era nosso último ensaio na Lambertini, estávamos no palco do auditório, havia mais quatro dos melhores professores nos assistindo. Tudo estava muito bem produzido.

Um dos professores dava a exata colocação de uma pegada importante para Vicente que cismava em fazer do jeito dele — ele era assim e é até hoje —, ele é bom e sabe disso, portanto, tudo o que ele acha que está fazendo certo, vai estar certo e dane-se quem quiser mudar.

— Se você não fizer dessa forma, ela vai correr o risco de cair — disse o professore já bravo.

— Do jeito que quero fazer terá mais brilho...

— Você não ouviu o professor dizer que assim é arriscado? — disse Erica Lambertini, entrando no auditório e interrompendo o Vicente.

Ela era incrivelmente bonita, tinha os cabelos longos e pretos, o corpo dela não era de bailarina, era uma mulher voluptuosa, com seios fartos e bunda avantajada, coxas grossas e cintura fina. Um mulherão. Eu fiquei observando-a por um tempo,

PERIGOSAS NACIONAIS

porque eu estava acostumada com bailarinas magras sem nem um pouco de carne, finas como bambus. Ver aquela mulher grande e corpulenta foi como ver uma artista saindo da TV, mesmo que ela estivesse trajada simplesmente com jeans e camiseta.

Todos repararam nela.

Ela subiu ao palco e ficou de frente para o Vicente que, mesmo que sempre tivesse uma gracinha para dizer, se calou diante dela.

— Vicente, sempre dando trabalho, o que eu faço com você? Não se cansa de bater de frente comigo?

— Se vocês me ouvissem, poderíamos levar esse show ao extremo — disse Vicente.

— O pior é que escutamos — disse ela sorrindo. — Não começa a inventar, tá bem? Você está fazendo um ótimo trabalho, mas se você matar a Sarah, não será muito legal.

Eu nem sabia que ela sabia meu nome, então me lembrei que eu era a esposa do Lex, seu irmão, eu já havia feito parte daquela família, isso parecia ter sido em uma época bem distante, a depressão bateu em minha porta novamente.

PERIGOSAS ACHERON

Será que o Lex estava lá?

Vicente resolveu fazer o que o professor mandava, o ensaio então rendeu e todos que assistiam aplaudiram de pé. Erica ficou ali por um bom tempo assistindo, então se retirou. Do meu lado, Lidia me observava.

— Vai lá, Sarah, pergunte sobre ele, vocês se amam...

Fiquei por um tempo ali, apenas olhando, eu não pretendia ir atrás daquela mulher, mas me peguei levantando e indo em direção à diretoria.

Eu não sabia ao certo o que eu iria fazer lá, o que eu poderia falar, eu apenas fui.

A sala da diretoria estava aberta quando cheguei, Erica estava ao telefone, dei uma leve batida na porta e entrei, ela me pediu para sentar, eu a obedeci. Enquanto ela terminava a conversa do telefone, meu coração lembrava da minha primeira noite que eu tive com Lex ali, não exatamente naquele canto, mas bem próximo. Senti saudades dele.

— Em que posso te ajudar? — perguntou ela, interrompendo meus pensamentos.

— O Lex, eu queria saber dele, faz tempo que...

— Você veio saber do meu irmão? — perguntou ela com ironia.

Me senti uma tola. Da forma como ela falou, fez parecer algo tão estúpido, eu nunca tive problema de inferioridade, mas me senti muito inferior naquele minuto.

Por um momento, fiquei ali olhando, procurando um lugar por onde eu poderia sair sem ter que responder àquela pergunta, mas não havia escapatória, eu tinha que improvisar.

— Temos coisas pra resolver — disse, me referindo ao divórcio.

— Certo, eu posso te pedir uma coisa?

— Claro! — respondi.

Ela se sentou do meu lado.

— O Lex é um empresário muito importante, tem muitos negócios para resolver, ele veio ficar aqui porque meu pai insistiu muito, seriam seis meses o tempo de eu poder voltar a cuidar da menina dos olhos do meu pai, mas o Lex fixou moradia aqui, refez toda a vida pra ficar aqui com você. Ele se casou com você, cuidou de você e a única coisa que ele te pediu foi para se cuidar também, mas lógico que você não poderia fazer isso. Você é egoísta demais pra isso. Quem se

importa com o que ele sente quando você tem que estar bem? Ele está magoado, Sarah, sofrendo, ele não para em lugar nenhum, só viaja. Compromisso em cima de compromisso. Quando você se acidentou, ele veio pra cá no mesmo segundo, ele estava no Japão. E o que ele ganhou cuidando de você no hospital? Seu pedido formal de divórcio. No dia que você saiu de casa, ele ficou dois dias trancado no escritório, eu nunca o tinha visto tão desesperado. Sarah, se você não pode fazer algo por ele, o deixe em paz, por favor.

Ela se levantou e caminhou até a porta, claramente me dizendo que nosso assunto estava acabado, eu não tinha muito a dizer, estava furiosa comigo mesma.

— Eu entendi, me desculpa, Erica.

Eu não tinha mais nada para falar e nem conseguiria, o choro já estava na garganta, e eu não queria chorar perto daquela mulher.

— Sarah — Erica me chamou, parei no meio do corredor. — Se concentre em sua apresentação no Rio, muita gente importante vai estar lá te vendo.

A porta se fechou e eu fiquei parada sem saber o que aquilo significava.

Encontrei Lidia me esperando na saída da escola, ela estava sentada na calçada massageando os pés machucados.

Ela ficou me olhando sem saber o que dizer, não sei o que se passava em meu rosto, mas meu coração estava destruído. Sentei-me junto a ela na calçada, por um tempo eu fiquei ali quieta, percebi que Lidia não parava de me olhar.

— O que foi? — ela, por fim, perguntou.

— Eu não consigo, eu até já tentei, mas não consigo.

As lágrimas molhavam meu rosto, eu sabia de tudo o que estava perdendo por estar com medo, o mais certo seria enfrentar, mas eu não tinha forças para fazer aquilo que Lex me pedia, não era uma regra, era algo que eu tinha medo de tocar.

— Do que você está falando? — perguntou.

Então eu a encarei. Ela estava séria, e havia muita compaixão em seus olhos.

— Eu tenho medo de fazer os exames que o Lex tanto quer, eu tenho muito medo. — Chorei.

— Calma, amiga.

— Não! Sempre foi medo, sabe, eu preferi deixar tudo do jeito que estava porque era mais cômodo para mim, mas, na verdade, eu estou e

sempre estive com medo. Não posso imaginar ter exames que comprovem que eu estou doente, eu não me sinto doente, não posso fazer esses exames, mas não posso ficar sem o Lex. Eu o amo tanto, sinto tanta falta dele, não posso seguir sem ele.

Lidia me abraçou, ela sempre chorava junto comigo, mas aquele dia não, ela se manteve firme, seus olhos estavam vagando à procura de soluções.

Enquanto ela me abraçava, meu coração desistia de tudo aquilo.

— E se eu fizesse os exames por você? — disse ela me abraçando ainda mais forte.

— Mentir? — perguntei.

— Apenas um segredo, Sarah. O segredo de Sarah.

— E da Lidia — completei.

— Temos o dia de amanhã todo livre para descansar, podemos fazer isso.

Por um tempo eu fiquei ali pensando em toda aquela história, minha vida já era, há muito tempo, um mar de segredos, ter um que me fizesse ficar com Lex não deveria ser errado. Eu o amava tanto! Por outro lado, eu sentia tanto medo de encarar o que ele me pedia, e se com o passar do tempo eu tivesse coragem de fazer os exames, a mentira se

tornaria verdade e tudo se acertaria. Eu poderia fazer aquilo, assim ele não sofreria, eu não sofreria, e tudo ficaria bem. Mas por quanto tempo eu conseguiria manter aquela mentira? Era difícil dizer, sobretudo sabendo que Lex era alguém extremamente inteligente e influente.

— O que você acha? — perguntou a Lidia. — Você dá os meus exames para ele, vocês voltam, e ficam felizes para sempre.

— Para sempre dura quanto tempo?

— Para sempre não tem duração, ele é um sorriso, um abraço, um beijo, ele é tudo o que você consegue lembrar muito tempo depois que aconteceu.

— Como eu, você e o João dançando no apartamento da Linda?

— Sim, aquilo é para sempre.

Por um tempo, eu pensei em tudo aquilo e, de fato, eu tinha uma ótima solução.

— Vamos, preciso falar com o Vicente.

A viagem para o Rio foi tranquila. Juntos, repassávamos os passos, os giros e até os saltos em

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

todos os momentos vagos. Estávamos nervosos, a sensação era que o prêmio já era nosso e que só estávamos indo receber, mas sabíamos que existiam mais dois grupos que, assim como nós, estavam com a mesma sensação. Evitávamos ver qualquer coisa relacionada a outros grupos, isso nos impedia de ter medo e de fraquejar. Nos distanciamos de mídias e de pessoas que não faziam parte do grupo, nos fechamos apenas no show porque precisávamos ganhar. Vicente caminhava de um lado para o outro no salão do aeroporto enquanto esperávamos o motorista do hotel ir nos buscar. Ele estava preocupado, não havia muito a se fazer àquela altura do campeonato. A coreografia sofreu algumas mudanças, mas ficou perfeita, não tinha por que ele estar com tanto medo.

Fizemos teste de palco por quase toda a tarde, aproveitamos que nenhum dos outros dois grupos havia chegado, isso era bom, conhecer o lugar onde dançaríamos, ter noção de espaço. Enquanto passávamos os últimos passos, os organizadores arrumavam o local com flores, tapetes vermelhos, cortinas brancas e mais um mundo de coisas bonitas e sofisticadas.

Eu ainda não tinha certeza se eu havia

PERIGOSAS ACHERON

escolhido o caminho certo, mas sabia que ao final daquela noite eu estaria nos braços do Lex. Claro, se os exames fossem o único empecilho e ele ainda me amasse.

Capítulo Treze

A casa estava cheia, um dos maiores teatros do Rio estava lotado de pessoas. Seria aquele meu primeiro grande evento. Eu nunca havia me apresentado para tantas pessoas, mas eu não estava preocupada com isso, a única coisa em que eu conseguia pensar era no homem de *smoking* preto que estava sentado na primeira fileira do teatro. Eu nunca o havia visto tão lindo.

Lex estava sentado junto de sua irmã. Ela usava vestido longo azul e conversava com ele, algo que os envolvia de tal forma que parecia que não viam mais nada. Lidia se aproximou de mim e me mostrou nossos pais. Eles haviam ido juntos e, pelos sorrisos, estavam se divertindo.

As pessoas estavam todas muito bem vestidas, com vestidos longos e joias caras. Era um evento maravilhoso.

No camarim, a realidade era outra. Bailarinos emendavam pedaços de meias para pôr em suas

sapatilhas, evitando assim ficarem sem um dos dedos, pedaços de implantes de cabelo eram colocados em coques enormes, as muitas olheiras eram cobertas por maquiagem carregadas feitas por mãos ágeis, o caos se estendia quando algum figurino se rasgava ou alguma sapatilha da sorte sumia ou quando alguém vomitava no banheiro. Mas, aos poucos, tudo foi se encaixando. O primeiro grupo se organizou, e todos seus figurinos foram organizados para as trocas rápidas de palco, então a noite foi aberta por um grupo só de mulheres. Enquanto isso, nós e o outro grupo tentávamos nos organizar para nossa hora.

A primeira apresentação foi linda, elas fizeram um espetáculo aéreo com fitas gigantes que as suspendiam e as faziam voar. No chão, muitas delas conseguiam voar também com seus saltos maravilhosos de finalizações impecáveis.

— Perfeito! — diziam as pessoas.

A segunda apresentação foi menos arrepiante, eles erraram alguns passos, e isso desconcertou todos no grupo.

Enfim chegou a nossa vez. Entramos no palco escuro abrindo nosso espetáculo, eu, Lidia e Ian, que tomou lugar do João. Aquilo era doloroso, mas

PERIGOSAS NACIONAIS

ao mesmo tempo era gratificante pensar que eles estavam felizes nos vendo dar continuidade aos seus trabalhos. Com as luzes apagadas, as fotos de João e da Carol eram vistas nos telões atrás da gente. Emocionante. As luzes do palco iam mudando de cor conforme trocávamos de cenário e de figurino. Sempre que as freiras entravam no palco, a iluminação ficava baixa lembrando as velas daquele lugar, Vicente entrou no palco e seu semblante era de segurança, ele realmente me lembrou o Lex. Era maravilha dividir aquela magia com aquelas pessoas que eu tanto amava e amo. Então chegou o momento que o Vicente tanto temia, havíamos trocado a parte da música latina que fazia todos os bailarinos se juntarem no palco por apenas nós dois. Eu com aquela camisa branca social, enquanto Vicente usava jeans sem camisa. A música envolveu o lugar, e eu quase não segurei a emoção. Era a minha primeira vez se tornando eterna na arte, um momento que se tornou para sempre. Eu não conseguia olhar para o Lex para saber se ele estava gostando da surpresa, de nos ver representados naquele palco, mas eu estava muito feliz, e ao término de toda aquela apresentação, eu o pude encarar de cima do palco. Ele estava

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

sorrindo e me aplaudindo de pé. Naquele instante, vi quando Linda se aproximou e lhe entregou o envelope como nós havíamos combinado. Ele segurou e se sentou para ver o que havia dentro, e as cortinas se fecharam em minha frente.

O barulho ali no palco era enorme, muitos riam descontroladamente, outros choravam e se abraçavam, Vicente abraçava Lidia e a beijava ardentemente, aquele relacionamento que ninguém entendia, o clima de felicidade daquele lugar era maravilhoso e contagiante, só perdia para o pânico que existia em mim por pensar que o Lex poderia não me aceitar mais em sua vida.

As cortinas se abriram novamente para os agradecimentos, Lex não estava mais lá.

Ele devia ter mudado de ideia quanto a mim, não seria de se espantar. Um homem tão especial quanto Lex não perderia muito do seu tempo esperando uma tonta como eu. Por mais que isso me deixasse chateada e triste, era compreensível. As cortinas se fecharam novamente, mais uma onda de gritos risos e choros veio dos meus colegas de dança. Eu sorria ao mesmo tempo que as lágrimas

PERIGOSAS ACHERON

rolavam por meu rosto. Eu estava feliz por termos conseguido uma apresentação tão maravilhosa, e triste por ter perdido de vez o Lex. Talvez se eu tivesse pensando naquilo alguns meses antes, ele ainda estivesse comigo, mas só sabemos o quanto crescemos quando tomamos decisões como essa e nos arrependemos depois imaginando muitas outras formas de resolver.

— Saiam do palco, vamos — disseram duas mulheres apressadas trazendo um grupo de pessoas para desmontar cenário. Em questão de segundos, o local onde sairia o ganhador já estava decorado.

Eu não tinha mais nada a fazer ali, já havia dado o melhor de mim no palco para meus amigos ganharem, eles não precisavam mais da minha presença. Era um grupo de dezessete pessoas, se por acaso ganhássemos, eu, com certeza, não faria falta.

— Vou para o hotel, não me sinto bem — avisei a Lidia.

— Não, você vai se trocar e vamos encarar essa disputa, somos seus amigos, Sarah, queremos dividir isso com você.

— O Lex foi embora, Lidia.

— Então ele é um babaca, Sarah, você é

maravilhosa, nem mentir para ele você conseguiu. Ele não queria que você enfrentasse e fizesse os exames? Você foi sincera em dizer que estava com medo, pediu ajuda e ainda fez aquela homenagem linda ao amor de vocês. Ah, me poupe! Se ele foi embora, que se dane.

— Você está certa.

Me troquei e descemos para esperar o anúncio do ganhador do prêmio. O apresentador começou fazer um discurso longo, os ânimos estavam à flor da pele, todos com aquela expectativa de que iriam ganhar, mas foi só quando aquele homem magrelo e pálido nomeou nosso grupo como o grande vencedor foi que eu pude sentir toda a emoção de tudo o que havíamos feito. Imagens da nossa apresentação começaram a passar nos telões, e era maravilhoso.

— Parabéns, Sarah!

Disse Ian a me abraçar. Ele estava emocionado, assim como eu e todos os ali presentes. Subimos ao palco e recebemos o prêmio juntos com todas as honras.

Foi quando eu o vi. Lex adentrou o palco com todo aquele ar de perfeição que só ele tinha. Em suas mãos, um buquê de rosas azuis. As mais lindas

PERIGOSAS NACIONAIS

que já tinha visto — não que eu já tivesse visto rosas azuis — e foi em minha direção. Seu rosto trazia um sorriso contagiante. Entregou-me as rosas.

— Desculpa a demora, rosas azuis são incomuns.

Eu sorri e mergulhei em seu abraço, Lex me segurava me beijava ali no palco para todos os olhares.

— Eu senti muita saudade de você — disse ele.

— Eu te amo — respondi.

As pessoas nos aplaudiam de pé. Eu não sabia bem quem elas estavam aplaudindo, porque eu só enxergava o Lex, estávamos tão felizes e ligados um ao outro que esquecemos onde estávamos e quantas pessoas havia ali.

Lex me beijava eu o correspondia da melhor forma possível. Era muita saudade guardada, muito orgulho sendo destruído.

Então ele se deu conta de onde estávamos quando notou o vermelho gritante em minhas bochechas, se virou e viu todas aquelas pessoas nos olhando.

Deixamos o palco e fomos para os bastidores, ele segurava firmemente minhas mãos.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Onde vamos? — perguntei.

— Tem muita gente aqui, não acha?

Eu olhei para ele e senti a malícia em seus olhos. Eu não podia julgá-lo, também estava louca para tê-lo novamente, sentir seu cheiro e ser dele. De tudo o que eu havia vivido, Lex foi como um prêmio, uma recompensa por não ter me tornado alguém ruim ou mesquinha, um presente que Deus havia me enviado por eu ser uma pessoa boa. Foi pensando nisso que fiquei feliz em ter optado em não aceitar a proposta da Lidia, fazer uma homenagem no palco para ele e mandar aquela carta expondo todos os meus medos foi o certo.

— Você vai comigo fazer os exames por que eu estou com muito medo? — perguntei.

— Eu vou com você para qualquer lugar, eu nunca mais vou te deixar sozinha. — Me beijou. — Quer ir comemorar comigo?

— Sim, vamos — respondi.

Lex segurou minhas mãos e começamos a sair do teatro.

— Calma, não vamos esperar os outros? — perguntei.

— Essa comemoração é só nossa. Vamos, eu tenho uma surpresa para você, meu amor.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você conseguiu preparar uma surpresa em tão pouco tempo?

Lex me abraçou e sorriu.

— Não foi só você que mudou de ideia e jogou a toalha.

Juntos, fizemos aquela noite se tornar inesquecível em nossas vidas, uma noite para sempre.

PERIGOSAS ACHERON

Epílogo

A turnê foi o maior sucesso já visto em toda a história de musicais. Estávamos em todos os jornais e sites do mundo. Nosso espetáculo conquistou alguns prêmios, já estávamos há quase seis meses na estrada, e a previsão era para mais seis meses. Sempre foi muito divertido estar com meus amigos, o espetáculo consolidou dois deles, o Ian e o Vicente, como os melhores bailarinos modernos. Às vezes fico olhando para o Vicente e tento imaginar o que se passa naquela cabecinha, mas acho que ele só tem a dança dentro dele.

Lidia percebeu isso semana passada quando engatou um namoro com um modelo indiano. Hoje eu me sinto bem, foi certo eu não ter criado outro segredo para a minha vida com o Lex. Somos melhores sendo honestos. Nossa vida não chegou a uma rotina ainda, apesar de termos retomado de onde paramos. Como eu tinha um espetáculo para estreia, nosso casamento virou só em viagens, e

isso é espetacular. Lex vai comigo por todas as cidades que estamos em turnê, e quando ele não pode ir por conta do trabalho, dá um jeito de me encontrar dois ou três dias depois. Ainda não fiz os exames que ele tanto quer, mas sinto que depois de tudo o que aconteceu com a gente, ele não tem mais tanta presa. Toda semana uma nova agenda de exames é marcada, mas acabamos por adiar. Hoje eu remarquei novamente esses exames, agora por mim, não tenho mais medo do que pode vir, eu estou pronta para enfrentar, até por que, acredito que não vai acontecer nada que possa destruir essa paz que eu consegui conquistar.

Relendo minha história, eu consigo entender que tudo o que eu passei foram escalas para alcançar tudo o que eu tenho hoje, não estou falando de dinheiro porque esse eu sempre tive, mas hoje tenho uma profissão amada em que sou reconhecida, ganhei até prêmios; tenho os melhores amigos que uma pessoa pode querer; tenho a minha família e a família do Lex que me abraçou como filha; e tenho o Lex, que está perto de mim em todos os momentos. Ele me acalma e me ama, assim como eu o amo. De fato, só hoje eu consigo entender todas as coisas que me foram ditas pela

PERIGOSAS NACIONAIS

Irmã, porque tudo o que consegui conquistar só se tornou realidade quando eu perdi o medo. Este é como um veneno, ele não te mata de cara, ele vai te matando aos poucos quando tira de você a possibilidade de ser feliz. Quando eu deixei de ter medo, tudo se tornou muito mais simples e concreto. E hoje, mesmo que eu esteja doente, ou se eu chegar a morrer por isso, esses dias, meses e anos que eu viver serão, com certeza, o nosso final feliz

E esse é o meu para sempre.

PERIGOSAS ACHERON